

CREUSA RIBEIRO DA SILVA LELIS



PRÁTICAS EDUCATIVAS NA
**CASA DA
VOVOZINHA**



editora**ifrn**

CREUSA RIBEIRO DA SILVA LELIS



PRÁTICAS EDUCATIVAS NA
**CASA DA
VOVOZINHA**



editora**ifrn**

Natal, 2017

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro da Educação
José Mendonça Bezerra Filho

Secretária de Educação Profissional e Tecnológica
Eline Neves Braga Nascimento



Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo
Coordenadora da Editora IFRN
Darlyne Fontes Virginio

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Alexandre da Costa Pereira
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anísia Karla de Lima Galvão
Cláudia Battestin
Darlyne Fontes Virginio
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabiola Gomes de Carvalho
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Francisco das Chagas de Mariz Fernandes
Francisco das Chagas Silva Souza
Genoveva Vargas Solar
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
José Gilauco Smith Avelino de Lima
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri
Lenina Lopes Soares Silva
Liege Monique Filgueiras da Silva
Márcio Adriano de Azevedo
Maria da Conceição de Almeida
Maria Josely de Figueiredo Gomes
Melquiades Pereira de Lima Junior
Nadir Arruda Skeete
Neyvan Renato Rodrigues da Silva
Rejane Bezerra Barros
Régia Lúcia Lopes
Rodrigo Siqueira Martins
Samuel de Carvalho Lima
Sílvia Regina Pereira de Mendonça
Valcinete Pepino de Macedo
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa
Charles Bamam Medeiros de Souza

Fotos da capa: Niklas Hamann, Cristian Newman,
Swaraj Tiwari (em Unsplash)

Revisão Linguística
Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Prefixo editorial: 94137
Linha Editorial: Acadêmica
Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

Ao Prof. Dr. Wilson Honorato Aragão, eterno orientador; aos meus pais, Antônio Francisco da Silva (in memoriam) e Nair de Moura Ribeiro, e aos irmãos e às irmãs do ideal espírita, participantes na Casa da Vovozinha, dedico.



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

L541p Lelis, Creusa Ribeiro da Silva.
Práticas educativas na casa da vovozinha / Creusa Ribeiro da Silva; projeto gráfico, diagramação e capa, Charles Bamam Medeiros de Souza; revisão linguística Rodrigo Luiz. – Natal: IFRN, 2017.
352 p : il. Collor.

ISBN: 978-85-94137-18-0

1. Espiritismo. 2. Educação – Espiritismo. 3. Educação popular – Espiritismo. I. Silva, Creusa Ribeiro da. II. Título.

CDU 133.9:37(813.3)

Divisão de Serviços Técnicos.
Catalogação da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, misericordioso e bom, pela oportunidade de uma nova existência, na qual me permitiu a realização de um sonho. Obrigada pela capacidade intelectual, pelas energias renovadas a cada dia e pela crença nos ideais cristãos.

A Jesus, nosso Mestre maior, pelo fluir das ideias nos momentos mais difíceis, trazendo a luz em meio às trevas e às dificuldades.

Ao presidente, à vice-presidente da União Espírita Deus, Amor e Caridade e a todos/as os/as amigos/as e irmãos/ãs em Cristo, pela disponibilidade incansável em me servir, participando das entrevistas e oferecendo todos os documentos utilizados na pesquisa.

PÁGINA EM BRANCO

Os amigos da Vida Maior nos ensinam que, na prática da humildade, na prestação de serviços aos nossos irmãos da Humanidade, adquiriremos esse antídoto contra a falta de confiança em nós próprios, de vez que aprenderemos, na humildade, que o bem verdadeiro de que possamos ser intérpretes em favor dos nossos semelhantes procede de Deus e não de nós.

Chico Xavier.

PÁGINA EM BRANCO

SUMÁRIO

PREFÁCIO 11

1 INTRODUÇÃO 13

- 1.1 Aproximação com o objeto de estudo 14
- 1.2 Aspectos que justificaram a pesquisa 16
- 1.3 Delimitação do problema da pesquisa 18
- 1.4 Objetivos da pesquisa 19
- 1.5 Procedimentos metodológicos 20

2 LUTAS E ESPERANÇAS NO PÓS-1930: UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA CASA DA VOVOZINHA 33

- 2.1 Uma breve história da Paraíba (1930-1935) 35
- 2.2 Papel da religião católica durante a República Nova 40
- 2.3 O surgimento da Casa da Vovozinha 48
- 2.4 Estrutura, organização e funcionamento da União Espírita Deus, Amor e Caridade/Casa da Vovozinha 67

3 O ESPIRITISMO COMO CAMPO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO 131

- 3.1 Uma aproximação conceitual 133
- 3.2 Uma breve história da educação 137
- 3.3 O espiritismo como obra de educação 156
- 3.4 Educação popular e doutrina espírita: buscando a relação entre seus princípios filosóficos 163

- 3.4.1 O espiritismo sob a ótica da filosofia e da educação 167
- 3.4.2 Uma aproximação entre os conceitos de educação popular e espiritismo 169
- 3.4.3 Princípios filosóficos da educação popular e da doutrina espírita 171

4 BUSCANDO COMPREENDER A RELAÇÃO ENTRE CORPO E ESPÍRITO 179

- 4.1 Encontrando o dualismo cartesiano 184
- 4.2 Corpo e espírito segundo o espiritismo 198
- 4.3 Educação do corpo ou do espírito? 220

5 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CASA DA VOVOZINHA 251

CONSIDERAÇÕES FINAIS 321

REFERÊNCIAS 333

PREFÁCIO

É com muito prazer que apresento o livro produzido pela professora de Educação Física e mestre em Educação Creusa Ribeiro da Silva Lelis, intitulado: Práticas educativas na Casa da Vovozinha. Essa minha satisfação está fundamentada em três motivos básicos: o primeiro é que tive o privilégio de orientar a dissertação da referida professora, quando esta era estudante e iniciante na pesquisa científica no mestrado em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, por dois anos, quando, tomando por base o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a saber:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

resolvemos construir uma versão da história da Instituição Espírita Casa da Vovozinha a partir das práticas educativas vivenciadas pela autora nesse espaço.

O segundo motivo está diretamente relacionado à forma como o livro foi construído, levando em consideração a sociedade capitalista que, em seu estágio atual, está cada dia mais voltada, em seu desenvolvimento, para o consumo exacerbado, a aparência e a propriedade, em detrimento do fortalecimento dos valores éticos, morais, religiosos, ou seja, é o ter em detrimento do ser.

Por fim, o terceiro motivo que me deu satisfação de apresentar este livro foi a opção teórica e metodológica de Creusa Lelis de refletir sobre o fenômeno da religiosidade de forma científica, com reflexões fundamentadas na sociologia e na história vistas por quem não a escreveu e, evidentemente, com uma vasta bibliografia espírita, a qual abrange os três aspectos da Doutrina, ou seja, a ciência, a filosofia e a religião. Assim, o livro dá visibilidade às práticas educativas realizadas na Casa da Vovozinha com vistas a, como defende a autora, “iluminar as mentes humanas”.

Prof. Dr. Wilson Honorato Aragão



INTRODUÇÃO

Mas, a vinculação do amor não terminará nunca porque o amor é presença de Deus. O amor continuará a nos unir, uns aos outros, para sempre e nós nos amaremos cada vez mais. Agora, vamos educar o amor porque não temos sabido amar uns aos outros conforme Jesus nos amou.

Chico Xavier

1.1 APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO

Desde o início da minha formação acadêmica, em 1990, no curso de licenciatura plena em Educação Física, nos Institutos Paraibanos de Educação (atual Unipê – Centro Universitário de João Pessoa), sentia-me motivada a buscar diferentes perspectivas, que não estivessem voltadas apenas aos aspectos técnicos do processo de ensino-aprendizagem. Em 1992, consegui transferência para a Universidade Federal da Paraíba, continuando esse processo formativo. Procurava encontrar novos caminhos que me levassem a uma compreensão mais profunda das relações sociais e a uma efetiva participação nas atividades de ensino, na qualidade de educadora comprometida com um novo projeto de sociedade.

Minha formação não foi conseguida apenas na universidade, mas foi um processo construído desde a minha infância, quando tive a oportunidade de conhecer a doutrina espírita, no ano de 1977. Ainda criança, eu comecei a acompanhar meu pai à Casa da Vovozinha¹, onde ele encontrou conforto espiritual diante da morte trágica de dois filhos em um espaço de tempo de onze

1 A União Espírita Deus, Amor e Caridade, criada em 13 de agosto de 1931, recebeu a denominação de Casa da Vovozinha em virtude de, em 1959, ter iniciado o trabalho assistencial de abrigar senhoras de idade desamparadas por suas famílias. Por ter se tornado um nome popularmente conhecido, esse estudo fez referência à União Espírita como Casa da Vovozinha.

meses.

A partir das orientações recebidas nessa instituição e das respostas aos inúmeros porquês que a vida me apresentava, minha formação religiosa foi sendo construída, procurando desenvolver uma conduta moral que me permitisse olhar o outro como irmão e querer para ele o que desejaria para mim mesma. Essa formação também possibilitou olhar o mundo a partir de outro prisma, o qual não se restringia apenas aos valores materiais, mas sobretudo espirituais.

No ano de 1990, em virtude do meu amadurecimento pessoal e espiritual e devido também à sensibilidade pelos problemas sociais que me cercavam, me engajei no trabalho voluntário de formação religiosa na Casa da Vovozinha. Comecei na atividade da evangelização espírita de crianças e jovens, com idade compreendida entre cinco e vinte e um anos, oriundas das mais variadas classes sociais – trabalho esse necessário nos dias atuais, quando se percebe na sociedade hodierna uma grave crise dos valores humanos.

Além dessa atividade, também realizava palestras de orientação ao público que chegava à instituição, sequeioso de conforto e direcionamento. Por outro lado, realizava trabalhos de assistência social no leprosário, nas comunidades carentes e hospitais. Através desse trabalho assistencial comecei a aprender a ser cristã, saindo do individualismo, abrindo-me mais à problemática dos outros, aprendendo a trabalhar em grupo e a tomar decisões conjuntas. Essas atividades foram de fundamental importância na minha formação como

pessoa e como educadora. Diante dessa perspectiva, minha aproximação com o tema escolhido para desenvolver neste estudo se intensificou a cada dia.

1.2 ASPECTOS QUE JUSTIFICARAM A PESQUISA

O interesse por buscar a análise das práticas educativas desenvolvidas pela Casa da Vovozinha teve origem na minha experiência pessoal, tendo em vista que há vinte e sete anos militava ativamente nesse local. Estudiar a Casa da Vovozinha foi importante porque essa instituição religiosa procurava demonstrar, através do estudo e do conhecimento compartilhado nas reuniões públicas, a necessidade da reforma íntima do homem, que o espírito humano estava em progresso contínuo e que era preciso despertar a nossa consciência para Deus. Buscava promover a moralização do ser humano, procurando desenvolver sentimentos nobres de respeito, solidariedade e amor pelo nosso semelhante.

Em face do exposto, percebi que o quadro atual da sociedade brasileira ainda se caracteriza por um momento de crise. No contexto histórico em que estamos vivendo, provocado pela estrutura do sistema capitalista – no qual a existência de classes sociais, das quais uma se sobressai com relação às outras, fomenta a dominação sobre os dominados –, ainda persiste um quadro

de indignação, de injustiças e de desigualdades sociais. De um lado, ressalta-se a relevância que os aspectos econômicos vêm assumindo diante da humanidade, em virtude da doutrina neoliberal e do processo de globalização. Por outro, destaca-se a insatisfação humana, na presença do aumento da violência social, do colapso dos valores éticos e morais e do distanciamento da espiritualidade.

Com isso, tornou-se imprescindível buscar outros caminhos, desenvolvendo outra leitura do mundo, especialmente no que tangia ao tema da espiritualidade e à emergência do fenômeno religioso. Neste sentido, esta pesquisa é relevante em decorrência da necessidade apresentada pela sociedade dos dias atuais, a qual se encontra carente de uma formação moral. Vivemos um momento de grave crise, de valores éticos e morais distorcidos, de crimes hediondos, de muita miséria social.

Na presença de uma sociedade tão distante dos valores humanos, que valoriza o consumo, a propriedade e a falta de espiritualidade, era preciso um fio condutor para formação do ser humano. Tornava-se necessária uma formação religiosa capaz de iluminar as mentes humanas. É com essa intenção que a Casa da Vovozinha vem desenvolvendo esse trabalho de iluminação. Nesse sentido, destacou-se a relevância acadêmica deste estudo, tendo em vista a importância de uma formação religiosa diante do quadro atual da nossa sociedade.

Este estudo ainda foi justificado pela viabilidade da pesquisa, tendo em vista a minha própria atuação na Casa da Vovozinha, o que garantiu o livre acesso às

fontes de informação, aos dados e aos sujeitos envolvidos na pesquisa, como fundadores, presidentes, diretores de departamentos e o público em geral, que de uma maneira ou de outra ajudaram a construir historicamente a própria instituição. Além dessa viabilidade, pôde-se também destacar a vasta bibliografia espírita, a qual abrangia os três aspectos da sua doutrina, ou seja, a ciência, a filosofia e a religião.

1.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

Ao longo das reflexões acerca da escolha do fenômeno que foi investigado, surgiram algumas questões iniciais, dentre as quais destaquei as seguintes: como se apresentava a sociedade paraibana na fundação da Casa da Vovozinha? O que direcionou a implantação e o desenvolvimento de uma educação espírita nessa instituição? Como e por que uma instituição filantrópica de caráter educativo conseguiu se manter por tanto tempo? Como estava o debate sobre as concepções de corpo e espírito no movimento espírita desenvolvido pela Casa da Vovozinha? A partir destes questionamentos, uma questão maior se colocou, a qual norteou os caminhos desta pesquisa: como se concretizavam as práticas educativas desenvolvidas pela Casa da Vovozinha e como essas práticas focalizavam a relação entre corpo e espírito?

1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

Diante desses questionamentos, procurei analisar as práticas educativas desenvolvidas pela Casa da Vovozinha, focalizando a relação entre corpo e espírito, não sendo objeto desse estudo discutir as questões mais subjetivas presentes nessa instituição. Esse objetivo foi considerado o cerne da minha pesquisa, norteando os caminhos que foram trilhados na metodologia, como também desencadeando em objetivos mais específicos.

Os objetivos específicos foram definidos nos seguintes termos: apresentar dados históricos sobre a sociedade paraibana na década de 1930, contextualizando a fundação da Casa da Vovozinha e estabelecendo as relações entre a necessidade de uma formação religiosa e a crise dos valores éticos e morais existentes nesse período; identificar as relações existentes entre a educação e o trabalho desenvolvido pela Casa da Vovozinha, a partir dos princípios da educação popular e dos pressupostos filosóficos do espiritismo; levantar subsídios teóricos acerca da concepção de corpo apresentada pela doutrina espírita, discutindo sobre a sua relação com o espírito.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa busca da construção do conhecimento científico, o ser humano sempre teve a necessidade de se apropriar de determinados instrumentos, os quais pudessem conduzir e tornar possível essa elaboração. Representando esse instrumento, a metodologia pôde ser entendida como “a arte de dirigir o espírito humano na investigação da verdade” (FERREIRA, 1971, p. 460). Certamente, tratou-se de verdades relativas ao grau evolutivo da humanidade, aos conhecimentos atuais e à nossa própria capacidade de escrever. Compreende-se, daí, que não existe uma verdade absoluta. A verdade absoluta está fora do nosso alcance, contudo nós podemos possuir apenas parcelas mais ou menos precisas da verdade universal, pois “o homem pode apoderar-se e conhecer aquele aspecto do objeto que se manifesta, que se impõe, que se desvela...” (CERVO; BEVIAN, 1983, p. 14), mas não a realidade total de um fenômeno que investigamos. No meu estudo, o fenômeno investigado se relacionou com uma análise das práticas educativas desenvolvidas pela Casa da Vovozinha.

Entretanto, concordei com Demo (1997, p. 34) quando afirmou que a provisoriamente metódica é fonte principal de renovação científica, concedendo a esta pesquisa um caráter provisório. Tratou-se de uma primeira versão histórica da Casa da Vovozinha, a qual poderá ser modificada ou acrescida em estudos posteriores, tendo em vista esse aspecto provisório do méto-

do e da pesquisa científica. Também compartilhei das ideias de Eco (1998) de que todo trabalho científico precisa dizer algo que ainda não foi dito sobre o objeto ou, pelo menos, tentar visualizá-lo sob uma ótica diferente, isto é, procurando analisar um processo de educação e buscando assegurar o registro das práticas educativas realizadas pela Casa da Vovozinha.

Entre essas práticas educativas, destaquei aquelas que eram desenvolvidas de um modo mais sistemático, como a evangelização de crianças e jovens, o estudo e a educação da mediunidade, o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e as palestras públicas. No entanto, outras tarefas realizadas na Casa da Vovozinha também possuíam um caráter educativo: o exercício da caridade, através do trabalho assistencial às idosas albergadas na instituição e a outras pessoas carentes que buscavam o amparo material e espiritual, a Campanha do Quilo², além dos cursos, encontros, seminários, jornadas e simpósios realizados anualmente.

Pelo fato de ter uma intensa militância nas atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha, causou-me certa inquietação a necessidade de manter a neutralidade própria da ciência. No entanto, Demo (1997, p. 33) afirmou que “a ciência tem sempre a marca do seu construtor, que nela não só retrata a realidade, mas igualmente a molda do seu ponto de vista”. Para desenvolver essa análise investigativa, houve um envolvi-

2 Trabalho assistencial de sair às ruas pedindo donativos para serem distribuídos às pessoas necessitadas.

mento pessoal com o tema e, conseqüentemente, com a instituição investigada. Sobre esse aspecto, Triviños (1994, p. 121) pontuou que “o pesquisador não fica fora da realidade estudada, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender”.

Nessa perspectiva, foi importante cuidar dos aspectos relacionados às questões éticas da pesquisa, evitando as paixões que o tema me despertava, e buscando assumir a postura de uma pesquisadora. Dessa forma, eventos que ocorreram no ano de 2004, no mês de novembro, como o 12º Fórum de Debates Espíritas de Pernambuco (FORESPE), ou em 2005, a exemplo do XXXII Movimento de Integração do Espírita Paraibano, ou da XXXV Jornada da Mulher Espírita da Paraíba, serviram para ratificar a minha atitude de pesquisadora. Gravei palestras em fitas cassete, conversei com os palestrantes e com o público participante sobre as temáticas desenvolvidas nas palestras, cursos, mesas redondas e grupos de estudo relacionados ao meu objeto de investigação.

Em face do exposto, concordei com Minayo (2000, p. 44), quando aponta as críticas feitas ao positivismo, pois “os seres humanos não são simples forma, tamanho e movimentos: possuem uma vida interior que escapa à observação primária. Daí a dificuldade na prática de pesquisa da neutralidade e da objetividade”. Diante dessas discussões, senti-me bastante à vontade para desenvolver essa pesquisa, consciente de que estava permeada pelos meus próprios valores morais e ideológicos.

A partir da necessidade de analisar as práticas educativas desenvolvidas pela Casa da Vovozinha e partindo da ideia de que “toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (LE GOFF; NORA, 1995, p. 18), caracterizei este estudo como uma pesquisa histórica, porque este tipo de pesquisa visa produzir um registro do passado, descrevendo o desenvolvimento das atividades da referida instituição através do tempo, caracterizando um estudo longitudinal. Também objetivei “contribuir para a solução de problemas atuais” (RICHARDSON, 1999, p. 246) relacionados à crise dos valores éticos e morais e ao distanciamento da espiritualidade, procurando analisar a relação corpo-espírito através do exame dos acontecimentos produzidos pela Casa da Vovozinha.

Neste estudo histórico, utilizei fontes primárias de dados, definidas por Richardson (Ibid., p. 253) como uma fonte “que teve relação física direta com os fatos analisados, existindo um relato ou registro da experiência vivenciada”, através das pessoas que dirigiam ou já haviam dirigido a Casa da Vovozinha, de diretores de departamentos, de dirigentes de grupos de estudo e do público atendido de uma forma geral. Também utilizei como fontes impressas os livros de atas das reuniões de assembleias gerais ordinárias e extraordinárias, estatutos, relatos escritos, como também fotografias arquivadas na instituição desde o ano de 1946, quando a União Espírita adquiriu a sua sede definitiva. Para obter essas informações acerca da realidade investi-

gada, utilizei procedimentos de análise documental e entrevistas semiestruturadas.

Para leitura desses dados, Richardson (1999) alertou que os fatos não devem ser apenas mencionados, mas interpretados, sintetizando as informações recopiladas e determinando tendências e significados, sendo meu dever, enquanto pesquisadora do fenômeno em estudo, evitar extrapolar de forma exagerada as informações reunidas para não cair numa inexatidão que prejudicasse o trabalho realizado. Na construção deste trabalho acadêmico, utilizei dados qualitativos por estar trabalhando com valores, crenças, subjetividades, aspirações e atitudes (MINAYO, 2003).

Esta pesquisa também se caracterizou como descritiva, em que observei, registrei, analisei e correlacionei os fatos ou fenômenos (variáveis) relacionados à história da Casa da Vovozinha sem manipulá-los (Cf. CERVO; BERVIAN, 1983), analisando suas práticas educativas. Este trabalho descritivo assumiu a forma de um estudo exploratório que, segundo Cervo e Bervian (1983), representava o passo inicial em um processo de pesquisa, que não elaborou hipóteses, mas restringiu-se a definir objetivos e buscou maiores informações sobre o tema de estudo.

Como parte indispensável desta investigação descritiva, realizei uma pesquisa bibliográfica que procurou “explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”, buscando “conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas” (Ibid., p. 55) a respeito das possíveis relações en-

tre a educação e o espiritismo, focalizando a relação corpo-espírito, bem como levantando subsídios teóricos sobre os princípios básicos que fundamentam a doutrina espírita. Também obtive informações dos indivíduos que participaram ou já haviam participado das atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha, como as reuniões públicas de caráter evangélico-doutrinário, e que desempenhavam funções administrativas e trabalhos voluntários na instituição, através do processo de entrevista.

Contudo, por esse número ser demasiado grande, os custos tornar-se-iam elevados e o tempo seria insuficiente; então resolvi eleger uma amostra do tipo não probabilística intencional. Essa escolha ocorreu devido à Casa da Vovozinha possuir uma diretoria composta de seis membros, além de sete departamentos, cada um com seus diretores ou diretoras, três reuniões públicas semanais com, aproximadamente, duzentos participantes em cada reunião, um quadro de associados(as) estimado em cento e cinquenta contribuintes, um número médio de duzentos trabalhadores(as) voluntários(as), além das inúmeras pessoas assistidas material e espiritualmente todos os dias. Certamente, essa população representava um número muito grande para compor a pesquisa; por isso adotei uma amostra.

Nesse tipo de amostra não probabilística intencional, seguindo Richardson (1999), os sujeitos foram escolhidos por determinados critérios, ou seja, pessoas de ambos os sexos e de idades variadas (nossa amostra compôs-se de pessoas com idade compreendida entre

27 e 89 anos), que frequentavam as três reuniões públicas semanais, realizavam palestras, dirigiam grupos de estudos e/ou desempenhavam funções administrativas na referida instituição. Além dessas, também selecionei aquelas que já vivenciavam por um período de tempo mais prolongado (superior a dez anos) a evolução das práticas educativas da Casa da Vovozinha.

Utilizei entrevistas semiestruturadas como instrumento para coleta dos dados. Segundo Cunha (1999), esse tipo de entrevista procura dar liberdade à manifestação dos respondentes. O método também permitiu um caráter de interação entre a pesquisadora e os(as) 23 pesquisados(as): dois dos antigos presidentes da instituição ainda atuantes no movimento espírita, os que estavam assumindo os cargos de presidente e vice-presidente, a 1ª secretária da instituição, a diretora do departamento de divulgação, o diretor do departamento de orientação mediúnica, a diretora do departamento de evangelização infantojuvenil, a diretora do departamento feminino, o diretor do departamento de assistência social, a diretora e a vice-diretora da Casa da Vovozinha, o diretor da Escola do Quilo, cinco associados(as) e cinco participantes das reuniões públicas doutrinárias que fossem mais antigos(as) na instituição.

A título de um melhor esclarecimento, esse grupo de entrevistados(as) compôs diferentes momentos da pesquisa, tendo em vista que, inicialmente, entrevistei o senhor DSS³, que fez parte da fundação da União

3 Para manter o anonimato do(a) participante da pesquisa, atribuí letras para caracterizar cada um(a) dos(as) entrevistados(as).

Espírita no ano de 1931. Portanto, nessa pesquisa exploratória para contextualização social, política e econômica do objeto de estudo, as lembranças do senhor DSS foram fundamentais, uma vez que ele viveu esse momento histórico. Ainda com tal caráter exploratório, entrevistei o senhor JTA, que chegou à instituição no ano de 1949, foi eleito presidente em 1958 e permaneceu nessa função por 44 anos, tendo, portanto, uma intensa participação na concretização das práticas educativas da Casa da Vovozinha.

Outro momento das entrevistas foi vivenciado com os diretores e as diretoras de alguns departamentos, como: o senhor SAB, diretor da Escola do Quilo; as senhoras MJSN e BFSP, diretora e vice-diretora da Casa da Vovozinha, respectivamente; e VKPS, diretor do Departamento de Assistência Social. Esses(as) entrevistados(as) também fizeram parte da pesquisa porque havia a intenção de investigar se as tarefas realizadas por seus respectivos departamentos eram educativas. Nesse sentido, perguntei sobre as atividades desenvolvidas e a importância de cada uma delas nesse processo de educação.

O terceiro momento da pesquisa contou com 18 entrevistados(as), incluindo também o senhor JTA, por ainda participar das atividades da União Espírita Deus, Amor e Caridade (Uedac), além de sete membros da sua diretoria, cinco trabalhadores(as) mais antigos e cinco pessoas que participavam das reuniões públicas por mais de dez anos e que desempenhavam tarefas na instituição. Nessa etapa, as perguntas dirigidas a

cada um(a) deles(as) estavam relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa. Essas entrevistas objetivaram reunir informações sobre o papel da União Espírita, a relação entre o espiritismo e a educação, a compreensão dos conceitos de corpo e espírito, particularmente a relação entre esses elementos e, principalmente, o que essas pessoas tinham aprendido durante a participação nas atividades da instituição.

Além desses motivos, tais sujeitos foram selecionados porque, a meu ver, pareciam capazes de oferecer contribuições significativas à pesquisa. Esses(as) entrevistados(as) discorreram sobre o tema proposto, baseando-se nas informações que detinham sobre a história da Casa da Vovozinha, e as ideias puderam fluir de maneira notável e autêntica para construção dessa pesquisa (Cf. LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Foi interessante observar que este estudo foi realizado com muita facilidade, pois eu conhecia quase todas as pessoas que foram entrevistadas, exceto o senhor DSS. Ele já conhecia meu pai, por serem colegas de profissão⁴, e uma das minhas irmãs, pela participação de ambos na Federação Espírita da Paraíba⁵. No entanto, desde o nosso primeiro contato por telefone, tive a cer-

4 A profissão que aproximava meu pai do sr. DSS era a de sapateiro. Além de fabricar e consertar sapatos, desde 1928, o sr. DSS foi secretário da Sociedade Protetora dos Sapateiros, em 1930, cujo primeiro presidente foi o senhor AM (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005).

5 A Federação Espírita da Paraíba, cuja primeira sede funcionou à Rua 13 de maio, foi fundada em 17 de janeiro de 1916 e seu primeiro presidente foi o senhor MAO. A finalidade dessa instituição era dirigir o espiritismo na Paraíba, assim como em outros estados, coordenando os centros espíritas e verificando se os trabalhos estavam de acordo com os princípios apresentados por Allan Kardec.

teza de que uma bela amizade estava começando entre nós.

A minha primeira entrevista aconteceu no mês de janeiro de 2005 com o senhor DSS, um dos fundadores da Uedac, na sua residência, em um domingo à tarde⁶. Nessa entrevista foram privilegiadas as informações sobre a memória histórica de fundação da instituição, referente ao ano de 1931, que contribuiu para a construção do segundo capítulo. Essa entrevista teve um caráter de pesquisa exploratória, para contextualizar o objeto de estudo, a partir dos aspectos sociais, políticos e econômicos característicos da cidade de João Pessoa, quando da fundação da União Espírita. A escolha do entrevistado ocorreu por ele ter vivido esse momento histórico e ter sido um dos fundadores da Casa. Por isso a diferença existente entre esse roteiro de entrevista e o das demais que foram realizadas.

Também com a intenção de realizar um diagnóstico dos primeiros anos de existência da Uedac, entrevistei o senhor JTA, que iniciou a sua participação nessa instituição no ano de 1949, passando por vários cargos administrativos, até chegar à presidência, em agosto de 1958, permanecendo até o ano de 2002. Durante a sua administração, muitas atividades existentes foram modificadas, como o trabalho da consulta espiritual, que passou a ser feito diretamente entre o médium e as pes-

6 Das 23 entrevistas realizadas, duas aconteceram na minha residência (TAS e AFS), cinco nas residências dos(as) entrevistados(as) – sr. DSS, sr. JTA, GCF, CF e RGL. As dezesseis restantes ocorreram na Casa da Vovozinha (BFSP, MJSN, MRAM, MAGP, MJAP, RMSJ, AMHS, VKPS, sr. SAB, CGOS, MLBO, ENT, sr. GND, MJA, MLSF e ZAP).

soas vitimadas pela obsessão⁷. Outras foram implantadas, como a evangelização de crianças e jovens e a própria criação do Internato Casa da Vovozinha. Nesse sentido, julgamos necessário entrevistá-lo devido a sua intensa e longa participação na administração daquela Casa Espírita. Além dessas entrevistas, ainda coletei informações com o diretor da Campanha do Quilo, o diretor do departamento de Assistência Social, a diretora e a vice-diretora do Internato Casa da Vovozinha, os(as) quais possibilitaram a elaboração do segundo capítulo desta obra.

Todas as entrevistas foram gravadas fazendo uso da história oral. Segundo Debért (1988, p. 156), “produzir documentos através de história oral é incontestavelmente rico e importante na medida em que tem em vista o presente ou considera que o usuário potencial desse material está locado no futuro”. Diante disso, a participação de um dos fundadores da Casa da Vovozinha foi bastante valiosa nessa reconstituição histórica, bem como a dos(as) outros(as) entrevistados(as), os(as) quais participavam ativamente das atividades da Casa há mais de dez anos. Igualmente, pude enfatizar o processo simultâneo que envolveu a realização das entrevistas e o aprofundamento na bibliografia para dar uma ancoragem teórica à pesquisa, pois as leituras também foram surgindo durante a escuta da realidade pesquisada.

7 Kardec (1979, p. 227) definiu a obsessão como “o império que alguns Espíritos sabem exercer sobre certas pessoas. Ela não acontece senão pelos Espíritos inferiores que procuram dominar; os bons Espíritos não usam nenhum constrangimento; aconselham, combatem a influência dos maus e se não são ouvidos retiram-se”.

Para investigação dos dados, a análise documental teve um papel fundamental, tendo em vista que estudei os documentos visando investigar os fatos sociais e suas relações com o tempo sócio-cultural-cronológico (RICHARDSON, 1999). Conforme afirmam Lüdke e André (1986, p. 26), esse tipo de análise “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos” do tema e do problema da minha investigação.

Além do exame documental, também fiz a análise de conteúdo, que Bardin (apud RICHARDSON, 1999, p. 223) definiu como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Essas técnicas foram particularmente utilizadas para estudar o material do tipo qualitativo, coletado com as pessoas entrevistadas. Seguimos, então, às fases de pré-análise (organização das ideias), análise do material (codificação e categorização) e discussão das informações obtidas, confrontando-as com o referencial teórico que fundamentou a pesquisa.



LUTAS E ESPERANÇAS NO PÓS-1930: UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA CASA DA VOVOZINHA

O centro espírita deve ser tocado como uma escola, ou seja, devemos estar dentro dele para aprender... Não é só para a mediunidade, para o passe ou para a desobsessão... Precisamos estudar as lições de Jesus, nas interpretações de Allan Kardec, e vivenciá-las, cuidando de nós mesmos, de nossa necessária renovação íntima.

Chico Xavier

Na tentativa de explicar o mundo, sua origem e a própria vida, o ser humano tem feito uso de diversificadas fontes de investigação e informação, a história certamente tem oferecido um campo de pesquisa bastante amplo. Foi assim que, buscando um discurso historiográfico mais tradicional, especialmente no que se referia à década de 1930, pude perceber que o povo paraibano tinha encontrado no governo do presidente João Pessoa, nas organizações operárias, na liberdade de consciência e no livre exercício dos cultos religiosos a possibilidade de dias melhores. Julgar se essa era a melhor atitude não foi objeto deste estudo, mas sim procurar compreender como foi sendo construída essa parte da história paraibana, entender como se desenvolveram essas lutas sociais, políticas, econômicas e culturais e como o movimento religioso, especificamente o desenvolvido pela Casa da Vovozinha, poderia trazer de volta a esperança.

Nessa perspectiva, busquei contextualizar historicamente a sociedade paraibana em um espaço de cinco anos, sem a pretensão de alcançar o sentido profundo desse período tão rico da história, que Decca (1994, p. 16), ao se referir à década de 1930 no Brasil, afirmou serem “anos cruciais de intensa luta política e um significativo debate intelectual e acadêmico”. Diante desse contexto, minha preocupação foi no sentido de entender os fatos que aconteceram na Paraíba nessa época e que, de alguma forma, repercutiram ou deram ensejo à criação da Casa da Vovozinha, especialmente quanto à conjuntura de governo dos interventores estaduais,

à Constituição de 1934, ao movimento operário e à influência da Igreja Católica sobre a mentalidade das pessoas. A escolha desses fatos na construção do estudo justificou-se em virtude de a Casa da Vovozinha ter surgido nesse momento histórico e, de alguma forma, pode ter estimulado a esperança no ser humano.

Para tanto, não me restringi apenas à história tradicional, trabalhada por uma parcela da historiografia paraibana, mas também busquei conhecer a história dessa instituição, através do resgate da memória de um dos seus fundadores, o sr. DSS. Utilizei uma metodologia de análise baseada na oralidade, empregando as técnicas de análise do processo de entrevista. Nesse sentido, procurei desenvolver um novo olhar para a história da Casa da Vovozinha a partir dos avanços pontuais na história dessa organização religiosa, entendendo qual momento histórico caracterizava a Paraíba no momento da sua criação.

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA PARAÍBA (1930-1935)

A Paraíba dos anos 1930 era muito diferente da dos dias atuais, os valores da sociedade eram outros e as pessoas ainda tinham almas do outro mundo. A capital era pequena, não chegando a ultrapassar quarenta mil habitantes, conforme as informações oferecidas por Aguiar (1999). Contudo, “o Estado se achava em

dificuldades financeiras. O funcionalismo não recebia seus vencimentos há meses; dívidas flutuantes e consolidadas. Obras paralisadas, luta interna, luta política, revolução, combate de imprensa” (PINTO, 1973, p. 117). Essa situação refletia os próprios acontecimentos nacionais, como afirmou Mello (1978, p. 256):

A História política da Paraíba tem sido mais reflexo de acontecimentos nacionais do que expressão endógena dos seus próprios anseios, até bem porque sobre ela se refletem o despreparo das elites e a fragilidade dos partidos, ambos nitidamente sobrepujados pelo messianismo carismático dos chamados homens fortes.

Embora o ano de 1928 não estivesse compreendido no recorte histórico que estava enfatizando, julguei necessário referenciá-lo, haja vista ter sido o ano “em que João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque tomou posse na Presidência do Estado” (AGUIAR, 1999, p. 419), mudando o quadro que estava desenhado antes da sua administração. Representando esse “homem forte”, sua prática administrativa fez a diferença em menos de dois anos de governo, conforme afirmações de Aguiar (1999). Para Silveira (1999, p. 70), “João Pessoa empreendeu uma política de reformulação do coronelismo-oligárquico”, promovendo mudanças profundas a ponto de diminuir a dependência do estado com re-

lação a Recife. Quando João Pessoa assumiu o governo, havia uma crise instalada em todos os setores e ele teve que enfrentar a oligarquia dominante montada por seu próprio tio, Epitácio Pessoa, conforme ressaltou Aguiar (1999, p. 425): “registram os jornais da época que, [...] João Pessoa encontrou o Estado mergulhado em crise profunda. Praticamente estávamos numa situação próxima à bancarrota...”. Posteriormente ao processo revolucionário, a Paraíba foi governada por Interventores Federais, sobre os quais Silveira (1999, p. 77) destacou:

O papel dos interventores foi, portanto, fundamental na tarefa de centralização. Sua condição de elemento de confiança do governo federal, por ele nomeado, conferia-lhe certa independência em relação às oligarquias locais, uma vez que não lhes devia sua permanência no cargo, centralizando o poder.

Com a morte de João Pessoa, em 1930, seu cargo foi assumido pelo interventor Antenor de França Navarro, o qual, de acordo com Pinto (1973, p. 123), administrava de modo muito parecido com o de seu antecessor, inclusive afirmando que “nunca um discípulo assimilou tanto um mestre”. No entanto, Mello (1996, p. 39) alertou que, “com a evolução dos acontecimentos de Princesa, a administração estadual viu-se forçada a suspender as obras públicas da capital crescendo

o número de desempregados em mais de dois mil”. Pinto (1973, p. 123) ainda referenciou que “o Estado tinha obras começadas por toda parte. Era desanimador o quadro administrativo. Seria possível [...] reorganizar a terra-mãe, acabar com o caos e traçar novas diretrizes à vida do Estado?”. Não havia nada a se fazer, a não ser começar o trabalho.

Antenor Navarro governou até sua morte, em 1932, quando assumiu o exercício o senhor Gratuliano Brito, o qual, conforme Pinto (1973, p. 125), teve seu governo marcado por “dois acontecimentos que abalaram o País, com grande repercussão no meio estadual: a seca de 1932 e a revolução Paulista”. Essa região sentia as consequências da grande seca que começava em 1932 e era necessário empreender esforços para diminuir o sofrimento dos nordestinos. Pinto (1973, p. 125) enfatizou que Gratuliano iniciou seu governo

Com as maiores restrições de gastos em face da crise que grassava por toda parte. Vencendo essas primeiras etapas de dificuldades, voltou-se para o ensino, dedicando toda atenção à instrução, inclusive na campanha de alfabetização. Pensou em incrementar novas fontes de riquezas à Paraíba com o intuito de melhorar o nível de vida do povo, como ainda afastar a administração do regime de déficits, que as lutas, os contratemplos, morte de João Pessoa, Revolução de

1930 e morte de Antenor Navarro tinham trazido à Paraíba. Para isso o desenvolvimento da administração, o planejamento, a fomentação de meios fiscalizativos seriam as premissas à obtenção do resultado almejado.

Gurjão (1994, p. 110) lembrou que “os conflitos que marcaram esta fase imediatamente pós-1930 resultavam da contradição entre as tentativas de institucionalizar um poder pós-revolucionário sobre a estrutura política tradicional”, sendo o período compreendido entre os anos de 1930 e 1945 de grande importância no aceleração do processo das mudanças em curso, o qual teve início com a

ruptura do pacto oligárquico que sustentava o bloco dominante durante a Primeira República, [que] caracterizava-se pela diversificação na composição de forças políticas, viabilizando a emergência de um novo Estado e a redefinição do poder das oligarquias regionais, em consonância com a transição para a predominância da economia urbano-industrial. (GURJÃO, 1994, p. 14)

Essas mudanças políticas, econômicas e novas formas de organização social deram um novo rumo aos destinos do estado paraibano, promovendo maiores

mobilizações em partidos políticos e sindicatos, como também fazendo surgir outras instituições religiosas desvinculadas das Igrejas Católica e Protestante, as quais exerciam controle sobre a consciência dos operários e sobre o trabalho assistencial que era desenvolvido nesse momento de crise, desempenhando uma importante função na história. Apesar de a Igreja Católica ter começado a perder espaço desde o final do século XVIII, foi importante destacar seu papel nesse período de crise.

2.2 PAPEL DA RELIGIÃO CATÓLICA DURANTE A REPÚBLICA NOVA

Era necessário manter a organização social, formada por entidades representativas de categorias profissionais, defendendo os interesses e os privilégios de diversos setores da sociedade. Para tanto, “vale salientar a influência exercida pela Igreja Católica junto ao operariado através de entidades assistencialistas” (GURJÃO, 1994, p. 153), fundando, em 1931, a União dos Operários e Trabalhadores Catholicos e a União Operária Catholica, em João Pessoa e Campina Grande, respectivamente. No âmbito social, prevalecia o assistencialismo como matriz do corporativismo e da manutenção do poder da Igreja Católica. Essa influência podia ser percebida também na política local através da Liga Eleitoral Católica (LEC), tornando-se evidente na eleição de 1933.

Nessa eleição, destinada à Assembleia Constituinte, concorreram o Partido Progressista, da situação, e o Partido Republicano Libertador. Silveira (1999, p. 80) mencionou que, além desses, também participaram da disputa “a Liga Pró-Estado Leigo (congregando comunistas, protestantes, espíritas e maçons para se opor à Liga Eleitoral Católica que interferia politicamente) e o Partido Popular Parahybano”. Mello (1996, p. 205) destacou que

Coube à Liga pelo Estado Leigo sistematizar as reivindicações mais avançadas do período. Resultante da união de espíritas, protestantes, radicais e socialistas, a Liga bateu-se pela separação entre a Igreja e Estado e redução dos privilégios daquela, sem esquecer os operários.

Diante dessa discussão que ocorreu na Paraíba, em 1933, em relação à influência da Igreja Católica sobre o Estado, encontrei respaldo também em Maquiavel (1987, p. 45), o qual afirmou que:

Resta-nos somente, agora, falar dos principados eclesiásticos. Diante destes, surge toda sorte de dificuldade, antes de que se possuam, porque são conquistados ou pelo mérito ou por fortuna. Mantêm-se, porém, sem qualquer das duas, porque são sustentados pela rotina da

religião. As suas instituições tornam-se tão fortes e de tal natureza que sustentam os seus príncipes no poder, vivam e procedam eles como bem entenderem. Só estes possuem Estados e não os defendem; só estes possuem súditos, embora não sejam governados, não cuidam de alijar o príncipe nem o podem fazer.

Apesar de Maquiavel não ter organizado uma teoria do Estado moderno, conforme ressaltou Gruppi (1980, p. 10), sua importância para essa compreensão foi no sentido de que ele elaborou “uma teoria de como se formam os Estados, de como na verdade se constitui o Estado moderno”. Para tanto, o entendimento do conceito de principados tornou-se imprescindível. Segundo Maquiavel (1987, p. 5), “todos os Estados, todos os domínios que tem havido e que há sobre os homens foram e são repúblicas ou principados”. Ainda sobre essa influência, Rousseau (1973, p. 146) também afirmou que “jamais se fundou qualquer Estado cuja base não fosse a religião e, que a lei cristã, no fundo, é mais prejudicial do que útil à firme constituição do Estado”.

Compreendendo o alcance dessas afirmações, para ressaltar a influência que a orientação da LEC exerceu sobre os resultados naquela eleição de 1933, Gurjão (1994, p. 153) afirmou o seguinte:

Essa orientação era traçada no sentido de interferir no processo eleitoral no plano nacional atuando como grupo de pressão junto ao eleitorado. Na Paraíba, ela se declarava isenta de participação em qualquer partido político pretendendo despertar a consciência cívica dos católicos brasileiros e orientá-los dentro dos princípios que defende.

Apesar dessa declaração do órgão da diocese A Imprensa, era claro o seu apoio aos candidatos da situação. De acordo com a assertiva de Gurjão (1994, p. 154):

O discurso da Igreja evidenciava seu temor perante o agravamento das contradições sociais, defendendo os privilégios da classe dominante em nome da preservação da família, do direito de propriedade e da liberdade.

Depois disso, houve uma maior organização por parte dos partidos políticos para conseguir o apoio dos operários aos seus candidatos. Foi também em 1934 que os movimentos grevistas ocorridos na Paraíba constituíram o sintoma mais evidente do crescimento da mobilização operária.

No entanto, apesar de toda a organização do movimento operário, a Igreja Católica, fazendo uso do seu poder de persuasão, falando inclusive em nome

da “ordem”, demonstrava seu interesse em manter a situação de dominação existente na sociedade. Assim, envidou esforços para convencer o operariado a desistir de suas lutas, conforme noticiou A Imprensa, jornal oficial da diocese.

Persistia, desse modo, o apelo do porta-voz da Igreja aos operários para acabarem com a greve que sobressaltava a cidade havia quase uma semana. Segundo Gurjão (1994, p. 160), havia o reconhecimento da necessidade de um reajustamento econômico, porém a Igreja não acreditava que o operariado tivesse “mentalidade formada para resolver seus problemas e deixava-se explorar”. Sendo assim, no dia 8 de novembro de 1935, foi publicado um apelo no jornal diocesano de forma veemente:

Operário paraibano! Honrai a vossa tradição de cordura e patriotismo. O vosso problema não é apenas um aumento de salário arrancado sob ameaça das injunções coletivas. É muito mais complexo. É dentro da paz e da ordem que se constrói alguma coisa. Temei a intromissão dentro de vossa classe de elementos que vos quer explorar para servirdes de palha na fogueira social que a toda hora pretendem atar. (A IMPRENSA, 1935, p. 1)

O jornal católico A Imprensa continuava apelando insistentemente ao operariado para terminar a greve

ve, inclusive fazendo uso do Evangelho, em seu trecho “amai-vos uns aos outros”, recorrendo aos ensinamentos cristãos, alegando a intranquilidade da família paraibana e até justificando a atitude da polícia, a qual fechou os sindicatos como medida de prudência. Esses procedimentos tratavam o movimento grevista como inadmissível e como produto das maquinações comunistas. Conforme afirmou Gurjão (1994, p. 162), a diferença estava apenas no tom do discurso utilizado pelo Estado e pela Igreja, pois “enquanto que o Estado vai diretamente às acusações e ameaças, a Igreja explora o caráter pacífico, a bondade dos trabalhadores, apelando para o sentimento de concórdia e fraternidade entre as classes”. Esses dois pontos de vista convergiam para a construção de uma imagem de incapacidade dos trabalhadores de lutar por seus direitos, legitimando a permanente tutela do Estado e negando o conflito entre as classes sociais na sociedade capitalista.

Esse órgão de divulgação da diocese frequentemente apresentava artigos de doutrinação católica, temendo perder o acesso aos operários e auxiliando o Estado na “desorganização” do operariado. Nesse contexto, é importante lembrar a difusão da ideologia anticomunista, promovida por educadores católicos, entre os setores letrados da sociedade. Diante desses fatos, Ribeiro (1992, p. 99) definiu a fase de 1931 a 1937 como período do “conflito de ideias”, no qual duas orientações se contrapunham: uma representada por educadores católicos que defendiam a educação subordinada ao catolicismo; e a outra, por educadores

influenciados pelas ideias novas⁸, defendendo a laicidade, o aluno como sujeito da aprendizagem, a gratuidade e a educação pública.

Esse conflito tornou-se intenso a ponto de os educadores católicos tratarem como inimigos, e até como comunistas, aqueles que não compartilhavam dos dogmas da Igreja Católica, principalmente os representantes de novas ideias no campo da educação. Por isso, afirmou Ribeiro (1992, p. 101) que “a acusação infundada de comunismo, por parte dos educadores católicos, em relação aos princípios defendidos pelos educadores escolanovistas” revelava que as forças mais resistentes à mudança faziam uso do e alimentavam o temor ao comunismo promovido pelas classes dominantes em setores significativos da população. Daí o destaque feito por Ribeiro (1992, p. 102):

os educadores católicos, com atitudes desse tipo, representam, nesse momento, os interesses dominantes que produzem as injustiças sociais e as consagram, quando chegam a identificar qualquer propósito de alteração social com algo muito mal definido – o comunismo – que, aterrorizando certa base social, a imobiliza ou a leva a agir contrariamente às mudanças.

8 Essas ideias novas eram fruto do movimento escolanovista, que tinha em John Dewey (1959, p. 15) um de seus defensores, o qual pensava “a necessidade de reformar a fundo a escola tradicional, predominantemente passiva, dogmática, conservadora e elitista, em escola nova, radicalmente ativa ou crítico-experimental, progressiva e social-democrática”.

Diante desses fatos que provocaram tantas insatisfações e que, de alguma forma, fizeram adormecer a esperança de ver seus sonhos realizados e as expectativas por dias melhores, a população paraibana na década de 1930 necessitava vislumbrar outras perspectivas. Para isso, precisava ter asseguradas sua liberdade, subsistência e segurança individual. Nesse sentido, a própria Constituição Brasileira, promulgada no ano de 1934, em seu Título III, sobre a Declaração dos Direitos e das Garantias Individuais, no Artigo 113 do Capítulo II, assegurou a inviolabilidade desses direitos nos seguintes termos:

5) É inviolável a liberdade de consciência e de crença, e garantido o livre exercício dos cultos religiosos, desde que não contravenham à ordem pública e aos bons costumes. As associações religiosas adquirem personalidade jurídica nos termos da lei civil. (BRASIL, 1934)

Apesar de a Constituição de 1934 ter apresentado pontos contraditórios ao atender reivindicações de reformadores e católicos, conforme alerta feito por Ribeiro (1992, p. 104), era preciso reconhecer a sua importância ao garantir a liberdade de crença e de culto religioso, haja vista o domínio e até a repressão exercida pela Igreja Católica contra os praticantes de outras religiões durante um longo período da história. Esses fatos foram levantados porque foram considera-

dos mais impactantes, a título de situar os principais dilemas com os quais os fundadores da Casa da Vovozinha se defrontaram.

2.3 O SURGIMENTO DA CASA DA VOVOZINHA

Dentro dessa perspectiva conjuntural exposta, pude pensar sobre o surgimento da Casa da Vovozinha a partir de um dos seus partícipes, o senhor DSS⁹. Com essa abordagem, pretendi identificar elementos que perfizeram o discurso de um dos fundadores dessa instituição, considerando a total inexistência de fontes escritas sobre a fundação dessa sociedade. Tal ausência podia ser explicada pela própria organização do sistema educacional no Brasil, que ainda se encontrava incipiente entre os anos de 1930 e 1936, conforme as afirmações de Gonçalves e Pimenta (1990, p. 30) de que, “até essa época, a estrutura do ensino no país não estava organizada com base em um sistema nacional. Cada estado mantinha os respectivos sistemas, sem articulação entre si”. Além disso, as pessoas que fizeram parte da fundação da Casa eram simples, muitos(as) deles(as) sem nenhum tipo de escolarização.

9 Sr. DSS, nascido no dia 18 de novembro de 1915, em Araçagi, hoje município, mas que antigamente era distrito de Guarabira. Tinha apenas o primário completo, mas segundo ele mesmo, “o tempo desenvolveu em mim o autodidatismo”. Ex-sapateiro da Polícia Militar, no período da pesquisa já estava reformado.

Nesse sentido, tornou-se relevante entender o momento histórico do surgimento de uma instituição espírita¹⁰, que era diferenciada dos moldes das organizações religiosas dominantes da época em que foi fundada, como as Igreja Católica e Protestante. A intenção era encontrar possíveis relações entre o contexto histórico da sociedade paraibana e a fundação da Casa da Vovozinha.

Acreditei que, através da perspectiva de uma nova história, a qual não visava explicar um passado distante e morto, seria possível tentar explicar a realidade considerando a própria categoria de continuidade¹¹. Assim, compartilhei da ideia de Le Goff (1998, p. 21) de que a história nova “pretende ser uma história escrita por homens livres ou em busca de liberdade, a serviço dos homens em sociedade. Ela se inscrevia também na longa duração – longe das modas ou das novidades efêmeras de circunstância”. Dessa forma, tive como fundamentação teórica o enfoque dado à história oral feito por Montenegro (1994) e por Thompson (2002), pretendendo saber como surgiu a Casa da Vovozinha a partir dos relatos de um dos participantes do processo histórico de fundação da instituição. O senhor DSS, fazendo uso da sua memória, relatou o seguinte:

10 Vale salientar que o surgimento do espiritismo no mundo deu-se também num momento de crise da Igreja Católica, a qual teve início no final do século XVIII, prolongando-se até o século XIX. O espiritismo foi codificado no ano de 1857. Para um maior aprofundamento, conferir Barbosa (1987).

11 A partir de uma abordagem na perspectiva da escola dos Annales.

Lá pelos anos de 1931, eu visitava uma reunião que havia na rua da República, 414, onde uma família composta do marido e da esposa, dona MT e CT, ele funcionário do Correio, realizava. Eu ia ali à noite, juntamente com a minha mãe, MPS, onde já se fazia o trabalho de desenvolvimento mediúnico, o trabalho de desenvolvimento de caridade.

Foi naquele núcleo que, numa tarde de domingo, de 13 de agosto de 1931, que fundaram a União Espírita, e eu estava presente. Então foi eleita uma diretoria¹² [...] que deu prosseguimento aos trabalhos. Mais tarde, mudou-se para outra rua. Daí mais uns tempos foram entrando novos elementos que foram notando a necessidade de uma sede própria. Foi quando uma comissão composta de vários confrades foi à prefeitura e lá conversou com o prefeito dr. MM para que ele cedesse um terreno que havia na rua Índio Piragibe, onde hoje está sediada a União Espírita Deus, Amor e Caridade.

12 De acordo com o senhor DSS, o primeiro presidente chamou-se EJS, o vice-presidente era JAL, e ele próprio fez parte da diretoria em 1932, como arquivista ou bibliotecário. “Tinha também outros diretores, como FD, que era 1º secretário; HS, que era diretor dos trabalhos mediúnicos; e tinha outras pessoas que faziam parte da diretoria. Foi a primeira diretoria que tivemos, depois passou para outras” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005).

[...] e que, por sinal, esse nome foi inspiração de um Espírito que, através da mediunidade¹³ psicográfica de FD, ditou para ele o nome que deveria ser essa sociedade, porque ela começava pela união. (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

Atualmente, o prédio da União Espírita dispõe de uma estrutura bastante ampla, composta de um auditório com trezentas cadeiras, no qual se realizam as reuniões com as palestras públicas, uma livraria, uma biblioteca, várias salas para os estudos mediúnicos e para as aulas de evangelização infantil, dois salões de dormitório, (destinados às vovós e a receber pessoas de diversas cidades ou estados durante a realização de eventos¹⁴), um refeitório, duas cozinhas, um ambulatório médico e odontológico.

13 Mediunidade foi um termo utilizado por Kardec (1979, p. 74) para designar a faculdade que o ser humano tem de manter um intercâmbio com o mundo dos Espíritos.

14 Durante o ano da entrevista, a União Espírita realizava vários eventos, dentre os quais destaquei o Simpósio da Campanha do Quilo, no mês de agosto, e a Jornada da Mulher Espírita da Paraíba, em outubro.



Figura 1: Vista do prédio atual da Uedac.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Apesar de contar com uma ampla estrutura física nos dias atuais, a simplicidade da sua primeira sede mereceu destaque. Segundo as informações do senhor DSS (entrevista concedida em janeiro de 2005), o primeiro local onde funcionava a Uedac era um chalé bastante simples, de acomodações acanhadas.



Figura 2: Vista do prédio da Uedac, em 1948.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Durante o ano de 1948, todos se empenharam buscando o auxílio de voluntários para construir a sede própria da instituição, contando nesse período com a presidência de JBF, com o vice-diretor DSS, e com os diretores EJB, FDS, MA, GT, FL e FP, juntamente com os(as) demais associados(as).

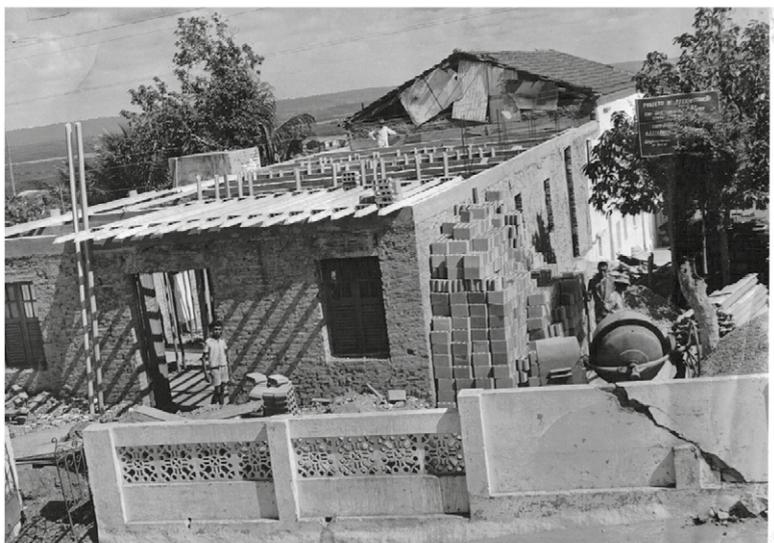


Figura 3: Construção do 2º piso da Uedac, em 1948.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

De acordo com o senhor DSS (entrevista concedida em janeiro de 2005), “os colaboradores que mais ajudaram nessa construção foram os voluntários em anonimato que, inspirados pelo mundo espiritual, adquiriam forças para encorajar-se na tarefa”.

Esse anonimato dos colaboradores que ajudaram na construção da nova sede da Uedac talvez tenha sido explicado pelo preconceito mantido contra a doutrina espírita durante esse período da década de 1940. O senhor DSS lembrou-se da possibilidade de pessoas influentes na sociedade fazerem parte dessa instituição; no entanto era preferível manter o anonimato para evitar constrangimentos devido à condição de certa marginalidade do espiritismo.

Segundo o senhor DSS, os acontecimentos sociais, políticos e econômicos que marcaram o recorte histórico realizado nesse estudo exerceram uma influência pequena ou quase nula sobre a fundação da Casa da Vovozinha, uma vez que “o espiritismo ainda era desconhecido, podemos dizer aqui¹⁵. A sociedade espírita era pequena, havia poucos centros aqui, cerca de quatro ou cinco centros principais que ainda não tinham peso como nós temos hoje”. No entanto ele destacou o papel desempenhado pela Liga Pró-Estado Leigo sobre a Constituição de 1934 e sobre o movimento espírita no nosso estado. De acordo com o sr. DSS, “esta Liga teve uma grande influência contra o clericalismo e a intervenção do clero na Constituição, pois a Constituição tinha implicância em publicar decretos contra a livre iniciativa das religiões, inclusive o espiritismo”. Ainda segundo o entrevistado: “porque em todo país não foram aceitas as ideias que nasciam do clero, a liberdade de consciência foi a maior abertura para a liberdade dos cultos religiosos de todos os tempos, e o espiritismo estava nesse meio” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005). Nesse sentido, das reuniões em casas de família passou-se à formalização institucional.

O senhor DSS também ressaltou que as lutas empreendidas na década de 1930, culminando na Revo-

15 Segundo o senhor DSS (entrevista concedida em janeiro de 2005), “o movimento espírita na Paraíba vem antes de 1915, porque eram sessões em casas residenciais e pessoas que apesar da boa vontade, do espírito cristão, de dar de graça o que de graça recebeu, eram sessões empíricas, não havia o que nós vemos hoje, o cuidado, o trabalho de preparar a mediunidade para os seus altos fins altruísticos e benemerentes”.

lução do mesmo ano, foram importantes no sentido de minimizar o domínio empreendido sobre o povo, e que pelo fato de:

a União Espírita ser formada de pessoas modestas, operários, pequenos empresários, pessoas do povo, naturalmente não deixaria de acompanhar as ideias novas que iam crescendo e da libertação do jugo que havia contra as pessoas pobres e carentes (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005).

Inclusive, sobre as greves realizadas pelos operários nos anos de 1934 e 1935, ele afirmou que a União Espírita não se posicionava contra, apesar de não se envolver politicamente com as lutas sociais. Para ele, “nós não éramos apolíticos, porém eram simples homens do povo que votavam, e nós, nos centros espíritas, não nos incomodávamos com o papel que cabia ao cidadão cá fora” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005).

Esse aspecto abordado pelo senhor DSS fez-me refletir sobre a discussão levantada por Caminha (2003, p. 16) a respeito da educação do homem ou do cidadão:

Adotamos como perspectiva reforçar a ideia de que toda educação cidadã deverá estar fundada numa visão antropológica. É nesse sentido que há uma primazia da educação do humano em relação à edu-

cação cidadã. Entendemos por educação do ser humano a formação que conduz ao desenvolvimento gradual do indivíduo para atingir a ideia de Homem.

Esse debate tornou-se relevante porque a educação só teria valor se nossos esforços em educar pudessem contribuir para o aperfeiçoamento da humanidade, conforme as afirmações de Caminha (2003, p. 19). Além disso, foi possível refletir que

Todo esforço dos educadores para contribuírem com a construção da cidadania não pode perder de vista que cada cidadão é um sujeito moral, que age não somente de acordo com uma norma que foi convencionada como correta, mas porque seu modo de agir é assumido por um sentido pessoal fundado em sua capacidade de julgar. (Ibid., loc. cit.)

Uma discussão semelhante a essa também foi levantada por Aristóteles ([19--], p. 105) quando afirmou que “a virtude do homem de bem é a mesma do bom cidadão”. No entanto, ele fez uma diferenciação argumentando que:

É preciso, pois, que a virtude do cidadão esteja em relação com a forma política. Se existem diversas formas de governo,

não é possível que a virtude do bom cidadão seja uma e perfeita. Por outro lado, afirma-se que é a virtude perfeita que caracteriza o homem de bem. É, pois, evidente que o bom cidadão pode não possuir a virtude que faz o homem de bem. (Ibid., p. 106)

Aristóteles fez essa distinção por compreender que a cidade era composta de partes diferentes, por homens e mulheres, senhores e escravos, por variadas formas de governo e diversificadas tarefas a serem cumpridas. Portanto, para que a virtude do bom cidadão fosse a mesma do homem de bem, era necessária uma república e um governo perfeitos.

Em face do exposto, percebi que o senhor DSS fez referência às atividades desenvolvidas nos centros espíritas como sendo voltadas não “apenas para a formação do cidadão que obedece às leis da constituição de um Estado, mas para a formação do homem que dignifica sua condição de humano pelas suas ações morais” (CAMINHA, 2003, p. 15). Esse aspecto talvez explicasse a afirmação do entrevistado de que os(as) espíritas não se incomodavam com o papel atribuído ao cidadão na sociedade.

Nesse sentido, o senhor DSS ter destacado o caráter apolítico dos espíritas poderia esclarecer os seus “silêncios”. Contudo, segundo o entrevistado, os frequentadores da comunidade eram pessoas simples, pequenos empresários, operários e, possivelmente,

possuíam carências sociais, o que poderia motivá-los a lutar por melhores condições de vida. Dessa maneira, seria possível questionar se havia ou não participação de seus frequentadores nas mobilizações por melhores condições de vida, de salário e pela liberdade de expressão, uma vez que alguns historiadores paraibanos, a exemplo de Mello (1996) e de Silveira (1999), fizeram referência à participação de espíritas na Liga Pró-Estado Leigo. Embora o senhor DSS não tenha se lembrado do nome de nenhum participante da liga, ele reafirmou a importância desta na tentativa de libertação do jugo da Igreja Católica. Apesar de concordar com o entrevistado que o movimento espírita na Paraíba começou de modo desconhecido e até sem relevância, pode-se indagar se as lutas sociais, políticas e econômicas não exerceram real influência sobre o surgimento da Casa da Vovozinha. Além dessa indagação, também refleti sobre a falta de lembrança do entrevistado, o que poderia caracterizar a possibilidade de se guardar certo silêncio para evitar comprometimentos.

A respeito da inquietação acerca da influência da Igreja Católica sobre o movimento espírita, o sr. DSS afirmou que esta não existia, inclusive “porque muitas pessoas já vinham da igreja, [...] e não havia razão” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005) para essa interferência. Ele até se lembrou de um fato ocorrido na década de 1950, em que:

O padre ZC, que era um benemérito dessa cidade, que já desencarnou¹⁶ há alguns anos, ele nos conhecia e, certa vez, ele colaborava com o nosso albergue noturno que criamos. Quando precisava de nossos auxílios ele mandava pessoas, [...] da mesma forma, quando nós tínhamos gente que sobrava para dar dormida nós mandávamos para ele lá, e ele recebia com muito prazer. (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

Sobre a existência desse albergue, no ano de 1952, reuniu-se, em sessão extraordinária, a Diretoria da Casa da Vovozinha “para organização, exame e aprovação do estatuto¹⁷ do Albergue para os Pobres e Desvalidos de João Pessoa” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005 p. 5). Nesse estatuto, ficou estabelecido que o albergue, fundado sob a direção da instituição espírita tinha como objetivo desenvolver atividades em favor da infância e dos pobres desvalidos de João Pessoa, tendo por fins:

- a) Dar pousada transitória aos pobres, oferecendo-lhes leitos higiênicos e a primeira refeição matinal.

16 Desencarnar foi um termo utilizado por Kardec (1987a) para se referir ao fenômeno da morte.

17 Apenas encontrei a descrição dos artigos desse estatuto na Ata de 1952.

b) Promover um serviço de assistência domiciliar, moral, espiritual, junto aos necessitados.

c) Manter um dispensário de alimentos, objetos de vestuários, agasalhos e remédios homeopatas para distribuição aos enfermos pobres.

d) Manter um curso de instrução primária gratuito que será ministrado a crianças de ambos os sexos. (ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO ALBERGUE PARA POBRES DESVALIDOS DE JOÃO PESSOA, 2005, p. 3)

Conforme constava no Estatuto do Albergue, a sua administração era feita por uma diretoria nomeada bi-anualmente, composta por um diretor, um secretário e um tesoureiro, que era o mesmo da instituição, tendo sido nomeados para primeiro diretor do albergue o senhor DSS e para secretária a senhora OA.

Para confirmar a colaboração que o padre ZC fazia para o trabalho assistencial do albergue, mandando e recebendo pessoas para serem acolhidas, constava na ata da sessão de diretoria da Casa da Vovozinha o seguinte:

Falou o presidente a fim de regularizar a entrada do pessoal do Padre ZC, para dormida no Albergue, explicando que de-

veria o diretor do Albergue ter um entendimento pessoal com o referido Padre, para evitar desentendimentos futuros. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005 p. 25)

Identifiquei nas lembranças do senhor DSS um discurso que não estava colocado na historiografia paraibana, justificando a importância da história oral enquanto metodologia de análise. Ele lembrou o fato de o padre ZC auxiliar na manutenção do albergue instalado na Casa da Vovozinha, mandando pessoas para serem albergadas. Apesar da lembrança do episódio, ainda não pude afirmar até que ponto a Igreja Católica realmente não interferia no crescimento do movimento espírita na cidade de João Pessoa, e se o apoio era oferecido de modo incondicional. Essa preocupação também foi apresentada pelo próprio presidente da instituição, afirmando a necessidade de entendimento com o padre.

Entretanto, o senhor DSS destacou que havia algumas exceções dentro do movimento das Igrejas Católica e Protestante que não toleravam os praticantes de outras religiões, mas também existiam pessoas que pensavam de modo diferente e que até os apoiavam: “por exemplo, nós tínhamos uma Igreja Protestante perto da atual sede que funcionava ali e, muitas vezes, o pastor vinha à nossa sede assistir aos nossos trabalhos e nos cumprimentava com todo respeito, como nós os cumprimentávamos da mesma maneira”. Ele

ênfatiçou que, na cidade de João Pessoa, os fatos se deram dessa maneira; contudo no interior era diferente: “nós tínhamos testemunho disso, muitas vezes sociedades espíritas de lá, de cidades como Alagoa Nova, foram apedrejadas por católicos ou protestantes, nós temos conhecimento disso através da história da Paraíba” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005).

Apesar desses fatos, no que dizia respeito ao apoio ou à resistência da imprensa sobre o movimento espírita na Paraíba, o senhor DSS afirmou que a comunicação com esses veículos “era sempre benéfica e eles abriam suas portas para publicar qualquer notícia que tivesse necessidade, muitas vezes nem cobrando os honorários do jornal para isso. Nós temos que reconhecer que a imprensa sempre esteve ao nosso lado” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005). Talvez se explicasse esse apoio pelo trabalho assistencial que era desenvolvido pela Casa da Vovozinha, a qual, de acordo com as suas posses financeiras, distribuía, no Natal e no fim do ano, cestas básicas, o que se tornava um momento de grande festa na União Espírita, conforme as lembranças do senhor DSS.

Embora naquele tempo o número de assistentes ainda fosse pequeno, sendo a maioria formada por pessoas que iam “pedir os meios caritativos da comunidade, onde era recebido, onde tomava o passe magnético, água fluidificada e a palavra reconfortante dos espíritos do bem, nunca faltou isso nas nossas reuniões” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005), de qualquer maneira crescia o movimento espírita na

capital. O senhor DSS ainda lembrou que realizava, além das reuniões públicas, outros eventos, inclusive de arte, destacando que nessas ocasiões aumentava a participação do público:

Quando se tratava de um evento maior, então apareciam mais pessoas. Nós tínhamos ocasião aqui de fundar em 1948 um grupo de teatro de jovens, sob a minha direção, e ainda levamos peças de vulto não só na nossa sede na União Espírita como no Teatro Santa Roza e em outros cinemas que tinham palco próprio para esse evento. (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

Acerca desse trabalho com o teatro, constatei, através do livro de atas, que em uma das sessões administrativas da diretoria da instituição, o senhor DSS comunicou “que o presidente do Teatro Amador da Paraíba pretende, da Diretoria desta associação, um dos compartimentos do prédio para ensaios provisórios dos aprendizes do teatro” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005, p. 10). Como a diretoria julgou conveniente, consentiu nessa pretensão. Essa atitude, no ano seguinte, teve uma repercussão bastante positiva, haja vista a comunicação do sr. DSS à diretoria sobre o recebimento da “importância de Cr\$ 1.000,00 doado pelo Teatro de Amadores desta capital, em vista de

um festival que realizaram em benefício do Albergue” (Ibid., p. 19).

Além desses eventos, para dinamizar mais as reuniões públicas, nas quais “nunca se deixou de ler o Livro dos Espíritos num dia e o Evangelho Segundo o Espiritismo¹⁸ noutra”, o senhor DSS relatou que sempre procurava pessoas habilitadas na palavra do Evangelho ou na explicação do Livro dos Espíritos. Para tanto, ele trouxe à memória que “certa vez, em 1932, o presidente da Federação Espírita Paraibana, nosso prezado confrade JAR, visitou a União Espírita pela primeira vez, e nós tivemos uma boa assistência, onde ele fez uma grande palestra sobre determinados temas evangélicos que aprovou com uma salva de palmas” (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005). Diante das lembranças destacadas pelo entrevistado, senti a necessidade de perguntar-lhe a qual motivo ele atribuía o fato de a Casa da Vovozinha existir há tanto tempo, sem nunca ter interrompido o seu trabalho, ao que ele respondeu:

Eu acredito que a União Espírita está vivendo ainda seus dias, 74 anos, por obra e graça de Deus, dos Espíritos que almejam uma sociedade capaz de prestar serviço à humanidade nos postulados

18 Esses dois livros estudados nas reuniões públicas representam parte das obras escritas por Allan Kardec. O Livro dos Espíritos foi a primeira, publicada em 1857, e o Evangelho Segundo o Espiritismo, foi a terceira, escrito em 1864.

da doutrina espírita, e é por isso que ela veio. Os outros são apenas instrumentos da mensagem divina. A nós não cabe nenhum elogio, porque somos apenas trabalhadores de boa vontade ou sem vontade, mas a Deus, nosso Pai de misericórdia, é que devemos toda essa grandeza, toda essa beleza, toda essa graça de ela estar vivendo seus belos dias prestando serviço à humanidade, porque ela é um dos instrumentos que Deus se serve para declarar a grandeza e a beleza daquela promessa de Jesus: não vos deixarei órfãos, mas no futuro pedirei ao meu Pai para que mande um Consolador Prometido, e ele veio através dos homens e das sociedades que existem no mundo. (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

Diante das lembranças apresentadas pelo senhor DSS e utilizando as técnicas da história oral, procurei compreender a estrutura e o funcionamento da Casa da Vovozinha, desde a sua fundação até os dias atuais. Para essa sistematização, também fiz uso da pesquisa documental, através dos livros de atas, estatutos e regimentos dessa instituição, e confrontei esses dados com as informações trazidas por DSS e por JTA, com a intenção de reconstituir uma primeira versão das práticas educativas que eram desenvolvidas pela Uedac, a

partir do olhar de uma militante cuja participação tem sido intensa há vinte e sete anos.

2.4 ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA

Em um contexto de lutas sociais, econômicas, políticas e culturais, desenvolveu-se o movimento religioso realizado pela Uedac. Segundo o senhor DSS,

O primeiro nome da instituição foi este, União Espírita Deus, Amor e Caridade, e que, por sinal, esse nome foi inspiração de um Espírito que, através da mediunidade psicográfica de FD, ditou para ele o nome que deveria ser essa sociedade, porque ela começava pela união. (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

No entanto, a instituição tornou-se mais conhecida pelo nome Casa da Vovozinha, em virtude de ter criado um albergue para senhoras de idade, no ano de 1959. A respeito dessa confusão sobre o nome da instituição, no ano de 1961, a partir das informações apresentadas no livro de atas, constavam as seguintes anotações:

Em seguida, o Sr. Presidente abordou vários assuntos inclusive do nome da Sociedade que está confuso, ocorrendo graves prejuízos, em virtude destes acontecimentos ficou acertado de que uma comissão irá ao Governo do Estado a fim de conseguir um auxílio do Estado para esta Sociedade, como também ao Prefeito da Capital. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005, p. 54-55)

Ainda nesse mesmo ano, em outra reunião da diretoria da instituição, “foi lido um telegrama recebido do Deputado LB, referente ao nome exato desta sociedade que sempre vem publicado erradamente no Diário Oficial da União” (Ibid., p. 57). De alguma forma cometia-se um equívoco, porque a Casa da Vovozinha só surgiu em 1959 e era mantida, desde então, pela União Espírita. Todos esses aspectos repercutem até os dias atuais, quando ainda nos referimos à Uedac como Casa da Vovozinha, devido à sua popularidade. Sendo assim, é a tal denominação que também estou fazendo referência neste estudo; inclusive nas falas dos(as) entrevistados(as), foram feitas referências a esse fato:

E daí a União Espírita Deus, Amor e Caridade, que muita gente diz, eu vou para Casa da Vovozinha, mas não é verdade, porque pra Casa da Vovozinha só vão

as velhinhas lá internas. Nós quando saímos de casa e vamos para lá assistir uma reunião, nós vamos pra União Espírita, né. Nós vamos à União Espírita e lá nós visitamos a Casa da Vovozinha (CF. Entrevista concedida em setembro de 2005).

A União Espírita Deus, Amor e Caridade que agrega a Casa da Vovozinha que, praticamente, puxou o nome para Casa da Vovozinha, quase hoje ninguém conhece União Espírita e, sim, Casa da Vovozinha (CGOS. Entrevista concedida em setembro de 2005).

A fundação da União Espírita aconteceu no momento em que o povo paraibano se engajava em maiores mobilizações, como partidos políticos, sindicatos, e também em instituições religiosas, na década de 1930. A própria Constituição Brasileira de 1934 garantiu essa liberdade e assegurava que as instituições religiosas pudessem adquirir personalidade jurídica nos termos da lei civil. Com isso, os fundadores e membros da diretoria que compunham a instituição sentiram a necessidade de elaborar um estatuto, a fim de regularizar a organização e o funcionamento da instituição. Segundo o senhor DSS, na época da fundação da Uedac não havia estatuto, pois o primeiro foi elaborado por ele próprio e pelo então presidente no ano de 1946:

Esse estatuto era comigo e o presidente, que chamava-se FDS. Nós, nas horas vagas, redigíamos os estatutos da instituição, depois passava em Assembleia e era aprovado e continuava. E se precisasse de retificar, se retificava.

A sua elaboração era no momento em que nós tínhamos tempo para isso. [...] no momento em que a gente se juntava lá na União Espírita, quando não havia reunião e fazíamos esse trabalho.

[...] a gente ia buscar noutros estatutos, primeiro da Federação Espírita Brasileira ou outra sociedade, para tirar alguma coisa que servisse ao nosso estatuto que estávamos elaborando (DSS. Entrevista concedida em julho de 2005).

Essa informação foi confirmada por JTA, quando disse:

Comumente e praticamente o espiritismo sempre foi organizado nas casas de família. Existia muitos centros que se chamavam de centro espírita familiar, porque era um grupo que passava a ler o Evangelho, receber manifestação, e daí surgia a presença de mais alguém, e se

formava uma sociedade espírita. A União Espírita também foi dessa maneira. [...]

Muitas Casas que existem trabalharam muitos anos simplesmente, pois a origem das casas espíritas sempre partiu de um grupo mediúnico [...]. E isso passava muitos anos sem ninguém ligar para estatuto, porque não era uma sociedade; muitos centros eu encontrei com nome de Centro Espírita Familiar, porque era de uma família, não era uma sociedade propriamente dita. Eram estatutos quase sem muita regra. O de 1946 como estatuto foi o primeiro, porque antes tinha em rascunho. (JTA. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

Esse primeiro estatuto da União Espírita foi registrado no “Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, sob nº 8160 – Livro A, nº 1, folhas 32 – Em 19 de junho de 1946” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 1946, p. 17). Tratava em seu capítulo I, artigo 1º, da sociedade e seus fins, afirmando que a “União Espírita Deus, Amor e Caridade, fundada em 13 de agosto de 1931, na cidade de João Pessoa, Capital do estado da Paraíba do Norte, onde estabeleceu a sua sede e domicílio, é uma sociedade civil, com personalidade jurídica” (Ibid., p. 3), tendo por objetivos:

§ 1º – O estudo teórico, experimental e prático do Espiritismo, a observância e a propaganda ilimitada de seus ensinamentos por todas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada.

§ 2º – A prática da caridade moral e material por todos os meios ao seu alcance.

§ 3º – A União solidária com as sociedades congêneres e adesão à Federação Espírita Brasileira e Federação Espírita Paraibana. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 1946, p. 3)

Portanto, pude inferir que a proposta de se elaborar um estatuto para essa instituição, construído a partir das inquietações vivenciadas por sua diretoria, era fruto da necessidade de se organizar a União Espírita, com vistas a alcançar suas finalidades. Inclusive legalizando-a nos órgãos públicos, na tentativa de se conseguir donativos desses órgãos, como também da população. Interessante observar que, dentre os seus objetivos, o estudo estava em primeiro lugar na ordem estabelecida para suas metas.

Por se tratar de uma sociedade, compreendia a existência de um número ilimitado de sócios, classificados nas categorias¹⁹ de contribuintes, remidos

19 Os sócios contribuintes eram apresentados por outro sócio; os remidos representavam os que pagavam de uma só vez a importância de

e benfeitores, conforme exposto em seu capítulo II, artigo 2º. Esses sócios deveriam ser “maiores de 18 anos, sem distinção de sexos, nacionalidade ou raça, que, adotando os princípios do espiritismo, ou desejando iniciar-se neste, a ela se associem aceitando as obrigações decorrentes desse ato” (Ibid., 1946, p. 3). Entre essas obrigações estavam os estudos e a divulgação da doutrina espírita; prestação de ajuda moral e material, na aceitação de cargos ou em comissões que lhes fossem indicadas; e o pagamento pontual das suas contribuições. Sobre as contribuições, constava nos Estatutos, em seu 7º artigo, que “uma vez aceito, o sócio pagará a joia de três cruzeiros (Cr\$ 3,00) e a mensalidade de dois cruzeiros (Cr\$ 2,00), podendo esta ser de maior quantia aos que quiserem” (Ibid., p. 4).

Analisando o artigo referente aos sócios, percebi certa limitação para eles, que deveriam ter adotado os princípios do espiritismo ou estar próximos a fazê-lo, iniciando-se nessa tarefa. Esse aspecto talvez pudesse ser justificado em virtude de que aos sócios era atribuído o direito de desempenhar cargos na instituição, portanto necessitavam professar a doutrina espírita. Também constava nesse artigo a possibilidade de excluir o sócio em atraso com sua mensalidade, no entanto não tive notícia de algum que pudesse ter vivenciado essa situação.

quinhentos cruzeiros (Cr\$ 500,00) e os benfeitores eram os que prestavam serviços relevantes à instituição ou faziam donativos vultosos (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 1946, p. 4-5).

De acordo com informações contidas no seu primeiro estatuto, no capítulo III, artigo 10, a União Espírita deveria ser administrada “por uma Diretoria composta de presidente, e vice-presidente, 1º e 2º secretários, tesoureiro e diretor da Assistência aos Necessitados” (Ibid., 1946, p. 5). Portanto, a cada término de mandato, ou seja, dois anos, era apresentado um relatório com os atos da administração em assembleia geral, conforme as informações obtidas no capítulo IV, artigo 19, dos Estatutos. A diretoria deveria reunir-se uma vez por mês, ordinariamente ou, quando fosse preciso, de modo extraordinário, executar o programa social, admitir novos sócios, organizar orçamento anual, apontar substitutos para suas funções, cumprindo os Estatutos, entre outras atribuições.

Pude observar o destaque feito nesse estatuto sobre todos os cargos serem absolutamente gratuitos. Essa informação também foi enfatizada por um dos entrevistados, quando disse:

Aqueles trabalhadores todos que ali trabalham são dedicados no evangelho de Jesus, nos preceitos de Jesus, caminhando sempre por esses ensinamentos [...]. Não levamos em conta aquilo que nós fazemos com interesse em nada na vida, mas fazemos somente, unicamente, com interesse de ajudar aqueles que sofrem, aqueles mais carentes, aqueles mais necessitados, e por isso é necessá-

rio que a gente faça todos esses trabalhos, todo esse serviço de coração, sem nenhum interesse de vidas melhores, nem de angariar dinheiro. Nós angariamos as coisas para servir, para ajudar aqueles que não têm. (AFS. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Apesar de o estatuto regulamentar o período de dois anos para o mandato de cada diretoria, ele não estipulou um tempo de permanência máxima para cada administração. Este fato possibilitava que os dirigentes permanecessem por muito tempo nessa função, a exemplo do que aconteceu com o senhor JTA, que exerceu o cargo de presidente por quarenta e quatro anos.

A respeito das atribuições da diretoria, em face do que foi mencionado no artigo 10 do Estatuto que trata sobre a diretoria, citado anteriormente, deduzi que os membros da diretoria passavam a coparticipar democraticamente das responsabilidades atribuídas aos representantes que estavam à frente, não havendo hierarquias entre os diferentes cargos. Essas atribuições eram assumidas com a participação coletiva de todos os diretores da instituição.

Infelizmente, o encaminhamento dessa proposta de estatuto para ser lida e aprovada não constava em nenhum livro de ata, nem tampouco a data de realização da primeira assembleia. Soube apenas que foi formada uma primeira diretoria, conforme as lembranças do senhor DSS:

O primeiro presidente chamou-se EJS e o vice JAL. Eu fiz parte da fundação, e em 1932, como arquivista, bibliotecário, fazia parte da diretoria. Tinha também outros diretores, como FD, que era 1º secretário; HS, que era diretor dos trabalhos mediúnicos; e tinha outras pessoas que faziam parte da diretoria. Foi a primeira diretoria que tivemos, depois passou para outras. (DSS. Entrevista concedida em janeiro de 2005)

Além do senhor EJS, que assumiu o cargo de primeiro presidente da instituição através de processo eletivo por aclamação, também desempenharam essa função os senhores FDS, JBFF e FPS. Todos permanecendo por período equivalente a dois anos, podendo ter-se prolongado por seis, em caso de reeleição, conforme as afirmações do senhor DSS. No entanto, no ano de 1958, assumiu a presidência o senhor JTA, o qual permaneceu nessa função até o ano de 2002, passando a presidência para o senhor CGOS, que continua até os dias atuais²⁰. Vale salientar que todos esses cargos foram assumidos após um processo eletivo.

Acerca desse processo eletivo, constava, nos Estatutos de 1946, que ele se realizava nas assembleias

20 Essas informações foram obtidas com o entrevistado DSS (entrevista concedida em janeiro de 2005), bem como nos livros de atas das reuniões de assembleia geral (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005).

gerais, a cada dois anos, contanto que houvesse um número legal mínimo de sócios. O presidente da União Espírita passava a direção a outra pessoa, a qual convidava dois sócios para serem 1º e 2º secretários, registrando em ata o desenvolvimento da eleição. Com o fim da reunião, os sócios muniam-se de cédulas eleitorais, votavam secretamente ou por aclamação, sendo eleitos os mais votados ou aclamados (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 1946, p. 9-10). Pelos registros nos livros de atas, as eleições davam-se sempre por aclamação, por esta ser considerada a maneira mais democrática de se eleger dirigentes em uma instituição espírita. Era apresentada, geralmente, uma chapa única, o que suscitou meu questionamento a esse respeito. Contudo o senhor JTA sempre justificava que o Centro Espírita não era ambiente para disputas políticas.

Uma vez colocados esses esclarecimentos, dentre as atribuições do presidente destaquei as seguintes: tornar efetivos e fazer cumprir os Estatutos; convocar assembleias gerais, ordinárias e extraordinárias, presidindo-as; preencher as vagas nos cargos da diretoria e apresentar relatório anual dos trabalhos da sociedade. Ao vice-presidente competia auxiliá-lo, substituindo-o quando necessário. O 1º secretário tinha a incumbência de redigir atas das sessões de diretoria, organizar o quadro dos sócios e as correspondências e substituir o vice-presidente na sua ausência. Já o 2º secretário deveria organizar os dados estatísticos da União Espírita, fiscalizar os bens imóveis, efetuar as compras autoriza-

das e substituir o 1º secretário. Ao tesoureiro cabia a arrecadação da receita geral da instituição, o custeio das despesas e a escritura do livro “caixa”. As atribuições do diretor da Assistência aos Necessitados relacionavam-se a presidir reuniões da sua comissão, representando a diretoria; organizar os serviços da assistência, visitando lares e dando auxílio moral e espiritual nos presídios e hospitais e apresentar mensalmente à diretoria um resumo dos trabalhos realizados (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 1946, p. 5-9).

Dessa forma, o presidente representava o líder da diretoria, porém sua atuação deveria estar democraticamente articulada com o desempenho dos demais diretores e subordinada às decisões das assembleias, podendo até ser afastado por condutas que não fossem condizentes com os postulados da doutrina. Ao vice-presidente, cabia a articulação da sua atuação com a do presidente, auxiliando-o e substituindo-o quando necessário.

Fazia parte das atribuições do 1º secretário a organização de todos os tipos de documentos, além da possibilidade de substituir o vice-presidente quando necessário. Na sua impossibilidade, caberia ao 2º secretário assumir tais atribuições. Ao tesoureiro era pertinente a prestação de contas perante a diretoria.

Sobre a assembleia geral, tratou o capítulo IV, em seu artigo 19, que esta deveria reunir-se bianualmente, “com o fim especial de tomar conhecimento do Relatório e atos da administração, deliberar a respeito, eleger e empossar a nova Diretoria” (Ibid., p. 9). Sua convocação era feita pelo presidente da instituição, através de avi-

so publicado no Órgão Oficial e nos jornais diários de maior circulação. Para tanto, era necessário um número mínimo de dez sócios quites com suas contribuições.

Nesse sentido, a assembleia geral representava uma atividade que tinha como processo as discussões e decisões importantes da administração da instituição. Para tanto, sua convocação era realizada pela diretoria com ampla divulgação. Esse processo ocorria por intermédio da participação coletiva, garantindo a democracia e uma conduta cristã no espaço institucional.

O artigo 29, exposto no capítulo V, discorreu sobre as reuniões da União Espírita, as quais eram realizadas em duas sessões:

a) Doutrinárias, duas vezes por semana, versando sobre as obras de Allan Kardec, de J. B. Roustaing e outras subsidiárias e complementares da Revelação [...].

b) Experimentais e práticas, para obtenção e pesquisas dos fenômenos espíritas, suas aplicações morais e científicas, segundo as normas da Doutrina.

[...] As primeiras serão franqueadas ao público e às outras mediante o concurso de sócios que conheçam a moral espírita e se esforcem continuamente por praticá-la. (Ibid., p. 11)

Essas reuniões representavam importantes momentos para que houvesse o estudo da doutrina espírita, a fim de se alcançar um dos objetivos da Uedac previstos nesse estatuto, referente ao estudo doutrinário. A outra reunião relacionava-se à prática dos fenômenos mediúnicos, ou seja, a busca do intercâmbio com as entidades espirituais, elemento este que é característico das casas espíritas.

A assistência aos necessitados foi a preocupação do capítulo VI, no artigo 28, a qual era realizada por uma equipe de quatro membros, no mínimo, além do diretor, e doze, no máximo. Essa equipe era responsável pelo atendimento mediúnico, pela assistência domiciliária moral e espiritual para os necessitados em geral, além de socorro em dinheiro, alimentos, vestuário e agasalhos. Essas atividades eram realizadas com o auxílio dos rendimentos das mensalidades dos contribuintes, de donativos de qualquer natureza e da tesouraria da instituição. Qualquer pessoa poderia tornar-se contribuinte desse trabalho assistencial, independente da crença religiosa (Cf. *Ibid.*, p. 12-13).

Como pude perceber nos Estatutos, a União Espírita passou também a prestar serviços assistenciais à população carente, tanto material quanto espiritual. Poderia ser questionado o seu afastamento da meta de estudar a doutrina espírita. Contudo esse trabalho assistencial também foi referenciado no estatuto e representou um marco importante na consolidação da União Espírita para a população, em termos de credibilidade e confiança.

Também funcionou na instituição um curso de instrução primária, cujas deliberações estavam expostas no artigo 35 do capítulo VIII. Esse curso visava “favorecer a instrução primária e o cultivo intelectual dos filhos de seus associados e do povo, em geral, [...] gratuito e ministrado [para] as crianças de ambos os sexos sem distinção de crença ou nacionalidade, em aulas diurnas regidas por professores espíritas” (Ibid., p. 13). O seu funcionamento ocorreu em meados de 1955. Como a instituição não tinha condições de custear as despesas, por falta de condições financeiras da sociedade para manter o funcionamento da escola, o próprio diretor da assistência aos necessitados, na época, JTA, assumiu a responsabilidade por ela.

Em face desse desafio, elaborou-se uma campanha em prol da criação da escola, contratando uma professora e matriculando sessenta crianças. Até o primeiro semestre de 1958, a escola funcionava sem alterações, mas então se recebeu uma intervenção da prefeitura por causa de uma mudança radical no ensino primário, não permitindo o funcionamento das escolas particulares. Por isso a escola foi desativada em março de 1958 (Cf. JTA. Entrevista concedida em agosto de 2005).

Além de oferecer esse curso, a União Espírita criou um albergue transitório, destinado aos velhos e às crianças de ambos os sexos. No ano de 1951, iniciava-se a construção do Albergue para Pobres e Desvalidos, que estava projetada para ter dois pavimentos, o térreo e o primeiro andar, para homens e mulheres, que seriam hospedados para passarem a noite, rece-

bendo da instituição o café da manhã no dia seguinte. Para alcançar esse fim, contou-se com a colaboração do senhor ALV, ajudando financeiramente, e do senhor AM, que forneceu material de construção, além da participação de voluntários que prestaram uma grande contribuição para o êxito dessa construção, conforme os dados oferecidos por JTA (entrevista concedida em janeiro de 2005):

A União Espírita criou, antes mesmo da Casa da Vovozinha, em 1954, o Albergue, que foi instalado com uma boa assistência social. Nós passamos a dar assistência em média de vinte a vinte e tantas pessoas, ao padre ZC que, na época, tinha um instituto, aonde recebia muita gente que vinha do interior, e ele já mandava um empregado dele trazer todas as tardes lá para a União Espírita, para o Albergue, média de quinze a vinte pessoas, para dormir, homens, né? E essas pessoas chegavam, tomavam às vezes um café de manhã. E então o padre tinha muita ligação, vinha visitar a nossa instituição, defendia mesmo. Como participamos de reunião no palácio do governo, na época do governo de PG, o padre ZC presente, freiras e muita gente lá que era da obra de assistência social, não era mais espiritismo, já era o traba-

lho da campanha, da Casa da Vovozinha, quem se fazia presente para defender os direitos dos pobres.

O albergue noturno foi inaugurado em 1954, conforme registros no livro de atas, passando a prestar essa grande caridade, especialmente às pessoas que eram encaminhadas pelo padre ZC, informação confirmada por DSS. O padre ZC mandava diariamente uma média de vinte pessoas para dormirem nessa instituição, estreitando os laços de amizade entre as religiões, pelo menos em favor dos necessitados assistidos diariamente. Sobre a sua inauguração, constavam as seguintes anotações no livro de atas:

Para inauguração do Albergue, a diretoria resolveu convidar autoridades civis e militares, especialmente, o sr. governador do estado e o presidente da Federação Espírita Paraibana.

Além da presença dos sócios da União Espírita Deus, Amor e Caridade, compareceram a essa sessão a convite especial o representante do governador do estado, na pessoa do dr. MR, e representantes da Assembleia Legislativa Estadual, nas pessoas dos deputados FS e TB, representante da Câmara Municipal de Vereadores, na pessoa do dr. OG, repre-



tigar dúvida quanto ao caráter político da doutrina espírita, já que se tratava de uma instituição desprovida de interesses políticos, ou com objetivos promocionais, podendo, assim, parecer contraditório. No entanto, o intercâmbio com representantes do poder público talvez tenha sido importante, podendo ter representado um apoio dado à instituição, inclusive aumentando a credibilidade perante a população.

Figura 4: Festa de inauguração do Albergue para Pobres e Desvalidos, em 1951.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

De acordo com o próprio estatuto, conforme exposto no capítulo XI, que tratou das disposições gerais, em seu artigo 53, este estava sujeito a reformas no tocante à administração, após deliberação da assembleia geral. Nesse sentido, esse documento passou por alterações necessárias de acordo com as necessidades surgidas no processo histórico da instituição. Tal necessidade de reformulação foi confirmada pelo então presidente JTA, quando, em assembleia geral extraordinária, foi registrado o seguinte:

O presidente da reunião expôs aos presentes que a reforma dos Estatutos iria contribuir para atualização de todos os serviços que haviam sido criados e complementar todas as atividades da Instituição, conforme o seu desenvolvimento doutrinário e assistencial no decorrer dos anos que passaram, disse ainda, que os novos Estatutos, a ser apreciados pela presente Assembleia Geral, havia sido elaborado por grupos de trabalhos e por ele próprio. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHHA, 1982, p. 12).

Em assembleia posterior, o presidente destacou que um ponto importante na atual gestão foi a reforma dos Estatutos, pois:

Desde o ano de mil novecentos e quarenta e seis o antigo Estatuto não mais oferecia qualquer condição para continuar disciplinando as atividades da Instituição, especialmente com o desenvolvimento que alcançou nos períodos sucessivos de sua administração. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHHA, 1985, p. 17)

Sobre as reformulações feitas no novo estatuto, consignado por escrito no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, sob nº 42851 – Livro A, nº 3, nº de ordem 42791, e publicado no Diário Oficial do Estado datado de 5 de março de 1983, de acordo com o livro de atas (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005, p. 12), constava o seguinte:

Dentre as modificações importantes destacam-se: a criação de dez (10) departamentos especificados para serem incorporados nos serviços da União Espírita bem como o Internato Casa da Vovozinha e a Escola do Quilo, que passaram a ser supervisionados pela diretoria da União Espírita, com seus Estatutos independentes; alteração para quatro anos o prazo de mandato da diretoria, que era de dois anos no Estatuto anterior, ficando as eleições para eleger as diretorias, na primeira quinzena de janeiro do ano subsequente ao final do mandato dos diretores.

Conforme parágrafo introdutório do novo estatuto, a União Espírita havia se desenvolvido muito nos últimos anos, criando vários serviços assistenciais e doutrinários, os quais não estavam previstos nas normas estatutárias apresentadas desde 1946, e por isso os diretores dessa época resolveram reformar os Estatutos a fim de enquadrar todos os serviços em funciona-

mento. Esse novo estatuto foi aprovado em reunião de assembleia geral extraordinária, realizada no dia 2 de novembro de 1982 (Ibid., p. 1).

Nesse novo estatuto, além de constar como sociedade civil, foi estabelecida no artigo 1º a sua característica de sociedade religiosa e assistencial, tendo por objetivos:

§ 1º – Como Entidade Religiosa, fundamenta-se nos métodos científicos filosóficos da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, propondo-se a promover trabalho de assistência material e espiritual, em toda sua amplitude, segundo os ensinamentos de Jesus Cristo;

§ 2º – Manter através dos seus Departamentos especializados, todos os tipos de auxílio aos necessitados, bem como o exercício da educação mediúnica, a fim de atender as pessoas dotadas das faculdades psíquicas para beneficiar as vítimas de processos obsessivos. (Ibid., p. 1)

Outra mudança registrada no novo Estatuto foi o tempo de mandato de sua diretoria, “fixado por um prazo de quatro anos, a fim de proporcionar a esses diretores eleitos tempo suficiente para execução do plano de trabalho, que exige elaboração e meios financeiros para uma boa administração” (Ibid., p. 3), diferenciando-se

do estatuto anterior, que regulamentava um período de dois anos para um mandato, podendo haver reeleição. Portanto, a diretoria eleita passou a dispor de maior espaço de tempo para administrar a instituição.

Em seu capítulo VI, artigo 19, também pude constatar a criação de dez departamentos, “como parte complementar na administração da União Espírita Deus, Amor e Caridade”, sendo eles: Assistência Social; Mediúnico e Tratamento Espiritual; Livraria e Divulgação Espírita; Alfabetização e Evangelização à Infância; Patrimônio, Móveis e Imóveis; Mocidade Espírita; Feminino e Trabalho Social; Proteção à Gestante e Natalidade; Social e Albergue Transitório e Ambulatorial, Médico e Odontológico (Ibid., p. 6). Cada um desses departamentos tinha sua diretoria composta por um diretor e um vice-diretor, os quais deviam agir em conformidade com as atribuições previstas nos Estatutos, bem como de modo democrático entre cada departamento e também com a diretoria executiva.

Também, nesse novo estatuto, ficou estabelecido em seu artigo 20 que “a União Espírita mantém ainda em sua sede social, sob a supervisão administrativa de sua diretoria, a Escola do Quilo²¹ e o Internato Casa da Vovozinha. Seus diretores serão eleitos nas mesmas formalidades dos demais diretores dos Departamentos” (Ibid., p. 6). Portanto, com essa reforma, foi extinta a Associação Albergue para Pobres e Desva-

21 A Escola do Quilo tinha a função de centralizar o trabalho da Campanha do Quilo. Ela representava a parte teórica para instruir as pessoas que realizavam a campanha.

lidos, adotando-se o nome de Departamento Social e Albergue Transitório.

Para manter esse trabalho assistencial, a União Espírita iniciou a Campanha do Quilo, sendo esta uma das primeiras tarefas implantadas pelo então presidente, JTA, com a eleição de sua diretoria constando na Ata de Assembleia do dia 23 de setembro de 1958. Segundo o senhor JTA (entrevista concedida em setembro de 2005):



em setembro de 1958 para que pudéssemos já pelas rendas adquiridas, gêneros alimentícios que se colhia também, criar um outro trabalho que foi a Casa da Vozinha, em janeiro de 1959.

Esse trabalho se iniciou com uma média de doze a quinze participantes, tendo em vista não ser uma tarefa muito fácil, conforme o senhor JTA afirmou (entrevista concedida em setembro de 2005): “sair com um saco nas costas, uma mochila na mão de porta em porta, implorando ao povo um auxílio para a manutenção dos trabalhos da União Espírita, que já estavam todos organizados para ser posto em prática e precisava de conseguir renda”.

Figura 5: Grupo de legionários saindo para a Campanha do Quilo.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Segundo o senhor JTA, de um modo geral, a campanha do quilo era realizada pelos espíritas, pois, muitas vezes, quando o legionário²² chegava às residências e encontrava alguém sofrendo, era necessário dar um passe²³, dizer uma orientação. No início, esses legionários eram muito mal recebidos, porém, com o passar do tempo, o trabalho foi ganhando credibilidade em virtude da assistência prestada aos necessitados (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005). Com isso, havia uma provável razão para a aceitabilidade. O senhor JTA ainda lembrou que a Campanha do Quilo:

Pedia em nome dos serviços assistenciais da União Espírita. A obra da assistência social, esse trabalho era realmente de distribuição de enxoval, era sopa, era feirinha, tinha um bocado de coisa, que já estava começando também, o meio financeiro vinha do dinheiro deles. Fazia nas ruas, nas feiras, em todo canto. Com o gênero alimentício se fazia as feirinhas para distribuir às pessoas famélicas e o dinheiro comprava-se enxoval.

22 Esse termo, inspirado na Idade Média, foi utilizado por Elias Sobreira, iniciador do trabalho da Campanha do Quilo, para designar aqueles que saíam às ruas pedindo donativos.

23 O passe representava uma troca de energia entre o receptor e o passista. Era feito através da imposição de mãos, como parte do tratamento espiritual realizado nas Casas Espíritas, o qual deveria ser complementado pelo estudo e pela água fluidificada, ou seja, o passe também era aplicado sobre a água das pessoas em tratamento.

val, comprava-se alimento também, para complementar. Tudo começa de pouco e à medida que foi se expandindo, foi melhorando e aumentando a arrecadação, mas as rendas no começo não eram essas coisas todas. O número de pessoas era pequeno que hoje, nós estamos uma média de trinta pessoas e nunca faltou durante todo esse período de quarenta e cinco anos, sempre uma média de vinte e cinco a trinta pessoas. Quanto maior o número, maior a quantidade que vem da rua. (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

O trabalho da campanha do quilo surgiu em função da necessidade financeira de se fazer a assistência social aos necessitados. A Casa não dispunha dos recursos financeiros necessários, portanto, contava com a colaboração das pessoas de diferentes bairros da cidade, inclusive de outras religiões, que doavam gêneros alimentícios e dinheiro. Começou de modo incipiente e foi crescendo pouco a pouco.



Figura 6: Grupo de legionários saindo para a Campanha do Quilo.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

De acordo com o senhor JTA, “quando criamos a campanha do quilo, passamos a visitar os lares e explicando ao povo que o espiritismo é uma doutrina de caridade, de amor ao próximo, de dar assistência à velhice, à criança”, tornando-se, portanto, um trabalho de divulgação do espiritismo. Além disso, o senhor JTA atribuiu duas finalidades à Campanha do Quilo (Entrevista concedida em setembro de 2005):

A primeira é adquirir alimentos, gêneros para ajudar os famintos e os necessitados, e em segundo lugar é treinar as pessoas que fazem a Campanha do Quilo para como fosse um curso de humildade,

aprender a amar o próximo, respeitar o próximo e acima de tudo abater o orgulho, a vaidade que nós somos sobrecarregados desses defeitos, e quando se torna um mendigo nas ruas praticamente com um saco nas costas implorando ao povo um auxílio. Serviu muito até para estimular outras organizações que eram criadas por aí que ia fazendo também baseado naquilo que se fazia na União Espírita. Nesse tempo não tinha ainda Casa da Vovozinha.

Além dessas finalidades, o atual diretor da Escola do Quilo, o senhor SAB (entrevista concedida em setembro de 2005), destacou que:

Na realidade é um trabalho educativo; de qualquer forma a gente sabe que a gente tem que procurar saber e receber aquelas indiretas considerando assim até o insulto, a gente tem que ali procurar se educar. Educar aqueles impulsos negativos e levar aquela palavra de amor, de perdão, de tolerância a essas pessoas que ainda não entendem esse trabalho.

Além de toda essa vivência prática nos bairros de João Pessoa, na qual o legionário da Campanha do Quilo defrontava-se com uma grande variedade de pessoas, era necessário demonstrar equilíbrio e bom-senso, evi-

tando exaltações quando fossem mal recepcionados. Para adquirir esse controle emocional, os trabalhadores também participavam de uma reunião preparatória, na qual cantavam o hino à Campanha do Quilo e liam trechos do livro O bom combate.



Figura 7: Grupo de legionários da Campanha do Quilo em reunião preparatória na Uedac.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Conforme as palavras do senhor SAB (entrevista concedida em setembro de 2005), era necessária uma preparação do legionário através da leitura dos dez mandamentos da Campanha do Quilo²⁴, bem como

²⁴ Os dez mandamentos constam no livro: A campanha do quilo ou o bom combate, de Elias Sobreira, publicado em Recife e reeditado no ano 2000.

dos esclarecimentos sobre a maneira correta de visitar os lares durante a Campanha, sempre desejando um “bom dia” a todos que forem encontrados e fazendo o pedido: “em nome de Jesus, a Campanha do Quilo pede um auxílio para a Casa da Vovozinha”.

A respeito do Internato Casa da Vovozinha, criado em 1959 e reconhecido pela sua utilidade pública pelas leis estadual e municipal nº 3.751 e nº 1.946, respectivamente, com reconhecimento publicado no Diário Oficial do Estado datado de 11 de junho de 1974, o senhor JTA (entrevista concedida em setembro de 2005) informou-me o seguinte:

Então, nesse período o espiritismo, em quase todas as sociedades, era ainda muito acanhado, porque se temia também ao movimento religioso da Igreja Católica, o protestante também ainda não era tão desenvolvido que quisesse perturbar o espiritismo. Mas nós tínhamos dificuldade de entrar nas instituições oficiais, governo, prefeitura, para adquirir meios de ajudar os necessitados, por causa da política que havia com relação aos preconceitos das religiões. Foi então quando nós passamos a criar a Casa da Vovozinha em 1959 e daí partimos a angariar meios financeiros no palácio do governo, no comércio e daí foi criando um quadro de sócio, dando margem a que a sociedade crescesse.

JTA (entrevista concedida em agosto de 2005), explicando a razão de ter denominado o Internato como Casa da Vovozinha, afirmou o seguinte:

Esse nome de vovozinha surgiu de uma maneira interessante e que me disseram do mundo espiritual que isso ia ter um apoio muito grande do público em geral, independente de espírita, porque a palavra vovozinha era uma palavra carinhosa. Esse nome veio a mim pelo mundo espiritual. Eu no Recife já conhecia umas casas, mas era abrigo de velho, era a casa de não sei de que, nosso lar. Aqui não, botei o nome Internato Casa da Vovozinha já com orientação espiritual. Até esposa de governador vinha visitar, PG, WB, da família dos Ribeiro. Ela praticamente acabou com a União Espírita.

A referência feita pelo senhor JTA a que a Casa da Vovozinha teria praticamente acabado com a Uedac estava relacionada à popularidade do nome do internato. A respeito do momento em que foi criada a Casa, o senhor JTA me contou sobre a necessidade da sua implantação em virtude dos muitos idosos que perambulavam pelas ruas da cidade e das dificuldades encontradas para manter o funcionamento do Internato, informando-me o que se segue:

Eu, vendo que chegava gente chorando lá, pessoas velhas, abandonadas, eu andava pelas ruas e encontrava nessas marquises, tinha cinco, seis velhos dormindo ali ao relento, eu conversava com eles: eu estou construindo lá um negócio para vir buscar vocês, aí tomava nota de tudinho, e fui filiando, quando começamos com nove velhinhos. Esses velhos foram colhidos nas ruas, alguns das casas, né. E daí quando eu estava com o nome desse pessoal, eu aí fiz a organização para colocar no estatuto a criação desse internato de velho, encontrei uma barreira porque não podia, quando passei a pedir socorro ao governo, à prefeitura, não pode ser, não ajudou espiritismo. Aí eu recebi a orientação para fazer um estatuto à parte, aí foi criado o estatuto do Internato da Casa da Vovozinha como uma obra de assistência social sem falar nada de espiritismo. (JTA. Entrevista concedida em agosto de 2005)

No entanto, com o passar do tempo, o trabalho assistencial da Casa da Vovozinha foi ganhando credibilidade com as outras pessoas, como também a União Espírita, mantenedora do Internato, melhorou as suas condições financeiras, sendo destacado por JTA que:

A Casa da Vovozinha, depois que nós arranjamos uma base financeira e conhecendo que os gêneros alimentícios davam, começamos com nove velhinhas que adquirimos pelas ruas, em alguns lares pobres que a gente conhecia também, velhas que visitavam lá. Tivemos mulheres e homens [...] Os homens numa sala e as mulheres na parte térrea. Os homens eram no primeiro andar. Acontece que começou surgir desentendimento entre as mulheres e os homens. Aí surgiu coisas que aborreciam demais, nós recebemos a orientação espiritual para não continuar recebendo mais, que ia aumentar o número de homens, mais ou menos que chegasse o tanto de mulher, vinte ou trinta. Mas aí suspendeu-se e alguns que saíam, ninguém preenchia mais o lugar, outros que faleciam e assim terminou com um espaço de uns quatro anos acabou-se os homens dentro, mas as vovozinhas a gente ficou mantendo, porque não dava certo homem junto com mulher [...] Então nós desistimos de manter o abrigo para homens e ficamos só com mulheres, aí ficou realmente Casa da Vovozinha. (JTA. Entrevista concedida em agosto de 2005)

No início da criação do Internato Casa da Vovozi-
nha, priorizava-se o albergue de pessoas carentes, des-
providas de qualquer tipo de rendimento financeiro,
abandonadas por seus familiares. Tomava-se conheci-
mento delas através de campanhas feitas nas ruas, ou
nas reuniões públicas realizadas no auditório, segun-
do JTA (entrevista concedida em agosto de 2005):

Quando se chegava num lar, na época em
que nós fazíamos, isso era fácil, chegou
a vinte, vinte e cinco, logo assim dentro
de um ano mais ou menos. Mas depois,
quando veio com o governo de EG uma
lei que amparou os velhos com uma ren-
da, aí elas passaram a receber uma apo-
sentadoria. Nós cadastramos tudo, fize-
mos o cadastro delas, aposentamos um
bocado delas. [...] quando se procuravam
as vovós não vinham mais ser internas,
porque os genros, noras tomavam con-
ta delas, com raiva e não gostavam, mas
elas tinham dinheiro, ficavam com elas
e não queriam mais soltar, por causa do
dinheiro que eles ficavam. Isso tornou-se
e foi caindo, caindo. Ainda hoje tá com
dificuldade de arranjar uma pessoa para
vim ser interna, porque os ricos não po-
dem, não temos ambiente para manter
um rico que venha mesmo pagar uma
quantia maior e aí também chegou um

ponto de ser um negócio para pobres. Eu quando descobri isso notei que ia cair e chegou o ponto mesmo de chegar até a dez, agora parece que tá com treze ou é catorze.

Desde sua criação, o Internato Casa da Vovozinha sempre possibilitou às vovós albergadas a participação em diversas atividades na instituição, desde a leitura e o comentário do Evangelho até atividades festivas. O senhor JTA se lembrou desses fatos, informando-me que:

Primeira coisa era orientação espiritual. [...] tirei um dia para fazer uma evangelização doutrinária [...] para melhorar o padrão do comportamento das velhas dentro da instituição, porque muitas delas que eram obsedadas passaram até a ter vontade uma de ajudar às outras. Doente, leva lá um copo d'água, leva um prato de comida, pegar o prato e trazer, sentar numa cadeira e botar na boca delas, levar para o sanitário. As vovós colaboravam muito com isso, aquelas mais moças. E foi com isso que nós conseguimos modificar o panorama, orientando evangelicamente. Foi um trabalho muito importante que se fez. A gente respeitava a religião delas, agora falar do evangelho, da missão do Cristo, do trabalho de Jesus e do

amor ao próximo, isso qualquer religião tem. Agora é preciso de dar a isso uma orientação e um respeito muito grande no cumprimento disso. As que fumavam, nós lutávamos até acabar com o vício do fumo. Foi um trabalho muito sério também que se manteve, para deixar com que elas fumavam, queimavam os lençóis, houve até uma cama que pegou fogo lá com o cachimbo de uma, e isso foi dando margem para que a gente fizesse um movimento e elas se inteirassem da noção da responsabilidade, que não precisava de tá fumando, fumavam às vezes lá por debaixo de um pé de pau. (JTA. Entrevista concedida em agosto de 2005)

Sobre quem cuidava dessas vovós, quando da criação do Internato, o senhor JTA me disse que havia pessoas empregadas. Contudo, a Casa não podia pagar muitos funcionários com carteira assinada por isto:

Aquelas pessoas pobres que iam se aproximando do espiritismo, nós dávamos alimento, dávamos uma feirinha e elas ficavam cuidando das vovós. E aquelas vovós que eram mais fortes, mais dispostas, nós orientava a necessidade delas cuidarem das outras e aí foi fazendo, fazendo. Não sei se você chegou conhecer

ainda MA, que tomava conta da mesa, de pratos, que botava tudo nas mesas das xícaras, deixava tudo prontinho. [...] ela começou preparar mais outras, ao ponto que tinham duas na cozinha que faziam a comida. Muitas que precisavam de trazer um prato lá para o meio do auditório, do salão, outras que se encarregavam disso, de fazer a faxina, preparava – se tudo dessa maneira que dava muito bem. MJ²⁵, minha esposa, é que era encarregada de fazer esse trabalho. (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Desde a época em que foi criado o Internato Casa da Vovozinha, além da leitura semanal do Evangelho e dos comentários explicativos, também eram realizadas atividades de integração. Segundo o senhor JTA:

O lazer era fazer boneca, era reuniões com elas para fazer festinhas, aniversário de uma e de outra e, ao mesmo tempo, quando chegava em fase de São João, Natal, fazer uma fogueira no São João, a mesma coisa que se fazem nas casas aí, nunca deixamos de fazer, fazia

25 A primeira diretora da Casa da Vovozinha foi EJB. MJNT, esposa de JTA, converteu-se ao espiritismo em 1962, época em que o senhor JTA a colocou nessa tarefa. Ela, que era católica, via que esse trabalho não era bem espiritismo, mas uma obra de assistência social com pessoas católicas. Segundo o senhor JTA, foi um trabalho do qual ela gostou muito.

fogueira, pamonha, assava milho, aquelas mesmas coisas, elas ficavam na festa até uma certa hora e gostava muito desse trabalho, e o lazer diário era sempre o dia do evangelho que já sabiam, elas se reuniam e tinham direito a fazer pergunta também essa coisa toda. (JTA. Entrevista concedida em agosto de 2005)



Figura 8: Grupo das vovozinhas albergadas em festa comemorativa do dia de Natal na Uedac.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Atualmente, o Internato Casa da Vovozinha tem a senhora MJSN na qualidade de diretora e a senhora BFSP como vice-diretora, as quais imprimiram um

novo ritmo às atividades do Internato. Além das atividades que já existiam desde o início da sua criação e que são mantidas até hoje nas datas comemorativas, BFSP informou-me sobre pintura, atividades recreativas, banho de sol e música. Ademais, também se contava com o trabalho voluntário de um psicólogo, uma nutricionista e um médico.

Todas as vovós estavam cadastradas no Programa Saúde na Família (PSF) do Cordão Encarnado²⁶. Então, a cada quinze dias os agentes de saúde realizavam visitas e faziam acompanhamento das vovós hospitalizadas até o desencarne²⁷. Além dessa assistência, o Internato dispunha de cinco funcionários com carteira assinada, sendo uma cozinheira, uma lavadeira, um motorista, uma enfermeira para o turno diurno e uma para o período noturno, trabalhando de segunda a sábado. Aos domingos, havia diaristas para cozinhar e fazer os acompanhamentos nos dois turnos (BFSP. Entrevista concedida em setembro de 2005).

A senhora MJSN contou-me que atualmente estavam albergadas treze vovós, oferecendo-se vagas para mais quatro, todas com idade superior a sessenta e

26 Esse termo foi utilizado em referência a um pastoril de mocinhas, com entre dez e quinze anos, chamado de Lapinha, que formavam um presépio em homenagem ao Jesus-menino. Elas realizavam danças e cantorias, vestidas de tecido ou de papel crepom, nas cores azul ou encarnada, para disputar votos ou dinheiro. O senhor DSS me deu essa informação, mas não soube precisar a data, lembrando que atualmente poucas pessoas se referiam ao bairro do Varadouro e imediações do Centro como Cordão Encarnado.

27 Desencarne significa morte e foi um vocábulo usado por Kardec (1987a) para explicar o desligamento do espírito do corpo físico.

cinco anos, em conformidade com o estatuto do idoso. Apesar de as vovós estarem em um albergue mantido por uma instituição espírita, nenhuma delas professava essa religião, pois:

Todas dizem é mais católica, elas dizem, evangélica; espírita mesmo nós não temos [...]. Nós fazemos o evangelho toda terça-feira, como sempre tem a palavra de Deus, de Jesus, não altera nada, elas nem percebem, acham que estão rezando, inclusive temos uma vó aqui que traz a bíblia, que abre, não lê, mas diz que tá lendo. Nós aceitamos tudo, evangélicas, familiares delas que vêm, não importa, né. Aqui é um asilo de vovós e todas que chegarem nós receberemos de qualquer maneira, qualquer religião. AS é evangélica, inclusive na ficha dela tá aí evangélica, mas ela vai assistir, faz consulta, toma passe, água fluidificada, participa do grupo de saúde, inclusive nós estamos levando PS agora que ela tá com um problema muito sério nas pernas, eu estou levando ela também pro grupo de saúde, ela talvez passe até pelo leito e assim nós realizamos trabalhos aqui. (MJSN. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Segundo MJSN me informou, grande parte dos familiares só eram vistos quando da chegada das vovós, ou então em caso de morte ou doença, apesar de serem convidados para as comemorações e de a assistência a essa tarefa ser dada pelos(as) trabalhadores(as) da Casa. Ela também nos disse que só recebiam senhoras aposentadas, devido à despesa muito grande com os funcionários, diferentemente da época em que foi fundado o Internato, porque:

Muito antes, trinta anos atrás, as vovós aqui era assim: pegou na rua trouxe, aí esta Casa que era com o presidente JTA, não é. Ele recebia as vovós porque nessa época as vovós não chegavam aqui como agora, muito debilitadas. Eram vovós assim, de menos de sessenta anos, capacitada ainda pra trabalhar, inclusive, tinha vovós tão novas que elas não tinham onde morar, não tinham nada, porque foi muito antes do governo dá esta aposentadoria pra os mais idosos. Então, elas não tinham nada, mas tinham saúde. Então, o que fazia o presidente? Recebia as vovós pra trabalhar, cada uma trabalhava, fazia a sua parte, assim de lavar sua roupa, tomar seu banho, de fazer tudo e ainda ajudar, cozinhar, as melhores, as que tinham menos idade, cozinhas, ainda ajudava às outras e não

tinha quase ninguém aqui recebendo salário. Então, por isso mesmo, recebia as vovós que não fossem aposentadas, porque também não tinham despesas de pagar o salário pra nenhum trabalhador, né. Depois que o governo deu esse salário aos idosos, então os familiares dos idosos começaram mais a ficar com a pessoa, né. Com o idoso. Por participação assim, tomar conta mais porque precisava às vezes do dinheiro da vovó pra ajudar na casa. E ainda tem os problemas, que tem vovós aqui que recebe muito mais, dois salários, mas a família só quer entregar um, ainda quer ficar com um salário. Só que não tá certo, a gente já participou de várias reuniões sobre o idoso e disse que não, que é pra gastar o dinheiro da vovó com ela todo, com o idoso. Ela tem esse direito de gastar o dinheiro dela, mas nós não recebemos. Os familiares ficam com o dinheiro, só dá mesmo um salário. (MJSN. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Sobre a importância desse trabalho, MJSN disse ser pela caridade, pois muitas vovós chegavam bastante debilitadas, abandonadas pelos familiares, às vezes apenas em busca de um “localzinho pra morrer em paz”. Quando perguntamos se MJSN havia apren-

dido alguma coisa com esse trabalho, assim ela se expressou:

Eu aprendi muito, porque são muitos anos que eu participo aqui, mesmo não estando à frente do trabalho antes, mas eu já via a importância desse trabalho. [...] Eu acho até mesmo um cartão postal da Casa. Então é uma responsabilidade muito grande de nós que trabalhamos com elas, mas também é uma alegria ver essas criaturas assim tão dependentes, como se fossem crianças, ficam felizes com qualquer coisa. Só em a gente ouvi-las, o passado delas, a vida delas que elas tiveram, aí a gente fica ouvindo e elas ficam felizes, somente com uma palavra que a gente ouvir, porque tiveram filhos, tiveram marido, tiveram casas e hoje se encontra aqui, num local todas estranhas uma com a outra, sem conhecer, sem ter vivido juntas a existência toda. (MJSN, Entrevista concedida em setembro de 2005)

Passando por um momento de transição em 2002, após quarenta e quatro anos da administração de JTA, a União Espírita empossou uma nova diretoria. No entanto, os trabalhadores e trabalhadoras da instituição reconheceram os anos de dedicação da diretoria an-

terior, conforme as suas afirmações: “nós lembramos JTA, como presidente dessa instituição que foi por mais de quarenta anos, e ele dizia que o espiritismo é uma escola superior de religião” (MAGP, Entrevista concedida em setembro de 2005). Ou na fala de outro entrevistado sobre as atividades realizadas na administração do senhor JTA:

A União Espírita, ela foi fundada em 1931 com a finalidade de divulgar a doutrina espírita, e em 1958 o senhor JTA assumiu a administração, aí fundou a Casa da Vovozinha, o Internato Casa da Vovozinha, porque ele realizou um trabalho muito importante aqui, juntamente com o nosso irmão Elias Sobreira, de Pernambuco, não é. Com a Campanha de Quilo, que foi a Campanha de Quilo que propiciou o funcionamento da Casa da Vovozinha. (CF. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Atualmente, a Uedac conta com uma nova administração, a qual iniciou seu mandato em 2002, tendo CGOS como presidente, RGL na vice-presidência, ZAP como 1ª Secretária, MLSF na direção do Departamento de Divulgação, MJA como diretora do departamento feminino, o departamento mediúnic sob a direção de GND e MLBO dirigindo o departamento de Infância e Juventude.

A administração de CGOS vem imprimindo à instituição juventude e dinamismo, aliados ao cuidado meticuloso com o estudo dos postulados espíritas, dando continuidade às tarefas já existentes e criando outras, a exemplo do ESDE. Ao seu lado, na vice-presidência, está RGL, oferecendo toda a sua carga de amor e carisma em benefício do funcionamento dessa instituição a fim de que ela continue desempenhando a sua missão de oferecer espaço para o estudo, para o socorro material e espiritual e para o trabalho edificante na Seara do Mestre.

Empossada a nova diretoria da União Espírita, em reunião extraordinária, seus participantes propuseram “a definição de uma Comissão para estudar a reforma dos Estatutos da Casa de acordo com o novo Código Civil” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2003, p. 181). Essa comissão foi formada por sete membros, sendo escolhidos CF, ZAP, MJAP, MAGP, MJA, CAC e MP, e ZAP foi nomeada para ser redatora da comissão (Ibid., p. 182 e 185). Após as reformulações estatutárias, foi apresentado e aprovado o novo Estatuto em reunião de assembleia. Entre as mudanças realizadas pelo atual Estatuto da União Espírita, o Presidente da instituição destacou as seguintes:

A mudança foi quanto ao tipo de pessoa jurídica, que de sociedade passa a ser associação e, em consequência, o nome de associado em vez de sócio [...]. Requer a

nomeação da Diretoria e criação de um Conselho Fiscal com eleição e posse imediata; retira os tipos de sócios contribuintes e beneméritos, elegendo um só tipo de sócio: os efetivos. Os sócios contribuintes passam a ser colaboradores. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2003, p. 1).

Conforme o capítulo I do Estatuto atual, em seu artigo 1º, a Uedac foi considerada “uma associação civil de caráter científico, filosófico e religioso, beneficente e filantrópica, educacional, cultural, de assistência social, sem finalidade lucrativa, de duração indeterminada” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2004, p. 2). Devido a essa mudança, o capítulo II, artigo 5º, destacou a categoria dos associados efetivos, os quais tinham seus direitos e deveres garantidos por lei e pelo Estatuto, segundo registros nos artigos 9º e 10²⁸. Sobre a sua contribuição, o documento apenas estabeleceu que o valor mínimo deveria ser fixado pela diretoria ou a critério do associado, com valor superior ao estabelecido.

Sobre a criação do Conselho Fiscal, o capítulo V, em seu artigo 23, referente à administração, estipulou que “será composto de três membros titulares e dois

28 Os direitos e deveres dos associados referiam-se a votar e ser votado para cargos eletivos, assistir reuniões privadas, cumprir o estatuto, contribuir mensalmente, prestar todo concurso moral e material à instituição e atender às convocações das assembleias gerais.

suplentes, todos associados efetivos, eleitos e empossados pela Assembleia Geral” (Ibid., p. 7), sendo seu mandato de três anos, podendo haver reeleição conjunta ou isolada. Suas atribuições eram fiscalizar a gestão econômica da instituição, dar parecer sobre os balancetes mensais e anuais, examinar livros e documentos da tesouraria, impugnando as contas, quando necessário (Ibid., p. 7).

A criação desse conselho, após reformulação do estatuto, aconteceu em virtude da necessidade sentida pela nova diretoria da União Espírita da existência de fiscalização dos empreendimentos financeiros e patrimoniais da instituição. Sua criação foi de grande importância para a gestão da diretoria, que desejava transparência e honestidade.

As eleições foram regulamentadas no capítulo VI, artigo 33, reduzindo o tempo de mandato da diretoria para três anos. As chapas eletivas podiam ser registradas em um prazo de até quarenta e oito horas antes da assembleia geral, convocada para este fim. Os nomes escolhidos antecipadamente para compor as chapas deveriam ser do conhecimento do presidente da assembleia. A impugnação de algum desses nomes por falta de capacidade administrativa, feita pelos membros da assembleia, devia ser comunicada pelo presidente da mesa, solicitando apresentação imediata de outro candidato. Para os membros da diretoria, a eleição era feita por aclamação ou escrutínio secreto, e para o Conselho Fiscal, só através da votação em urna secreta. Em caso de empate, seria eleito o as-

sociado mais antigo, e, persistindo o empate, o mais idoso (Ibid., p. 12).

Também foi modificado o número de departamentos, o qual de dez passou para sete, pois de acordo com o presidente, havia “alguns sem razão de ser” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 2005, p. 191), devendo permanecer os seguintes departamentos: Divulgação, Orientação Mediúnica, Evangelização Infantojuvenil, Assistência Social, Feminino, Escola do Quilo e Patrimônio. As normas que regiam a direção desses departamentos constavam no Regimento Interno da Instituição, o qual foi apresentado e aprovado juntamente com o Estatuto.

De acordo com o Regimento Interno, eram competências dos diretores de cada departamento: administrar, orientar e dirigir as suas atividades, convocar e presidir as reuniões, indicar ou dispensar seus cooperadores e dar voto de desempate nas reuniões do departamento. Em caso de impedimento, o dirigente do departamento poderia ser substituído por membros a ele pertencentes. Cada departamento poderia reunir-se mensalmente em dia e horário escolhidos pelo dirigente ou quando solicitado pela maioria dos seus membros em qualquer época (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 2).

O capítulo VI do Regimento Interno da União Espírita dedicou-se a tratar de cada um desses departamentos, destacando em seus artigos 8º e 9º que o departamento de Divulgação era responsável pela organização de todos os eventos da instituição, bem

como das palestras públicas, do ESDE²⁹, da livraria, da biblioteca, dos jornais e dos murais (Cf. *Ibid.*, p. 2). Segundo MLSF, atual diretora desse departamento de divulgação, ele contribui para a educação do ser humano porque tem uma tarefa muito importante na propagação da doutrina espírita, especialmente com as palestras públicas. Para ela:

Meu trabalho que eu acho muito importante aqui são as palestras, são os temas. Os temas aí que eu vou mostrar e eles vão sentir a palavra de um orador, levar pra eles, como educar através da palestra, eles vão aprender também a se educar. E é muito importante, eu acho que eu fui premiada na Casa, quando RGL me chamou pra dirigir o departamento de divulgação. Hoje, eu posso dizer, eu sou feliz. Eu nunca pensei que chegasse a esse topo tão bonito pra mim, tão importante, tá divulgando a doutrina espírita dessa maneira, ajudando meu próximo a ouvir palestras importantes. Tem muitos oradores bons, e eu ando, eu trabalho pra que cada vez mais a doutrina seja divulgada através dos ora-

29 O grupo de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) foi criado pela Federação Espírita Brasileira. Foi introduzido na Casa na administração de CGOS. Atualmente, funcionam três turmas, sendo duas no sábado à tarde e uma na quinta-feira à noite, estando a quarta turma para ser encaminhada.

dores, bons, estudiosos, com disciplina. Isso pra mim é tudo. (MLSF. Entrevista concedida em setembro de 2005)



Figura 9: Público participante no auditório em dia de reunião pública na Uedac.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Atualmente, a Casa da Vovozinha realiza três reuniões públicas semanais, as quais ocorrem no auditório principal, no primeiro andar da instituição, sendo uma aos domingos, a partir das 15h30, outra às terças-feiras, no mesmo horário, e uma às quintas-feiras, às 19h30. Nessas palestras, a instituição conta com expositores de outras casas espíritas, a exemplo

da Federação Espírita Paraibana, do Bom Samaritano, entre outras, bem como dos próprios trabalhadores da Casa. O público que, nos três dias da semana, assiste a essas reuniões é de, em média, duzentas pessoas, as quais escutam a exposição de temas evangélicos, doutrinários ou da atualidade, à luz da doutrina espírita.

Embora MLSF não tenha destacado o trabalho de divulgação realizado pelo ESDE, considere que ele representava uma importante prática educativa realizada pela Casa da Vovozinha. O ESDE foi introduzido na instituição por intermédio de ZAP, atual 1ª secretária, durante a presidência de CGOS. Conforme ZAP (entrevista concedida em setembro de 2005) me informou, ao tomar conhecimento da existência desse estudo, “a princípio aquilo me pareceu uma coisa muito sem aplicabilidade, eu achava que a doutrina espírita não era para se vivenciar em sala de aula, mas sim para ser vivenciada fora, com as pessoas”. No entanto, ela relatou que:

Fui estudar, fazer o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, na Federação Espírita Paraibana, ainda sem o consentimento da Diretoria da União Espírita, porque a diretoria da União Espírita não aconselhava, não usava ainda esse método, e aí permaneci por três anos e meio estudando quase às escondidas. Ao final, mais ou menos, foi quando fui convidada pelas orientadoras, pelas monitoras da

Federação Espírita, fui incitada para que abrisse dentro da União Espírita Deus, Amor e Caridade o curso do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ou seja, o ESDE, e nessa época, coincidiu de que a Casa tinha passado por transformação, já tínhamos uma nova diretoria, o Irmão JTA já tinha se afastado e se encontrava agora o irmão CGOS. Conversei com CGOS em reunião de diretoria, expus a ele o meu papel, contei que tinha acabado de fazer o ESDE na Federação, que tinha também me capacitado através da monitoria e que me dispunha a abrir, a fazer o ESDE aqui nessa instituição, e ele então aprovou e disse-me que teria todo o apoio e que ficaria por minha conta o desenvolvimento desse trabalho. (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

O artigo 12 tratou das responsabilidades do departamento de Orientação Mediúnica, o qual respondia pelas tarefas dos grupos de: consultas espirituais, estudos mediúnicos e de saúde, apresentando os detalhes do desenvolvimento de cada uma dessas reuniões, no que dizia respeito à maneira de realizá-las e ao seu tempo de duração (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 3). Segundo o atual diretor desse departamento, GND, ele foi criado na administração do senhor JTA, quando da reforma do estatuto,

em 1982. E desde a sua criação, sempre contou com a direção do senhor GND.

O departamento de Evangelização Infantojuvenil foi tratado nos artigos 16 e 17, destacando que “a evangelização infantil será ministrada nos sábados pela manhã e nos domingos à tarde, envolvendo as crianças de cinco a doze anos, seguindo as orientações pedagógicas oriundas da Federação Espírita Brasileira” (Ibid., p. 4). A evangelização dos jovens, com idade de treze a dezoito anos, era realizada aos domingos à tarde, seguindo as mesmas orientações da evangelização das crianças. À frente desse departamento estava MLBO, a qual tem imprimido uma atuação muito intensa nas atividades de evangelizar as crianças e os jovens. Segundo MLBO:

O trabalho da evangelização infantil é essencial [choro]. Eu acho que sem criança a gente não vive. Acho que eles nos ensinam a cada dia. A criança é a coisa mais linda, os olhares, a maneira deles se comportarem, a sinceridade, sem máscaras, eles se expõem realmente, eles se mostram. E eu acho que a coisa mais bonita na infância é isso, é você ser realmente aquilo que você é, real, não camuflar. Acho que através da simplicidade, da espontaneidade da criança, da sua sinceridade sem máscaras, eu acho que isso é a coisa mais bela que existe,

é a verdade que tem dentro das crianças. E eu acho que isso é o que nos faz, assim, se ela lhe abraça, ela lhe abraça com amor, se ela lhe abraça é porque ela quer, eu acho que o que me prende mais à criança é porque ela é verdadeira, ela não camufla como o adulto. Eu acho que eu não viveria, pelo menos, ainda estou numa idade ainda de trabalhar com as crianças, né. Eu acho que elas que me fizeram ficar aqui verdadeiramente, foram elas, elas é que são o meu sustentáculo maior. (MLBO. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Acredito que a emoção de MLBO durante a nossa conversa sobre o trabalho da evangelização deveu-se ao seu grande envolvimento com essa tarefa. Ela está à sua frente há muitos anos, sempre oferecendo uma contribuição muito grande à evangelização. Para tanto, contava, mais ou menos, com um grupo composto por trinta evangelizadoras³⁰, as quais realizavam essa tarefa aos sábados pela manhã, com as crianças carentes de comunidades circunvizinhas à Casa da Vovozinha e, aos domingos, com os(as) filhos(as) dos(as) trabalhadores(as) da Casa. É interessante observar que o grupo

30 Eu me encontrava entre elas, pois desde a minha entrada na Casa da Vovozinha tive uma forte ligação com essa tarefa – inicialmente, assistindo às aulas de evangelização infantil, e hoje na qualidade de evangelizadora, aos domingos, no horário das 15h30, com crianças de onze e doze anos.

era e ainda é composto só por mulheres, reforçando o mito de que a educação das crianças era uma tarefa exclusivamente feminina³¹.

Os artigos 18 e 19 discorreram sobre as atribuições do departamento de Assistência Social, cuja tarefa era ajudar a todos os departamentos, especialmente nos trabalhos da evangelização das crianças e gestantes socialmente carentes. Também constituía responsabilidade desse departamento a formação do plantão fraterno, realizado diariamente por voluntários da Casa com o trabalho de orientação às pessoas que chegavam à instituição, e a organização do bazar, cuja venda de utensílios domésticos doados ou confeccionados na própria instituição era revertida para as tarefas assistenciais (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 4). VKPS, atual diretor, falou sobre a importância desse departamento:

O departamento não só assiste a essas mães da tarefa no sábado, mas é uma tarefa que abrange ainda a assistência aos idosos, abrange a assistência às mães gestantes e ainda auxilia a evangelização infantil, no caso a educação às crianças, e aí ele traz de uma certa forma, é um chamariz pra Casa, na verdade pra essas mães, que precisam não só de consolo

31 Para maior aprofundamento dessa discussão há uma vasta bibliografia; citamos apenas Novaes (1984), Andaló (1995), Almeida (1998), Freire (1998) e Sadalla (1998).

material, mas também espiritual, e aí a gente busca dentro das nossas condições suprir um pouco de cada necessidade. Aqui a gente é de tudo, a gente é assistente social, a gente é psicólogo, a gente às vezes é enfermeiro, é ombro amigo, quer dizer, de tudo a gente faz. Então, a importância, hoje, do departamento pra Casa sai das dimensões do linguajar nosso, que é tão empobrecido ainda. Nós acreditamos que o trabalho vai além das fronteiras materiais. (VKPS. Entrevista concedida em setembro de 2005)



Figura 10: Trabalho de orientação às mães carentes.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Além de receberem semanalmente uma feira, essas trinta mães cadastradas também dispunham de orientações dos(as) trabalhadores(as) da Casa no que dizia respeito ao Evangelho e ao trabalho de educação dos(as) filhos(as).

O artigo 20 tratou sobre o departamento Feminino, discorrendo que “as mulheres espíritas se reunirão nas tardes dos sábados em uma reunião de estudos e, eventualmente, para tratar de assuntos inerentes as tarefas mantidas pelo departamento” (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 4), sendo de sua responsabilidade a realização da Jornada da Mulher Espírita da Paraíba³² (Jormesp-PB), de visitas a hospitais, programadas eventualmente, do evangelho todos os sábados nos lares que o solicitarem, do grupo de costura nas terças-feiras à tarde e da multimistura, um preparado de vários elementos contra a desnutrição. O fato de essas tarefas serem coordenadas pelas mulheres não impedia a participação dos homens.

A respeito desse grande evento realizado anualmente, a Jormesp-PB, tarefa exclusiva das mulheres e que no ano de 2005 realizou a sua 35^a edição, uma das entrevistadas, falando sobre o seu ingresso nessa tarefa, assim se posicionou:

32 Evento realizado anualmente, “de preferência no mês de outubro, com duração no máximo de dez dias, envolvendo vários Centros da capital e do interior do estado” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 4).

Então, foi quando em 1978, se não me engano, MJNT que reiniciava, mais ou menos naquela época, o trabalho de divulgação da doutrina espírita, arremontava um grupo [de] senhoras para divulgar a doutrina espírita nos diversos centros da capital, e aquilo me chamou atenção, e fui me chegando à MJNT, ela foi nos aconchegando também e nós nos encantamos com esse trabalho de MJNT, o trabalho da divulgação pela mulher, é a conhecida Jornada da Mulher Espírita Paraibana. Ao longo desse tempo foi que nós percebemos como foi importante esse trabalho de MJNT de trazer as senhoras que não tinham condições de falar em público, por conta das suas atividades domésticas ou mesmo de profissionais, que não tinham costume de se expor diante das pessoas, os próprios familiares não aceitavam que a mulher se expusesse, e que sequer tinham condições de trabalhar nas instituições. Nas instituições as mulheres ficavam mais na parte de arrumação, de toalha, de organização, como se fosse na sua própria casa, mas assumir a tribuna, falar da doutrina para estranhos, para pessoas diversas, esse papel a mulher quase não exercia. (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

O movimento espírita da Paraíba não pôde manter-se à margem de toda essa luta empreendida pelas mulheres de participar como agentes de construção da história. Com a criação da Jormesp-PB, o papel da mulher se modificou, pois deixou de ser restrito à arrumação das Casas Espíritas, com elas passando também a realizar palestras públicas, divulgando os ensinamentos doutrinários do espiritismo, tarefa comumente desempenhada pelos homens. A mulher espírita passou a fazer uso da oratória, demonstrando a sua capacidade de falar em público sobre os mais diversos temas.

Na qualidade de diretora do departamento feminino há dois anos, MJA (entrevista concedida em setembro de 2005) destacou que:

Esse trabalho do departamento feminino que já existia quando eu cheguei na Casa, Seu JTA disse que foi criado pela necessidade que ele sentia, além de ser mensagem dos espíritos, mas ele sentia também que aqui no espiritismo só os homens tinham vez. Então homem falava, homem trabalhava, homem fazia tudo. E as mulheres eram tudo caladinha, fazendo, mas calada, ajudando os homens, mas calada, não aparecia. E aí ele recebeu essa mensagem e resolveu pôr em prática, juntamente com Dona MJNT, de implantar, de criar um departamento feminino, onde as mulheres se preparassem e estudassem,

tivessem a oportunidade de aparecer e aparecer com qualidade.

Apesar de as questões de gênero não fazerem parte do meu objeto de estudo, quis comentar sobre a realização dessa tarefa tão feminina que, apesar de contar com o apoio irrestrito dos homens, na qualidade de maridos ou de dirigentes de centro, era e ainda é feita exclusivamente pelas mulheres.

Sem sombra de dúvidas, a Jormesp-PB marcou o movimento espírita da Paraíba, propagando, através de palestras públicas, os ensinamentos necessários ao aperfeiçoamento moral das criaturas em muitos centros espíritas do litoral ao sertão paraibano, divulgando, de modo itinerante, temas que vão desde a “Missão, conduta e importância da mulher espírita”, passando pelo “Espiritismo como fator de transformação social”, “A criança e o futuro na visão espírita”, “A morte, Deus e o homem uma relação perene”, “Reencarnação”, “Brasil como coração do mundo e pátria do Evangelho” e o “Amor como fonte de harmonização do Espírito com as Leis Divinas”, entre outros. É um trabalho de tão grande e maravilhosa repercussão que suas sementes já foram plantadas em Lagos, cidade de Portugal, através de uma das participantes do evento, a qual encaminhou todo o material utilizado na organização da jornada, a exemplo de fôlderes, programas, cartazes, entre outros, para a portuguesa JM.

O artigo 21 especificou o trabalho desenvolvido pelo departamento da Escola do Quilo, o qual realiza-

va campanhas semanalmente, recebendo o nome de Campanha do Quilo, a fim de arrecadar gêneros alimentícios e dinheiro para manutenção do trabalho assistencial da Casa. Esse departamento também promovia, anualmente, um simpósio, no mês de agosto, coincidindo com as festividades de aniversário da instituição (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 5). Além de o senhor SAB, diretor do departamento, ter feito referência a essa tarefa, MAGP (entrevista concedida em setembro de 2005) também se pronunciou:

Mas o grande benefício também que a Casa faz de levar, como se faz através da Campanha do Quilo, a mensagem, a própria presença daquele que abraça essa doutrina, [...] vai aos diversos bairros da nossa cidade, levando na própria presença do legionário do quilo, aquele homem espírita cristão, a sua proposta que nós precisamos, como uma das formas de combater, diminuir essa crise, é verificar que precisamos combater as nossas faltas, nossos erros, o orgulho, o egoísmo, e é uma forma que nós verificamos que nessa Casa, o trabalho de renúncia, de conscientização, as criaturas vão contribuindo para um mundo melhor. E nós sabemos que na medida que cada um melhora, o mundo melhora com ele.

Certamente, o trabalho da Campanha do Quilo era um dos pontos fortes da instituição, uma vez que possibilitava o serviço de auxílio àqueles mais necessitados, devido à sua arrecadação, ajudando também a domar todos os impulsos negativos do ser humano. Como o próprio lema apresentado por Elias Sobreira, fundador da Campanha do Quilo, dizia: “é uma prece em movimento”. A Campanha do Quilo permitia aos seus legionários desenvolver um trabalho desobsessivo individual e coletivo.

Muitas pessoas se habituaram a contribuir, sentindo falta do legionário quando este se ausentava por algum motivo, como também já trazendo em mãos o donativo antes mesmo de o pedido ser feito. Era uma tarefa grandiosa que permitia ajudar os que precisavam, e muitas vezes o legionário, pensando em apenas buscar o donativo, acabava recebendo o amparo da espiritualidade maior. Era uma oportunidade de também levar consolação e ideias reconfortantes aos lares de João Pessoa, através das mensagens distribuídas e das palavras encorajadoras desses trabalhadores de Jesus, que sacrificavam seus dias de folga em prol dos seus semelhantes.

O departamento de Patrimônio foi abordado nos artigos 22 e 23, especificando que o controle patrimonial seria feito através de inventários anuais de bens móveis e imóveis da instituição e que representavam suas tarefas o controle desse patrimônio, bem como a limpeza da Uedac (Cf. UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE, 2005, p. 5).

Uma vez colocadas as atribuições de cada um dos departamentos que compunham a União Espírita à época, e diante da pretensão de analisar as práticas educativas desenvolvidas por essa instituição, considere necessário apresentar o caráter educativo assumido pela doutrina espírita. Dessa forma, em busca de elementos de respostas ou, antes, de pistas para a questão deste trabalho, tratei de apresentar, no capítulo terceiro, uma discussão sobre o espiritismo enquanto campo de pesquisa na educação.



O ESPIRITISMO COMO CAMPO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO

Na vida terrestre nós temos sempre um programa de trabalho e de autoeducação a ser realizado, mas este programa prossegue além desta vida conforme as nossas necessidades, porque todos estamos subordinados à misericórdia de Deus dentro da Justiça que nos rege os destinos.

Chico Xavier.

Na tentativa de explicar o estado da alma em relação à educação, ou à falta desta, Platão (1964, p. 203) escreveu um diálogo entre Sócrates e Glauco, no qual Sócrates fez com que Glauco imaginasse uma cena no interior de uma caverna, fazendo uso de uma alegoria para explicar seu pensamento. Sócrates pediu a Glauco que imaginasse homens amarrados dentro de uma caverna, sem direito a conhecer outra realidade além daquela, pois não podiam se mover e só conseguiam olhar para frente. A única visão desses homens era da sombra projetada em um pequeno muro, pelo efeito da luz do fogo, de outros homens que carregavam objetos consigo. Todos esses homens (os amarrados e os que carregavam objetos) estavam distantes do conhecimento do outro mundo (fora da caverna). Se eles fossem convidados a sair, poderiam ter seus olhos ofuscados pela luz do sol, que era mais intensa do que a do fogo.

Com essa narrativa, Platão quis mostrar a existência de dois mundos: um sensível e outro inteligível. O sensível dizia respeito à ausência de um conhecimento maior, incapaz de tudo conceituar (dentro da caverna), e o mundo inteligível (fora da caverna) se referia ao mundo do conhecimento, do saber, da razão e da verdade. Era evidente que a verdade tinha sua relatividade histórica e subjetiva, mas ainda assim podia mostrar a consistência necessária à nossa atuação no mundo. Através desse mito, Sócrates buscou despertar em Glauco o desejo de se desvencilhar das amarras da ignorância. Nesse mesmo sentido fez uso da alegoria platônica, porque também estava desenvolvendo uma

procura pelo conhecimento, buscando o mundo inteligível, o qual se manteve afastado durante muitos anos, “preso em uma caverna”.

Na busca interminável da verdade, todos poderemos ter acesso a essa nova visão do mundo³³, à semelhança da conquista do inteligível no mito platônico da caverna. Era chegado o momento de “o prisioneiro da caverna” procurar a luz que transcendia a realidade sensível, libertando-se das amarras que o prendiam à ignorância. Nesse sentido, ao longo da história da humanidade, a educação tem sido um caminho seguro em tal procura, por isso era preciso compreendê-la, não com a pretensão de limitá-la num conceito pronto, acabado, mas, pelo menos, para explicitar a minha compreensão acerca do que é a educação.

3.1 UMA APROXIMAÇÃO CONCEITUAL

Tentar definir o processo educacional não é tarefa fácil, uma vez que esse processo sempre esteve em constante desenvolvimento e a sua própria história foi marcada por diferentes conceituações e entendimentos. Essa dificuldade estava relacionada à etimologia

33 Bobbio (IDEOLOGIA, 1995, p. 585), ao definir o conceito de ideologia, delineou duas tendências para esse termo, chamando-as de significado fraco e significado forte. O sentido da expressão “visão de mundo” estava relacionado ao sentido fraco de ideologia, o qual foi definido como “um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos”.

do termo educação, pois este tem duas raízes: educare (criar, alimentar) e educere (direção para fora), surgindo daí um entendimento de fora para dentro e outro de dentro para fora, com dois sentidos que, de alguma forma, se completam.

Na busca de uma aproximação conceitual, encontrei a definição de Outhwaite e Bottomore (EDUCAÇÃO, 1996, p. 233), que compreenderam a educação como um “subconjunto de práticas que têm como resultado pretendido tipos particulares de formação” e que de uma forma restrita poderia ser entendida como sinônimo de escolaridade, a qual foi pensada como “medida institucional específica para a transmissão de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de competências e crenças”. A partir desse entendimento, Outhwaite e Bottomore (Ibid.) ofereceram um enfoque à educação baseado na transmissão de conhecimentos na instituição escolar, “apresentando explicações³⁴ deterministas”, desmistificadoras e voluntaristas desse processo de educar.

Diferentemente dessa concepção, Platão (1988, p. 285) afirmou que “a educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem capazes de enfiar na alma o conhecimento que nela não existe, como poderiam dotar de vista a olhos privados da visão”. Para ele, essa faculdade era inata à alma, portanto, fruto de um processo interno do ser humano. Assim sendo, concordei com Platão sobre a necessidade

34 Para um melhor detalhamento dessas explicações, veja Outhwaite e Bottomore (EDUCAÇÃO, 1996).

de se provocar o desabrochar dessa capacidade. Para tanto, a ascendência de um(a) educador(a) tornava-se imprescindível. A respeito dessa influência, Incontri (2003, p. 42) definiu a educação como:

Toda influência exercida por um Espírito sobre outro, no sentido de despertar um processo de evolução. Essa influência leva o educando a promover autonomamente o seu aprendizado moral e intelectual. Trata-se de um processo sem qualquer forma de coação, pois o educador apela para a vontade do educando e conquista-lhe a adesão voluntária para uma ação de aperfeiçoamento. Educar é pois elevar, estimular a busca da perfeição, despertar consciência, facilitar o progresso integral do ser.

Diante dessas afirmações, percebi que a educação não se restringia apenas à aquisição de conhecimentos intelectuais, mas também se referia à formação moral do ser humano, constituindo a chave desse progresso. Para reforçar tal pensamento, Kardec (1987a, p. 331) definiu a educação como a “arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos”. Em se tratando de hábitos, como uma ação que se repete frequentemente, Aristóteles afirmou que as virtudes só poderiam ser aprendidas através de exercício. Segundo o filósofo:

Não é, portanto, nem por natureza nem contrariamente à natureza que as virtudes se geram em nós; antes devemos dizer que a natureza nos dá a capacidade de recebê-las, e tal capacidade se aperfeiçoa com o hábito. [...] no caso dos sentidos, tínhamos antes de começar a usá-los. [...] com as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício.

[...] nossas disposições morais nascem de atividades semelhantes a elas. É por esta razão que devemos atentar para a qualidade dos atos que praticamos, pois nossas disposições morais correspondem às diferenças entre nossas atividades. E não será desprezível a diferença se, desde a nossa infância, nos habituarmos desta ou daquela maneira. Ao contrário, terá imensa importância, ou seja, será decisiva. (ARISTÓTELES, 2002, p. 40-41)

Uma vez colocadas essas definições, fez-se necessário conhecer um pouco da história dessa arte de manejar os caracteres humanos. Para tanto, procurei, de modo conciso, contextualizar historicamente a educação.

3.2 UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Pensar sobre a história do processo educacional no Brasil era procurar compreender a contribuição que a educação tinha oferecido à construção da nossa sociedade. Entretanto, tentar precisar como se desenvolveu essa história não era tarefa fácil, pois o início do processo perdeu-se na própria história: desde os primórdios da humanidade ela já existia, embora de modo incipiente. Contudo, alguns autores e autoras têm oferecido pistas que buscaram responder a essas indagações, como é o caso de Romanelli (1980). Para a autora, as inovações pedagógicas estão submetidas à própria forma como se estrutura a sociedade, obedecendo ao rígido contexto do sistema capitalista.

Segundo Romanelli (Ibid., p. 14), “a forma como evolui a economia interfere na evolução da organização do ensino, já que o sistema econômico pode ou não criar uma demanda de recursos humanos que devem ser preparados pela escola”. Da mesma forma, o sistema político também exercia a sua interferência sobre a organização do ensino,

Porque o legislador é sempre o representante dos interesses políticos da camada [...] responsável por sua eleição [...] e atua, naquela organização, segundo os interesses ou [...] valores da camada que ele representa. (Ibid., p. 14)

Essas colocações deixaram claro que a maneira como se organizava o poder também estava relacionada diretamente ao sistema educacional. Em face do exposto, percebi, conforme afirmações de Romanelli (Ibid.), uma inadequação entre o sistema educacional, a expansão econômica e as mudanças socioculturais pelas quais passava a sociedade brasileira, definindo uma defasagem entre a educação e o desenvolvimento brasileiro após a década de 1930.

Esta análise feita por Romanelli (Ibid.), baseada nos estudos de economistas e sociólogos, partiu de interpretações da realidade social do Brasil nesse contexto histórico-social a partir de uma perspectiva marxista. Considerando basicamente o mesmo recorte histórico, encontrei a contribuição de Horta (1994), que apresentou uma abordagem diferenciada da de Romanelli, pois o foco central de sua análise foi a influência do regime militar no sistema educacional. Para Horta (Ibid., p. 1), “a educação aparece como um dos instrumentos apropriados para assegurar a valorização do homem e melhorar a condição de vida dos brasileiros sob o ponto de vista moral, intelectual e econômico”.

Além da influência da força militar sobre a educação, Horta (Ibid., p. 3) destacou que a Igreja também representava uma força nesse período de 1930 a 1945, tendo em vista que são:

Os militares, que buscam, em nome da segurança nacional, interferir diretamente na política educacional no sentido de

conformá-la à política militar do país; a Igreja que luta pela introdução e manutenção do ensino religioso nas escolas públicas e pela liberdade de ensino, enquanto garantia da existência de suas escolas.

Com essa afirmação, percebi que a Igreja também tinha interesse em controlar o processo educacional, através do ensino religioso transmitido nas escolas, visando a manutenção do poder de conscientização das pessoas. Contudo, a nossa breve análise da história da educação não estava considerando apenas as experiências e propostas escolares construídas ao longo dos anos, mas pretendia realizar um estudo histórico da educação, compreendendo-a a partir de um conceito mais amplo e trazendo

Para o debate histórico instituições que tradicionalmente estão vinculadas aos processos de socialização dos indivíduos e cujo conhecimento, pelo que se tem verificado na sociologia, são fundamentais à compreensão do próprio sistema escolar. (DEMARTINI, 1998, p. 70)

De acordo com essa autora, era necessário:

Considerar a complexa realidade social presente nos vários momentos históricos, que pode apontar para histórias da

educação diferentes para os grupos existentes [...] e as várias possibilidades de pesquisa e de fontes disponíveis para a pesquisa histórica. [...]. Esta disposição torna-se mais necessária quando se trata da história do tempo presente, em que se pode contar com uma pluralidade de fontes – além das fontes escritas, é possível recorrer aos relatos orais de sujeitos e agentes dos sistemas educacionais (Ibid., p. 71-72).

A nossa breve análise da história da educação no Brasil certamente foi perpassada pelos aspectos abordados pelos autores citados, os quais construíram uma versão do processo histórico de acordo com distintas áreas de conhecimento. No entanto, estou apresentando um enfoque baseado na concepção de uma nova história cultural, em concordância com Demartini quanto à utilização de fontes diversas, e considerando a educação como um desabrochar das potencialidades humanas, conforme afirmações de Incontri (2003) e Kardec (1987a).

Apesar de esse breve estudo da Paraíba ter sido composto por um recorte histórico compreendido entre os anos de 1930 e 1935, senti a necessidade de buscar uma contextualização histórica anterior a esse período. Período esse que, no dizer de Nagle (1998, p. 116), também constituiu objeto de seu interesse no estudo da educação brasileira pela importância que teve

diante da revolução de 1930, da grande disputa na Assembleia Nacional Constituinte, das intervenções da Igreja Católica e do Manifesto dos Pioneiros. Para tanto, estava considerando a contribuição de Portasio (2002) no trilhar desse caminho historiográfico da educação.

Portasio (Ibid., p. 15) afirmou que a história da educação formal começou praticamente com a invenção da escrita, por volta do quarto milênio antes de Cristo. A partir do século VI a.C., com o advento da Filosofia, os textos se multiplicaram, já existindo uma tendência a formar consciências e a ingressar na fase da razão, fazendo o processo educacional ganhar novos contornos. Nesse momento de transição, Portasio (Ibid., p. 16) destacou a figura dos sofistas, considerados os primeiros mercenários do ensino, ou seja, aqueles que ensinavam pelo interesse no pagamento, visando formar homens habilidosos com as palavras.

Segundo Portasio (Ibid., p. 16), esse grupo de homens que se preocupava com a formação de habilidades contrapunha-se a Sócrates e Platão, os quais visavam formar consciências. Sócrates utilizava a técnica da maiêutica, com a qual fazia as ideias nascerem dos próprios educandos. A propósito dessa técnica, veio à nossa lembrança o próprio Freire (1983, p. 32), incorporando a inspiração socrática, quando falou a respeito do “parteamento de sua pedagogia libertadora”, trazendo-nos a ideia de parto, ou seja: os oprimidos precisavam descobrir-se como “hospedeiros” do opressor, fazendo emergir essa pedagogia li-

bertária. O método freireano³⁵ de alfabetização rompeu com a forma tradicional das cartilhas, fundamentando-se em situações concretas da realidade do educando, a partir do diálogo, único meio capaz de produzir uma matriz crítica.

De acordo com Portasio (Ibid., p. 19), Sócrates e Platão, na qualidade de precursores de Jesus, já haviam preparado o terreno, tendo a filosofia como instrumento, a tal ponto que quando Jesus veio ao mundo já havia instrução. No entanto, faltava o aspecto moral; a educação não apresentava seu sentido real, e o Mestre veio para oferecer esse aspecto da moralidade através da educação. Jesus a elevou a níveis até então desconhecidos, baseando seus ensinamentos no amor.

Depois de Jesus, Portasio (Ibid., p. 21) lembrou que na Idade Média os indivíduos, envolvidos em questões menores do poder temporal, desvirtuaram o legado do Cristo. Já na Idade Moderna, a educação tomou outros rumos devido à presença de verdadeiros emissários do Cristo, a exemplo de René Descartes, que mostrou como chegar ao conhecimento, despojando-se dos antigos conceitos formados pela mente humana e apresentando um novo modelo de homem, formado de matéria e Espírito.

Posteriormente a Descartes, Portasio (Ibid., p. 22) destacou o papel do pedagogo Jan Amós Comenius, que apresentou um método considerado o marco inicial da pedagogia moderna, com uma proposta de educa-

35 Para um maior aprofundamento, ver Freire (1983, p. 95).

ção intuitiva, cuja metodologia educacional transitava do simples para o complexo. Comenius foi considerado por Incontri (2003) um dos precursores do espiritismo, afirmando que muitas das suas ideias de educação integral, ecumênica e para a paz foram aproveitadas na criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Esperanto como língua universal da humanidade. Da mesma forma que Sócrates, Comenius também acreditava que a educação tinha a função de fazer germinar dos educandos suas potencialidades inatas. Para atestar essa ideia, destaquei a afirmação de Kulesza, ao citar Comenius, asseverando o seguinte:

Não é necessário, portanto, introduzir nada no homem a partir do exterior, mas apenas fazer germinar e desenvolver as coisas das quais ele contém o gérmen em si mesmo e fazer-lhe ver qual a sua natureza. (COMENIUS, 1976 apud KULESZA, 1992, p. 96)

O século XVIII, marcado pelo Iluminismo, construiu um novo modelo de homem, demonstrando que os valores morais eram indispensáveis para a educação. Diante desse aspecto, Portasio (2002, p. 22) realçou a figura de Jean Jacques Rousseau, o qual entendia que a educação deveria consistir num retorno do homem à natureza, isolando-se dos males do convívio social, pois Rousseau acreditava que todos eram bons e iguais e que era a sociedade a geradora de desigual-

dades. Foi ele um dos educadores que percebiam a criança como um ser em desenvolvimento, e não como um adulto em miniatura, a qual precisava de liberdade e de respeito para crescer.

A respeito da bondade inata no ser humano, concordando com a ideia rousseauiana, AMHS (entrevista concedida em setembro de 2005) afirmou que “a gente tem muita coisa boa dentro da gente”. Da mesma forma, MAGP (entrevista concedida em setembro de 2005) disse que “essas virtudes, conforme a própria doutrina orienta aqui na nossa Casa, elas estão adormecidas em cada criatura”. Ambos estavam se referindo ao processo educativo desenvolvido na Casa, cuja tarefa era despertar as virtudes inatas no ser humano.

Sobre o final do século XVIII e início do século XIX, Portasio (2002, p. 23) fez menção ao pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, que juntamente com Rousseau também pensava a educação harmonizada com a natureza, capaz de formar o ser humano espiritualmente e que leva em conta as experiências pessoais dos educandos em seu próprio meio. Incontri (2003) também destacou que o processo pedagógico, segundo Pestalozzi, devia basear-se no amor, haja vista que não há educação sem uma relação afetiva. Outro aspecto destacado por Incontri (Ibid.) na educação pestalozziana é que só se aprenderia vivendo, experimentando. Primeiro o educando aprende a sentir, depois a agir e, por último, a racionalizar e a teorizar.

Como discípulo de Pestalozzi, encontrei a figura de Hippolyte Léon Denizard Rivail, um educador e pes-

quisador francês, que recebeu a missão de transmitir ao mundo uma nova forma de pensar a educação. A partir dos pressupostos científicos, filosóficos e religiosos da doutrina espírita, adotou o pseudônimo de Allan Kardec e dirigiu à humanidade “o triunfo definitivo da razão para transformação do homem” (PORTASIO, 2002, p. 24) sob a forma de uma educação espírita.

Nesse caminhar histórico, foram percebidas as diferentes atribuições assumidas pelo processo educacional. Para reforçar tais aspectos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96), em seu artigo 1º, destacou o seguinte:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Apesar de esta lei disciplinar a educação escolar, a qual se desenvolve por meio do ensino, em instituições apropriadas, ela reconheceu que a educação não se concretiza apenas nas organizações formais, mas em variadas instâncias da vida humana, ultrapassando os limites da escola. Esse entendimento foi reforçado por Gramsci (1998, p. 37), quando afirmou que:

A relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente “escolásticas”, através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem suas experiências e os seus valores historicamente necessários [...]. Esta relação pedagógica existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos [...].

Essa concepção ampliada do processo educativo, alargando seus domínios para além dos muros escolares, assumiu a conotação de uma educação não formal, a qual devia ser organizada e sistematizada fora do marco de referência do sistema formal. Segundo as afirmações de Gohn (2001, p. 99), essa educação não formal designou um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondiam às suas áreas de abrangência. Em virtude do tipo de educação que estou priorizando nesse estudo, destaquei o terceiro campo, o qual envolvia “a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos” (Ibid., p. 99).

Entre os diferentes espaços nos quais se poderiam desenvolver ou exercitar as atividades de uma educação não formal, Gohn (Ibid., p. 101) relacionou as associações de bairro, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos, as organizações não governamentais,

os espaços culturais, as próprias escolas, os espaços interativos dessas comunidades com a comunidade educativa, as organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, entre outros. Gohn (Ibid., p. 102) chamou atenção para o fato de que esses diversos campos podiam objetivar múltiplos aspectos, por exemplo, abranger “a educação gerada no processo de participação social, em ações coletivas não voltadas para o aprendizado de conteúdos da educação formal”. A autora ainda destacou que a modalidade de educação não formal

Tem sempre um caráter coletivo, passa por um processo de ação grupal, é vivida como práxis concreta de um grupo, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente. O processo ocorre a partir de relações sociais, mediadas por agentes assessores, e é profundamente marcado por elementos de intersubjetividade à medida que os mediadores desempenham o papel de comunicadores. (GOHN, 2001, p. 102)

Dessa forma, pude refletir sobre a maneira como essas práticas educativas começaram a se realizar nos movimentos sociais. Gohn (2000, p. 8) ressaltou que o crescimento desorganizado do setor da educação formal, nos anos 1970, sua burocratização e queda da qualidade, levaram ao ressurgimento, nos anos 1980,

de novas formas de educação não formal, geradas a partir da prática cotidiana de grupos sociais organizados em movimentos e associações populares. Isso ocorreu justamente no período em que as ideias neoliberais³⁶ tomaram vulto, gerando a necessidade de se organizarem novas formas de luta, dentre estas, os movimentos sociais.

Conforme as afirmações de Gohn (Ibid., p. 52), o ponto fundamental de alteração que a prática nos movimentos populares proporcionava, em termos educativos, era na natureza das relações sociais. Segundo a autora,

Não se trata de um processo apenas de aprendizagem individual, que resulta num processo de politização dos seus participantes. Esta é uma de suas faces visíveis. Trata-se do desenvolvimento da consciência individual. Entretanto, o resultado mais importante é dado no plano coletivo. (Ibid., p. 52)

Dentre as diversificadas formas de mobilização social, Melo Neto (1999) ressaltou o trabalho desenvolvido pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As CEBs desenvolveram atividades à procura de sua própria forma de expressão no campo religioso e no campo da educação comprometida com as classes su-

36 Para um maior aprofundamento, ver Anderson (1995).

balternas da sociedade. Nessa perspectiva, poderia se questionar sobre a relação existente entre as atividades desenvolvidas pelos diferentes segmentos religiosos e os movimentos sociais. Nesse sentido, foi possível perceber que os aspectos teóricos que fundamentaram o paradigma dos Novos Movimentos Sociais (NMS)³⁷, a partir das suas características gerais básicas e de alguns dos seus pressupostos teóricos, embasaram as ações desenvolvidas pela Casa da Vovozinha, caracterizando-a como um movimento sociorreligioso.

Diante da possibilidade de desenvolver um trabalho educativo através de um movimento religioso, Blumer, quando citado por Gohn (2000, p. 35), afirmou que esse tipo de movimento poderia ser incluído na categoria de movimentos sociais expressivos, os quais “divulgam um tipo de comportamento expressivo que, com o passar do tempo, torna-se cristalizado e passa a ter profundos efeitos na personalidade dos indivíduos, e no caráter da ordem social em geral”, modificando-os individualmente, como também à própria ordem social. Sobre a relação existente entre os movimentos sociais e o fenômeno religioso, Gohn, ao apresentar as fases de um movimento social, enfatizou que não havia uma visão de etapas nem evolutiva, e evidenciou que:

Na prática não há a linearidade de um esquema racional, porque os movimentos não são puros, autônomos, isolados,

37 A respeito da teoria dos Novos Movimentos Sociais (NMS), ver Gohn (2000).

autodeterminados. Mesmo os movimentos criados a partir de ideias utópicas não são totalmente isolados da sociedade. O princípio articulatório de suas ideias sempre tem conexões externas, com uma doutrina, um outro movimento, um líder, um partido, uma religião etc.. (Ibid., p. 267, grifos meus)

A partir dessas afirmações, tornou-se possível estabelecer a relação entre os movimentos sociais e os movimentos religiosos. Dentre as características dos NMS, Gohn (Ibid., p. 122) destacou a negação do marxismo como campo teórico para explicar a ação dos indivíduos e da sociedade, porque essa teoria tratava apenas do aspecto das estruturas, da ação das classes, não dando conta de explicar as ações no campo político e, principalmente, no cultural. Havia uma subjugação ao domínio econômico, matando a possibilidade de mudança a partir do indivíduo –independente dos condicionantes estruturais –, característica dos NMS.

A respeito desse aspecto (a possibilidade de mudança do indivíduo), a doutrina espírita procurava demonstrar a necessidade da reforma íntima do ser humano, ou seja, sua transformação individual, acreditando que o espírito humano estava em progresso contínuo e que era preciso despertar a sua consciência para o bem através da educação. Para tanto, os condicionantes sociais apresentavam-se como etapas a serem vencidas, porém não eram considerados de-

terminantes do sucesso ou do fracasso da tentativa de transformação interior. Por isso os aspectos pessoais e íntimos da vida humana são citados por Gohn (Ibid.) como uma das características dos NMS, conforme Johnston, Laraña e Gusfield. Gohn (Ibid., p. 129) afirmou que alguns autores “salientam o caráter transformador dos movimentos sociais, dado pela possibilidade de inaugurarem uma nova lógica entre as relações sociais, mas não os veem como alternativa de poder”. Para tanto, o uso de táticas de mobilização e de resistência eram baseados na não violência.

Como outra característica dos NMS, Gohn (Ibid.) relacionou a necessidade de um coletivo difuso, não hierarquizado, que lutasse contra as discriminações de acesso aos bens, a partir de valores tradicionais, solidários, comunitários. O novo paradigma eliminaria o sujeito histórico, predeterminado pelas contradições do capitalismo, eliminando a centralidade de um sujeito específico, mas veria todos os participantes das ações coletivas como atores sociais. Nesse aspecto, destaquei que a política ganhou centralidade na análise dos NMS e foi redefinida, deixando de ter hierarquias e determinações e passando a ser uma dimensão da vida social, no âmbito das relações microssocial e cultural, diferente de outras teorias que tratavam a política no âmbito macro das instituições de poder da sociedade, principalmente as relacionadas com os aparelhos estatais. Gohn (Ibid., p. 126) ressaltou que:

As lideranças continuam a ter importante papel no esquema de análise dos NMS. Mas elas são apreendidas atuando em grupos, formando correntes de opiniões. Não há lugar nesta estrutura para os velhos líderes oligárquicos, que se destacavam por sua oratória, por seu carisma e poder sobre seus liderados.

Sobre esse aspecto, precisei destacar que, no movimento espírita, diferentemente de outras facções religiosas, não existia uma hierarquia sacerdotal. Embora as instituições espíritas possuíssem uma diretoria executiva formada pelo presidente e por outros diretores, conforme exposto no capítulo anterior, isso não implicava um poder de atuação maior de um membro que compunha a instituição sobre os demais. Essa estrutura se fazia necessária para que houvesse um melhor funcionamento da administração, o que queria dizer que todos os membros componentes das instituições espíritas se tornavam responsáveis pelo desenvolvimento de suas ações, enquanto formadores de opinião, através de todas as atividades desenvolvidas nas casas espíritas.

Em face dessa caracterização, Gohn (Ibid., p. 309) ressaltou que a novidade dos movimentos sociais se redefiniu nos anos 1990: deslocou as reivindicações populares das questões de infraestruturas básicas, ligadas ao transporte, saúde, educação, moradia, entre outras, para requerer a sobrevivência física dos indivíduos, objetivando garantir um suporte mínimo

de alimento, terra e direitos sociais, como a vida e a sobrevivência. O aumento da miséria era o principal fator explicativo e o segundo se localizava no plano da moral, que ganhou lugar central como eixo articulador dos fatores que explicam a eclosão das lutas sociais. Nesse aspecto do assistencialismo e do desenvolvimento moral, encontrei a relação com o movimento espírita. Gohn (Ibid., p. 140) ainda destacou que “os novos movimentos sociais estavam localizados na esfera sociocultural, e a ênfase de suas atividades estava em temas como motivações, moralidade e legitimação”.

Segundo Gohn (Ibid., p. 268), as mobilizações religiosas pertenciam à categoria dos “movimentos construídos a partir da origem social da instituição que apoiava ou abrigava seus mandatários”. Para a autora, “todo movimento social é formado por agrupamentos humanos, coletivos sociais”, que de uma forma ou de outra estão inseridos na sociedade. Essa inserção se dava a partir das instituições sociais, as quais possuíam ideologias específicas que orientavam a forma e o próprio conteúdo das demandas – entre elas, podia-se destacar a instituição religiosa. O tipo de formação que elas desenvolviam poderia habilitar a pensar lucidamente sobre as injustiças e desigualdades sociais, ajudando a compreender o movimento de transformações profundas por que passava a humanidade. Esses aspectos abrangiam a dimensão subjetiva, característica dos NMS, a qual era relativa ao “sistema de valores dos grupos sociais, não compreensíveis para análise à luz apenas das explicações macro-objetivas,

como usualmente é tratada a questão das carências econômicas. Tratava-se de carências de outra ordem, morais ou radicais” (Ibid., p. 249).

Certamente, esses aspectos perpassavam um processo educativo, no entanto, por meio de uma compreensão diferenciada de educação, a qual, no dizer de Gohn (Ibid., p. 56), constituía-se de uma concepção ampliada, ou seja,

Relativa a todos os processos que envolvem a aprendizagem de novas informações referentes a novos hábitos, valores, atitudes e comportamentos. Este conjunto, após sistematizado, codificado e assimilado pelos indivíduos e grupos sociais, constitui elementos fundamentais para a geração de novas mentalidades e novas práticas sociais, fundamentais para a formação dos indivíduos enquanto cidadãos.

Garcia (2000, p. 9) igualmente fez alusão a essa nova forma de educar, em virtude de ter acompanhado o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas dos sem-terra. Ela chamou atenção para:

A grande ênfase que é dada à questão dos valores que vão sendo transmitidos no currículo e que se revelam desde o exemplo que cotidianamente a professo-

ra e os mais velhos vão ensinando, sem dar aula ou fazer discursos, conscientes que são do papel de modelo que cumprem entre as crianças. Não se trata de “aulas de moral”, mas de formas de ser e de conviver que vão ensinando o valor do coletivo, a solidariedade, a amorosidade, a cooperação, o compartilhar, a generosidade, a importância de participar, de se comprometer e dar consequência aos compromissos assumidos.

Concordei com Gohn (2001) quando este afirmou que os movimentos sociais tinham um papel muito importante no campo da educação, apesar de, muitas vezes, ainda serem considerados papéis informais. Os movimentos sociais podiam ser considerados fontes de saber inesgotável, que ensinavam desde o modo de funcionamento das instâncias governamentais até a maneira como se portar diante dos nossos semelhantes, baseando-se nos valores do respeito e da solidariedade. Essa educação poderia ser conseguida através da observação, da leitura de textos e, acima de tudo, da aprendizagem ética, exercida de modo especial pelo exemplo daqueles que militavam nesses movimentos. Nesse sentido, considere oportuno apresentar o enfoque da educação desenvolvida pelas atividades do movimento espírita.

3.3 O ESPIRITISMO COMO OBRA DE EDUCAÇÃO

Como foi visto nas ideias de Incontri (2003, p. 193), a essência do espiritismo era a educação, tendo em vista que outras correntes religiosas possuíam um caráter salvacionista, ao passo que a doutrina espírita buscava promover a evolução do ser humano através da sua transformação moral³⁸, e isso era um processo pedagógico. O ser humano era o construtor de si mesmo e foi criado para a perfeição e só a educação poderia ser capaz de combater o mal em geral e as más tendências que o Espírito manifestava. Daí o caráter pedagógico do espiritismo.

Se o espiritismo era uma síntese cultural que abrangia diversas áreas do conhecimento, haja vista ser uma doutrina de caráter científico, filosófico e religioso³⁹, seu ponto de unificação era justamente a pedagogia. Kardec não foi escolhido por acaso para ser seu codificador, pois, na qualidade de discípulo de Pestalozzi e educador que era, soube desempenhar a sua missão, encarando o espiritismo com um olhar pedagógico. Incontri (2003, p. 193) enfatizou que ao

38 Já que me referi bastante ao termo moral, estou considerando a definição apresentada por Kardec (1987a, p. 310) de que “a moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus”.

39 Para um melhor entendimento desses três aspectos da doutrina espírita, veja Barbosa (1987).

ler Kardec com olhos pedagógicos percebemos a sua insistência e a dos Espíritos em comparações com imagens emprestadas do universo educacional. Assim, o planeta Terra é visto como uma escola na qual se reencarna⁴⁰ através de vidas sucessivas, como um curso escolar com seus anos letivos, matriculando-nos para o aperfeiçoamento.

Concordei com Pires (1990, p. 60-61) que a tarefa da educação espírita era formar um novo ser humano, destacando que:

A Educação Clássica greco-romana formou o cidadão, o homem vinculado à cidade e suas leis, servidor do Império; a Educação Medieval formou o cristão, o homem submisso a Cristo e sujeito à Igreja, à autoridade desta e aos regulamentos eclesiásticos; a Educação Renascentista formou o gentil-homem, o sujeito às etiquetas e normas sociais, apegado à cultura mundana; a Educação Moderna formou o homem esclarecido, amante das Ciências e das Artes, cético em matéria religiosa, vagamente deísta em fase de transição para o materialismo; a Educação Nova formou o homem psicológico do nosso tempo, ansioso por se libertar das angústias e traumas psíquicos do

40 Entendo a reencarnação como a volta do Espírito a um novo corpo de carne, após o fenômeno da morte.

passado, substituindo o confessionário pelo consultório psiquiátrico e psicanalítico, reduzindo a religião a mera convenção pragmática.

Em face do que foi apresentado por Pires (Ibid.) nessa síntese, percebi que esse novo ser humano tinha na moralidade o seu ponto mais forte, haja vista o caráter universalista da doutrina pedagógica do espiritismo, a qual não se preocupava em formar cidadãos, mas em educar seres humanos capacitados para agir em todas as instâncias sociais. Percebi uma espécie de perspectiva humanista na educação espírita, que extrapolava a própria questão da cidadania. Esse novo homem precisava ser esclarecido, mas, acima de tudo, humano, independentemente de sua nacionalidade, pois essa questão transcendia o elemento da cidadania. Por isso a ênfase para educar o homem e não o cidadão.

Nesse breve esquema, tive uma visão do desenvolvimento do processo educacional e de suas consequências. Certamente não foi uma visão perfeita e completa, tampouco teve a intenção de destacar aspectos negativos da educação, uma vez que, do indivíduo submisso ao Estado, a Deus, às leis, às regras ou às convenções sociais, estamos avançando para o sujeito livre do futuro, responsável por si mesmo e sempre em busca da sua afirmação enquanto ser. Sendo assim, a tarefa do espiritismo era formar o ser humano consciente do futuro. Para tanto, a necessidade do estudo e do conhecimento tornava-se imperiosa.

Diante dessa necessidade de estudo e de conhecimento colocada pelo espiritismo, destaquei a afirmação de Morin, quando disse que o conhecimento não pode correr o risco de se tornar cego. Para o autor (MORIN, 2002, p. 14),

O conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira, que serviria de preparação para enfrentar os riscos permanentes de erro e de ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana. Trata-se de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez.

Nessa perspectiva, ressaltei o caráter científico da doutrina espírita, tendo em vista que o espiritismo não apresentou nenhuma teoria preconcebida, nenhuma hipótese da existência e da intervenção dos Espíritos, ou de qualquer dos seus princípios. Na verdade, seu arcabouço teórico veio, subsequentemente, explicar e resumir os fatos e fenômenos espirituais que foram surgindo em diversas partes do mundo⁴¹, através da investigação meticulosa de Allan Kardec.

Segundo Kardec (1987a), o espiritismo era uma doutrina que educava não para individualizar o ser humano, haja vista que perante Deus todos os homens eram iguais:

41 Para um melhor entendimento desses fatos e fenômenos que deram início à Codificação da doutrina Espírita, veja Barbosa (1987).

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte, todos, aos seus olhos, são iguais. (KARDEC, 1987a, p. 375)

Dessa forma, de acordo com os postulados de Kardec (1977, p. 255), a doutrina espírita tinha como lema “fora da caridade não há salvação”⁴², ensinando que através do trabalho assistencial aos carentes de qualquer natureza, independentemente do credo religioso que professavam, de raça ou de características físicas que os diferenciavam dos demais, devia-se chamar a todos de irmãos e tratá-los da mesma maneira, tendo em vista o princípio da igualdade que nos aproximava uns dos outros.

Diante dessa assertiva, reafirmavam-se os nossos compromissos para com o próximo, pois a caridade era um princípio máximo. Concordei com Incontri (2003, p. 193) quando este definiu a caridade não apenas como assistencialismo social, respeitável e necessário, mas sim como a caridade da educação. Era preciso desper-

42 Entendemos a salvação não como a aquisição do Reino de Deus, mas como fruto do nosso esforço pessoal, a fim de conseguirmos a nossa reforma interior, o nosso aperfeiçoamento moral. Estamos salvos quando nos libertamos dos nossos vícios e defeitos.

tar consciências para o bem, para o amor ao próximo, contribuindo para mudar homens e mulheres internamente, o que certamente redundaria na melhoria de todo o planeta. Em face do exposto, vale salientar que essa educação não poderia assumir um caráter de neutralidade, conforme afirmou Freire (2005, p. 23):

É tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível [...] uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral.

Entretanto, Freire (2005, p. 28) argumentou que, para esse processo educativo não assumir uma conotação ingênua,

É preciso que a educação dê carne e espírito ao modelo de ser humano virtuoso que, então, instaurará uma sociedade justa e bela. Nada poderá ser feito antes que uma geração inteira de gente boa e justa assuma a tarefa de criar a sociedade ideal.

Nesse sentido, pude destacar o compromisso com a educação a partir do conhecimento doutrinário do espiritismo, o qual buscava formar consciências capazes de lutar por uma sociedade melhor, construindo essa base a partir da própria formação do ser humano.

Conforme assertivas de Incontri (2003, p. 40), o espiritismo trouxe uma proposta de educação. O ser humano foi criado simples e ignorante pelas mãos do Criador para habitar o universo e tinha como objetivo supremo atingir a perfeição, mas essa perfeição dependia do seu esforço pessoal, do engajamento individual nesse processo de aperfeiçoamento. Nesse sentido encontrei a essência pedagógica do espiritismo, o qual explicava que o próprio sentido da vida era o da educação. Acreditei que a educação espírita poderia ajudar o ser humano no processo de aprendizagem e aperfeiçoamento, haja vista que tinha ferramentas precisas e profundas para trabalhar com essa evolução, porque sabia dos processos obsessivos e analisava a existência humana sob o ponto de vista das sucessivas reencarnações.

Da mesma forma que Incontri (2003, p. 41), não tive a pretensão de defender uma espécie de catequese da religião espírita, propondo educar para o espiritismo. Pelo contrário, esse tipo de educação poderia ser dado aos praticantes de qualquer religião e até a ateus. Kardec sempre enfatizou que os espíritas não deveriam fazer proselitismo e muito menos violentar consciências. No relacionamento com pessoas não espíritas, era preciso exercer a tarefa de educar, sem impor con-

vicções, dentro dos princípios da alteridade, respeitando o outro nas suas diferenças e até mesmo aprendendo com estas. Foi isso que Jesus deixou como legado maior de seus ensinamentos.

3.4 EDUCAÇÃO POPULAR E DOUTRINA ESPÍRITA: BUSCANDO A RELAÇÃO ENTRE SEUS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS

Conforme apresentado no item anterior, não era qualquer tipo de educação que seria capaz de atingir esses objetivos. Por isso a educação popular mereceu um destaque no presente tópico, já que seus pressupostos filosóficos se baseavam nesses mesmos princípios.

O século XIX se caracterizou pelo desenvolvimento da ciência positivista⁴³, originando uma civilização técnica. Com o advento do terceiro milênio, teve início a Civilização do Espírito, com o retorno ao tema da espiritualidade, não apenas sob o ponto de vista fenomenológico, mas como uma renovação interior, uma transcendência moral que tinha na educação um dos

43 Segundo Minayo (2000, p. 39), “o positivismo constitui a corrente filosófica que ainda atualmente mantém o domínio intelectual no seio das Ciências Sociais”, tendo como tese básica que “a realidade se constitui essencialmente naquilo que nossos sentidos podem perceber [...], a ciência se ocupa do fato e deve buscar se livrar do valor”, ou seja, o cientista social deve se comportar “livre de juízo de valor, tentando neutralizar, para conseguir objetividade, na sua própria visão de mundo. [...] A postura positivista advoga uma ciência social desvinculada da posição de classe, dos valores morais e das posições políticas dos cientistas”.

pilares da sua construção. Dessa forma, tornou-se relevante resgatar os valores humanos e espirituais, superando o mito do cientificismo e da sua fria neutralidade, pois, embora a técnica seja a expressão da racionalidade, ela não é capaz de formar uma ética. Nesse sentido, Portasio (2002, p. 11) destacou que também coube à doutrina espírita⁴⁴ “resgatar a moral cristã de tudo que impede a sua vivência efetiva, resgatar a sua essência: a educação do Espírito”.

No entanto, essa educação não se restringia apenas à aquisição de conhecimentos intelectuais, mas se referia principalmente à formação moral do ser humano. E a sua finalidade não era somente formar pessoas cultas, mas sobretudo conscientes. Portanto, não é qualquer forma de educação que será capaz de atingir esse objetivo, mas sim uma educação feita, especialmente, em favor das classes menos favorecidas, das camadas populares, a fim de descobrir seus interesses e de conscientizá-las. Por isso a educação popular foi cunhada no sentido de educação do povo, apresentando princípios norteadores diferenciados da educação tradicional, baseando-se na liberdade, no diálogo e no amor.

Nessa perspectiva, ressaltamos o modelo educativo desenvolvido por Freire (1983), o qual defendeu uma educação para a liberdade, tornando os oprimidos livres, capazes de conquistar e exercitar a faculdade de pronunciar a sua palavra e de ser protagonistas dos seus destinos. Segundo Freire (1983, p. 55), “tal liber-

44 O estudo apresentou doutrina espírita e espiritismo como sinônimos, indistintamente.

dade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina”.

Uma vez colocado esse aspecto da liberdade, foi interessante destacar o sentido da expressão doutrinamento, que poderia ser cogitada pelo espiritismo, já que se trata de uma doutrina. No entanto, constatei que a doutrina espírita não pretendia impor religião a ninguém, porque o nosso relacionamento com Deus é pessoal. Contudo, naquilo que dizia respeito à moral, há uma preocupação em se educar e em tornar o ser humano melhor. Portanto o sentido de doutrina não se relacionava a um doutrinamento que conduzia cegamente as pessoas, mas apenas a um conjunto de conhecimentos científicos, filosóficos e religiosos.

Dessa forma, a fim de se desenvolver uma educação para a liberdade, o diálogo tornou-se uma pedagogia indispensável, devendo ser permeado pelo sentimento de amar. Por isso Freire (1983, p. 80) enfatizou que o amor:

Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Uma vez colocadas essas considerações, poderia ser questionada qual relação existiria entre a educação popular e a doutrina espírita, haja vista serem duas áreas de conhecimento aparentemente distintas. A propósito dessa questão, convém lembrar que a educação popular tem como objetivo principal promover a transformação da sociedade a partir do diálogo enquanto metodologia prática, buscando a conscientização da classe oprimida, podendo ser desenvolvida em qualquer lugar, inclusive nos movimentos sociais religiosos.

Dessa forma, em virtude da nossa participação ativa no movimento religioso desenvolvido pela Casa da Vovozinha, foi possível identificar traços da educação popular a partir da metodologia utilizada nos grupos de estudo e no trabalho da evangelização infanto-juvenil. Sendo assim, essa forma de atuação poderia possibilitar o surgimento de uma sociedade melhor, a partir do trabalho de conscientização e moralização do indivíduo. Com uma educação baseada no respeito, na solidariedade e no amor ao próximo, pode ser possível vislumbrar uma sociedade sem tantas desigualdades e injustiças sociais.

Em busca desses elementos de resposta, tratei de encaminhar este relato com o objetivo de levantar os pontos em comum que existiam entre os princípios filosóficos da educação popular e da doutrina espírita. Era inegável que essa doutrina tinha um forte aspecto educativo, que procurou trazer à tona as potencialidades do ser humano, através de uma conscientização que não determina valores, mas ajuda no seu desabro-

char. Sendo assim, por se tratarem de duas áreas de conhecimento bastante abrangentes, foram priorizados os aspectos relacionados à liberdade, dialogicidade e amorosidade. Contudo fez-se necessário, em primeiro lugar, esclarecer os aspectos filosóficos e educativos da doutrina espírita.

3.4.1 O espiritismo sob a ótica da filosofia e da educação

O espiritismo apresentava um corpo doutrinário formado por três aspectos: ciência, filosofia e religião⁴⁵. Para Morin (2002), nenhum conhecimento estava isento de ser ameaçado pelo erro e pela ilusão. Daí decorria a necessidade de destacar, em qualquer tipo de educação, as grandes interrogações sobre novas possibilidades de conhecer. Nesse sentido, destaquei o caráter filosófico do espiritismo, pois “quando o homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o como e o porquê das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a Filosofia” (BARBOSA, 1987, p. 101), sempre procurando conhecer mais sobre o sentido humano do existir, seus problemas, origem e destinação. Essa análise filosófica possibilitou o despertar de uma regra moral de vida e de comportamento para os seres da criação, dotando-os de sentimento, razão e consciência.

45 Por não fazerem parte da análise em questão, não serão abordados os aspectos científico e religioso. Para um maior aprofundamento, ver Barbosa (1987), Kardec (1977; 1979; 1987a e 1987b).

A propósito de seu caráter filosófico, Kardec (1979, p. 18) destacou que o espiritismo “toca nas questões mais graves da filosofia, em todos os ramos da ordem social, que abraça ao mesmo tempo o homem físico e o homem moral, é por si mesmo toda uma ciência, toda uma filosofia que já não pode ser apreendida em algumas horas”. Daí o alerta feito pelo autor (Ibid., p. 19) de que “a explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, suas causas e consequências morais constituem toda uma ciência e toda uma filosofia, que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado”.

Dentro desse aspecto filosófico, conforme as afirmações de Lobo (1995, p. 13), a doutrina espírita:

Assume uma moldura pedagógica especificamente espírita. Toda filosofia culmina numa pedagogia, por meio da ética. Mas, como filosofia, a doutrina ainda se situa nos estratos teóricos da educação [...], como a ciência, em regra, não é educadora, porém, postula atos educativos.

Até hoje, não houve um só sistema educacional que não estivesse fundamentado em uma filosofia, pois toda filosofia visa ao aperfeiçoamento humano, e esse melhoramento é encargo da educação, conforme a própria etimologia da palavra, educere: tirar, extrair de dentro da alma humana as suas potencialidades.

Wanderley (1984, p. 107) também compreendeu a “educação, em um sentido lato, como um processo,

uma ação que visa à formação do Homem”. Para tanto, é necessário que a ação do educar seja no sentido de formar a pessoa humana, impondo sempre um dever de conscientizar⁴⁶, “isto é, de tornar a pessoa consciente do que é e do que deve ser”, de acordo com as afirmações de Fávero (1983, p. 175). Há, contudo, de se considerar que uma educação tradicional não será capaz de atingir esse objetivo, tendo em vista o caráter vertical que se estabelece entre educador e educando, mas sim uma modalidade especial – a educação popular. A despeito de reconhecer os avanços pontuais nesse campo da educação, não com a pretensão de limitá-la num conceito fechado, mas, pelo menos, para expressar o que estou entendendo acerca do que é a educação popular, apresentei os conceitos de educação popular e espiritismo.

3.4.2 Uma aproximação entre os conceitos de educação popular e espiritismo

Segundo Gadotti (2000, p. 12), o paradigma da educação popular foi inspirado originalmente no trabalho de Paulo Freire, nos anos 1960, o qual encontrava na conscientização sua categoria fundamental. Paulo Freire foi um homem que viveu intensamente o seu tempo, sendo considerado por muitos como um

46 Está se considerando o sentido de “conscientizar-se” definido por Wanderley (1984, p. 116) como “pensar as relações entre o significado próprio da existência humana e a circunstância histórica que determina pelo menos alguns dos aspectos mais importantes dessa existência”.

subversivo, um perigo contra a segurança nacional, a ponto de ter sido exilado no Chile, em 1964, numa tentativa inútil de calar seu ideal de transformação social. Freire viveu uma época marcada por desigualdades e injustiças sociais e sentia a necessidade de mudar tal realidade. Gadotti (2000, p. 103) definiu Paulo Freire como um

Revolucionário, com a peculiaridade de que utiliza meios pacíficos, facilmente praticáveis, de baixo custo, que não sacrificam vidas e, pelo contrário, libertam pessoas garantindo sua dignidade essencial. O genial educador inventou um sistema que, de uma só vez, ensina a pessoa a ler, a pensar criticamente e a dizer o que pensa. Essa é a matéria-prima de um mundo de liberdade, de igualdade e de justiça.

Neste sentido, Wanderley (1984, p. 104) entendeu a educação popular como “aquela que é produzida pelas classes populares, ou produzida para/com elas, em função de seus interesses de classe”. Talvez por isso Rodrigues (1999, p. 21) tenha afirmado que essa concepção de educação se ajusta mais adequadamente à denominação de uma educação sociotransformadora. Sua proposta, para Rodrigues, é mais direcionada para a efetiva transformação do ser humano e da sociedade, trazendo lucidez, decisão, compromisso, união e soli-

dariedade aos homens para fortalecimento das relações sociais, elementos estes que estão presentes nos debates dos autores que apresentaram o espiritismo como educação. No entanto, tornou-se compatível questionarmos sobre a relação que existe entre os princípios filosóficos da educação popular e os postulados da doutrina espírita enquanto obra de educação.

3.4.3 Princípios filosóficos da educação popular e da doutrina espírita

A educação popular tem como objetivo principal promover a transformação da sociedade, a partir da prática do diálogo e da conscientização da condição de classe oprimida. Pode se dar em qualquer lugar. Daí a característica da ubiquidade⁴⁷, apresentada por Rodrigues. O nosso objeto de estudo representa um fenômeno social, que se expressa enquanto um movimento religioso⁴⁸ e desenvolve um trabalho educativo diferenciado do modelo tradicional. Sendo assim, foi possível identificarmos os princípios filosóficos da educação popular relacionados com os pressupostos que norteiam a prática pedagógica da doutrina espírita.

47 De acordo com Rodrigues (1999, p. 22), “o objeto de investigação da educação popular pode encontrar-se em qualquer lugar, onde se reúnam regularmente pessoas”. Pode acontecer no lar, na empresa, no sindicato, nos movimentos sociais, na escola.

48 Segundo Gohn (2000, p. 35), “os movimentos religiosos podem ser incluídos na categoria de movimentos sociais expressivos, os quais divulgam um tipo de comportamento expressivo que, com o passar do tempo, torna-se cristalizado e passa a ter profundos efeitos na personalidade dos indivíduos, e no caráter da ordem social em geral”.

a. *O princípio da liberdade*

Segundo Freire (1983, p. 35), a liberdade é uma conquista, “e não uma doação, exige permanente busca. [...] que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem”. Compartilhando dessa mesma ideia, Gadotti (2000, p. 102) afirmou que “a libertação é o fim da educação. A finalidade da educação será libertar-se da realidade opressiva e da injustiça” para transformação radical da realidade, melhorando-a para torná-la mais humana e permitindo que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história, e não como objetos.

Melo Neto (2004, p. 93), ao fazer referência ao princípio de liberdade, relaciona-o ao conceito de autonomia, afirmando que esta “pode ser entendida como a condição de cada um de poder governar-se por si mesmo e de forma independente”. Interliga-se com a liberdade pela capacidade do indivíduo de agir por si mesmo, apesar de saber que a sua liberdade termina onde começa a do outro. Para Melo Neto, a autonomia e a liberdade adquirem na educação popular uma dimensão particularmente filosófica. Nessa mesma perspectiva, Incontri (2004, p. 8) afirmou que:

Não há educação espírita sem uma proposta de liberdade, educando o ser espiritual como um ser livre. O educador não

vai educar ninguém⁴⁹. Vai despertar no outro um processo de autoeducação. É assim que Deus age conosco. Somos espíritos livres e ele nos convida para que nós possamos aderir ao seu projeto de evolução. Mas ele não nos força a isso. Todo processo educacional é um processo para despertar as potencialidades da alma. Por isso, precisa ser dentro de parâmetros de liberdade, respeito à individualidade, apelos, convites, exemplos. E não de coerções externas.

Freire (1983, p. 77) também lembrou que, quando se pretende a libertação dos indivíduos, não se pode

Começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. [...] É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

A esse respeito, Incontri (2003, p. 191) destacou o aspecto da educação ativa, ou seja, “a gente só apren-

49 Esse pensamento assemelhou-se ao de Freire (1983, p. 79), quando este enfatizou que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

de fazendo alguma coisa. [...] Educação é quando o indivíduo pode desenvolver as suas potencialidades, experimentando coisas. Debatendo, fazendo e até errando”. Essa é a tarefa de uma educação realmente libertadora. Para tanto, outro princípio tornou-se imprescindível: o diálogo.

b. *O princípio do diálogo*

De acordo com Gadotti (2000, p. 103), “o diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, [...] em relação indissociável”. Nesse sentido, Freire (1983, p. 39 afirmou que ninguém educa ninguém, mas os seres humanos se educam juntos. Mesmo acontecendo entre pessoas diferentes, o diálogo “não pode excluir o conflito. [...] Eles atuam dialeticamente”, levando em conta as diferenças, num autêntico respeito ao sentido do termo alteridade (Freire, 1979, p. 6) . É preciso conviver com as diferenças, aceitá-las e até aprender com elas. Por isso a necessidade de uma educação não autoritária, pois a aceitação às diferenças implica não apenas respeito, mas também considerá-las uma riqueza da humanidade. À semelhança do que pensou Gadotti, o diálogo, para Freire, (1989, p. 107) é:

Uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso

só o diálogo comunica. E quando dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instalou-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Incontri (2003, p. 158) também considerou que o diálogo é condição essencial no processo educativo. Para a autora, “o diálogo não é algo que se possa improvisar repentinamente entre pessoas que convivem sob o mesmo teto. Ele é sempre fruto de um longo cultivo e brota de uma relação de confiança”. Incontri (Ibid., p. 159) ainda destacou que “a condição básica para o diálogo é a compreensão, derivada do amor. A intolerância e o autoritarismo num extremo e a indiferença no outro lhe são as maiores barreiras”. Porém, a autora lembrou que o verdadeiro diálogo se baseia na aceitação do outro.

Uma vez colocadas essas considerações, tornou-se clara a necessidade do diálogo para uma educação libertadora. No entanto, fez-se necessário lembrar o alerta dado por Freire (1983, p. 93) de que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. Portanto, o amor também é diálogo e não se pode verificar numa relação de dominação. Quando isso acontece, deixa de ser amor, “o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo no

dominador. Amor não” (Ibid., p. 93). Por tratar dessa condição essencial para o processo dialógico, colocamos em destaque o terceiro princípio.

c. *O princípio do amor*

Freire foi um homem que teve muito amor pelo mundo, pelas pessoas, pela natureza, pelas concepções em que acreditava e que defendia. Ele afirmou que “a educação é um ato de amor [...]. Não pode temer o debate. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1983, p. 96). Fazendo uso das assertivas de Che Guevara, mesmo correndo o risco de se tornar piegas, chegou a afirmar que não existe um revolucionário sem amor. Ainda destacou que o amor:

É um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (Ibid., p. 96)

O amor como essência da educação também foi ressaltado por Incontri (2004, p. 9) como

Aquilo que realmente vai promover a educação do homem, garantindo que ele

direcione a sua liberdade para o bem. Exemplo desse amor está em Jesus. Há milênios que ele trabalha pela evolução da humanidade, sendo o mentor e o Mestre da nossa educação, mas não usa conosco nenhum meio violento ou impositivo. Ele nos ama, se sacrifica por nós, trabalha incessantemente e espera a nossa adesão ao seu projeto de estabelecer o Reino de Deus na Terra.

De acordo com as afirmações de Incontri (2003, p. 158), se o amor é uma das finalidades da educação moral, também é o seu recurso principal, pois “só o amor tem o condão capaz de tocar a divindade essencial do Espírito”. Para tanto, não pode ser um amor egoísta, porém “o amor verdadeiro é aquele que, acima de tudo, deseja o crescimento espiritual do ser amado e se devota, se sacrifica até por esse progresso” (Ibid., p. 158). É um amor que sabe distinguir a melhor parte do educando e a cultiva com carinho e paciência. Quando é sincero e profundo, cria uma atmosfera de alegria e entusiasmo de viver, especialmente quando estamos vivendo num clima de insatisfação e de descrença nos valores humanos.

Diante do que foi exposto a respeito da tarefa educativa do espiritismo e em virtude da nossa formação acadêmica, sentimos a necessidade de levantar subsídios teóricos a respeito das concepções de corpo e de espírito apresentadas nos pressupostos que fun-

damentam o corpo doutrinário espírita. Tal interesse surgiu a partir da nossa intenção de verificar como as práticas educativas desenvolvidas pela União Espírita focalizavam a relação corpo-espírito. Dessa forma, o debate teórico sobre a compreensão de corpo e sua relação com o espírito é a preocupação do próximo capítulo.



BUSCANDO COMPREENDER A RELAÇÃO ENTRE CORPO E ESPÍRITO

Acreditamos que para que o homem atinja a perfeição não se pode menosprezar os valores do Espírito. Todos estamos formulando votos aos Poderes Divinos que governam o Mundo e a Humanidade, para que o homem se volte para dentro de si mesmo a fim de que nós todos, dentro dessa interiorização, venhamos a compreender que sem os valores da alma não podemos avançar muito tão só com os valores físicos que são praticamente transitórios.

Chico Xavier.

Diante dos novos desafios produzidos pela globalização e pelo avanço da tecnologia, a educação tem sido eleita como uma solução possível para enfrentá-los. Com isso, observamos que existe uma ampliação do conceito de educação, a qual não se restringe mais aos processos formais de ensino-aprendizagem desenvolvidos no interior das unidades escolares. É uma educação que não pode se limitar apenas à transmissão dos conteúdos das disciplinas, mas que necessita, acima de tudo, preparar o indivíduo para a vida, tornando-se uma educação integral. Esse tipo de educação, conforme nos apresentou Pires (1990, p. 27), deveria levar em consideração todas as dimensões do ser humano. Para o autor,

É evidente que as dimensões da educação decorrem das dimensões do homem. Se o homem pode ser encarado, tanto espiritual como socialmente, numa perspectiva de sucessões dimensionais, então o processo educativo também será susceptível dessa visualização. E é precisamente numa teoria dimensional do homem que vamos buscar as possibilidades de uma formulação teórica nesse sentido. Formulação aliás, que pode levar-nos a maiores possibilidades metodológicas na colocação filosófica do processo educacional.

Para definir quais são as dimensões do homem, Pires (1990, p. 28) citou Sartre, especificando-as nos seguintes termos: “primeira dimensão do ser, que se nega a si mesma na especificidade humana, atingindo [...] a segunda dimensão, da qual resulta necessariamente a terceira dimensão [...], na relação social”. Formulando de outra maneira, Pires (1990, p. 28) expressou-se deste modo sobre tais dimensões:

Antes de mais nada, o corpo existe, e este existir é a sua primeira dimensão; depois, o corpo entra em relação com os outros, e nesta relação surge a segunda dimensão; por fim, no conhecimento do corpo pelos outros tem ele a sua terceira dimensão. [...]

A transcendência do ser, que é a sua terceira dimensão, equivale a um duplo processo de relações: no plano social como amor do próximo, e no metafísico como amor de Deus.

Pires acreditava que a compreensão das dimensões humanas era capaz de servir para uma elaboração metodológica, visando ao mais amplo e profundo enfoque filosófico da questão educacional, ou seja, o da educação integral. Essa forma de educação foi definida por Incontri (2003, p. 49) como uma educação que “deve se dirigir ao sentimento e à inteligência, deve formar pes-

soas saudáveis de corpo e alma”. Nessa perspectiva, a autora referenciou a ideia de educação apresentada por Pestalozzi:

Pestalozzi, que se preocupava bastante com o aspecto global e equilibrado que deve ter a Educação, resumiu a questão na famosa tríade: educar o coração, a cabeça e as mãos. Por educar o coração, entendia fazer brotar o amor a Deus e ao próximo; com educar a cabeça, referia-se à formação da inteligência, não no sentido de entupir a memória de informações, mas de desenvolver o ímpeto de observar, analisar, deduzir e pensar; e, afinal, educar as mãos era para ele tanto estimular atividades manuais e o trabalho em geral, quanto cultivar a agilidade, a saúde e a harmonia do corpo. (INCONTRI, 2003, p. 49)

Incontri (2004, p. 252) também destacou que para o espírito atingir um desenvolvimento harmonioso era necessário um equilíbrio entre a moralidade e a inteligência:

Por isso, a educação deve ser integral, no sentido de garantir um balanceamento útil entre as diferentes potencialidades do ser. É fácil observar no mundo o pe-

rigo da genialidade destituída de princípios éticos e o quão triste é a ignorância bondosa e ainda a que tragédias existenciais levam os dons criativos, divorciados da racionalidade e da moral.

No entanto, durante a formação da civilização ocidental, o processo de educação valorizava apenas a razão e o intelecto na elaboração do conhecimento, o que Nóbrega (2000, p. 11) chamou de processo de descorporalização⁵⁰. A autora destacou que esse saber descorporalizado foi adotado principalmente pela educação escolarizada, ou seja, aquela que ocorre no ambiente formal das instituições de ensino. Entretanto, no nosso estudo, estamos analisando as práticas educativas não formais desenvolvidas por uma instituição espírita. Nessa perspectiva, sentimos a necessidade de refletir sobre qual tem sido o papel do corpo no processo de educação, bem como a sua relação com o espírito, haja vista que a educação promove o desabrochar das aptidões inatas do ser humano.

50 Para Gonçalves (1994, p. 18), “descorporalização significa que, ao longo do processo de civilização, identidade, interação, hierarquia social e funcionamento do sistema social foram tornando-se independentes das habilidades corporais e aparência do corpo”.

4.1 ENCONTRANDO O DUALISMO CARTESIANO

Na tentativa de compreender a relação que existe entre corpo e espírito, o ser humano tem procurado inúmeras áreas do conhecimento. Certamente, a filosofia tem oferecido um aporte teórico bastante significativo, especialmente no que se refere ao dualismo cartesiano, uma vez que na filosofia ocidental a abordagem do corpo é predominantemente marcada por esse dualismo, entendido como a separação entre corpo e alma, matéria e espírito, o que é mutável e imutável (Cf. NÓBREGA, 2000, p. 17). Desde a antiguidade grega, o dualismo já se fazia presente no pensamento platônico, com a distinção entre os mundos sensível e inteligível. Platão (198-, p. 55) chegou a afirmar que

Durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e uma confusões nos são efetivamente suscitadas pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas ainda somos acometidos pelas doenças, e eis-nos às voltas com novos entraves em nossa caça ao verdadeiro real. O corpo de tal modo

nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, enfim, uma infinidade de bagatelas, que por seu intermédio (sim, verdadeiramente é o que se diz) não recebemos na verdade nenhum pensamento sensato; não, nem uma vez sequer!

Sobre o dualismo platônico, Santin (1996, p. 83) afirmou que “traçaram uma fisionomia humana onde a essência (eidos) eterna do homem se encarnava num corpo, como castigo de um mal praticado”. Portanto, caracterizando a ideia de que estar no corpo era ruim, isso era fruto dos pecados cometidos pelos desejos e paixões, tornando-nos impossibilitados de alcançar a verdade, como também suscetíveis às doenças. O corpo tornou-se capaz de nos afastar da razão e do bom senso.

Na Idade Média, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino incorporaram essas ideias platônicas, vendo o corpo como símbolo do pecado, em virtude da perspectiva cristã. Por isso era necessário um desprendimento humano de tudo que o atasse à existência terrena, para que o pudesse realizar plenamente a sua natureza espiritual. O cristianismo incorporou de tal forma o dualismo a ponto de Fontanella (1995, p. 36) ter afirmado que:

Sem o dualismo o cristianismo não tem sentido, pois o espírito tem de lutar perpetuamente contra a carne. Qualquer que tenha sido o desempenho da religião

cristã em relação à posse, às riquezas, ao domínio – como em qualquer outra religião, o seu fundamento é o dualismo.

A bíblia sempre destacou que, para se adquirir as virtudes, seria necessário controlar-se, sujeitar o corpo ao espírito, mortificando a carne. Por isso a expressão de São Paulo (BÍBLIA, p. 1563):

Mas observo em meus membros outra lei guerreando contra a lei da minha mente e levando-me cativo à lei do pecado que está nos meus membros. Homem miserável que eu sou! Quem me resgatará do meu corpo que é submetido a esta morte? Graças a Deus, por intermédio de Jesus Cristo, nosso Senhor! Assim, pois, com a mente, eu mesmo sou escravo da lei de Deus, mas com a minha carne, escravo da lei do pecado.

A educação cristã, durante vários séculos, guiou seus fiéis no caminho da mortificação da carne. Assim, no século XVIII, Rousseau, em *Emílio, ou da Educação* (1995), tratou da educação a partir do conhecimento do corpo. Para ele, a educação do corpo visava civilizar as paixões, os desejos e necessidades do corpo através dos exercícios físicos. Já no século XIX, o idealismo alemão exaltava a subjetividade, por isso Hegel afirmava que o corpo e o espírito cooperavam para a huma-

nização do indivíduo através do trabalho, no entanto, o princípio da natureza humana era o espírito (Cf. NÓBREGA, 2000, p. 24).

A respeito da relação do trabalho com a educação do ser humano, ZAP (entrevista concedida em setembro de 2005) destacou o vasto campo de trabalho oferecido pela Casa da Vovozinha, asseverando que:

Para as pessoas que aqui chegam de imediato é lhe aberto campo, o campo da assistência social, o campo da mediunidade, o campo da divulgação da própria doutrina, o campo da caridade com pessoas necessitadas. Então nos diversos campos você encontra uma área onde você vai trabalhar.

Também fazendo referência ao trabalho, porém como uma lei natural, o que igualmente foi aludido por Kardec (1987a) quando apresentou as leis morais, encontrei na fala de GCF (entrevista concedida em setembro de 2005) a seguinte ideia:

Se você está trabalhando, você está bu-
rilando o seu espírito, e à medida que
você trabalha, porque o trabalho é uma
lei natural e é realmente através do tra-
balho que nós vamos nos educando e
vamos evoluindo. [...] Então, se eu es-
tou trabalhando, e à medida que eu vou

compreendendo também as leis morais, então eu vou me educando. Então, existe essa relação de trabalho e educação, porque quando se convida aquelas pessoas que chegam à Casa para o trabalho, já é pensando justamente em ajudar essa criatura a se educar, se auto educar.

Essa exaltação do aspecto subjetivo destacada pelo idealismo alemão no século XIX⁵¹ também foi enfatizada pelo cogito cartesiano, pois, para Descartes (1991b, p. 46), a existência do homem estava relacionada ao seu pensamento: “eu penso, logo existo”. Com essa afirmação, Descartes (Ibid., p. 47) diferenciou corpo e alma, atribuindo a esta natureza pensante, conforme as assertivas abaixo:

Compreendi por aí que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil conhecer

51 Foi também no século XIX que Nietzsche, citado por Nóbrega (2000, p. 24), fez uma crítica à tradição dualista, revalorizando o corpo na compreensão do homem. Para ele, a existência do homem só teria sentido naquilo que lhe fosse mais humano, ou seja, seu próprio corpo. Só a partir do corpo o homem poderia agir e conseguir a sua realização como homem, pois o corpo estaria presente em todos os atos humanos, por isso não poderia ser negado.

do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é.

Essa distinção feita por Descartes (1991b, p. 78) foi contundente a ponto de ele ter negado que a alma desse movimento e calor ao corpo, considerando um erro que pensassem dessa forma, ao afirmar que:

Consiste em ter-se imaginado, vendo-se que todos os corpos mortos são privados de calor e depois de movimento, que era ausência da alma que fazia cessar esses movimentos e esse calor; e assim se julgou, sem razão, que o nosso calor natural e todos os movimentos de nossos corpos dependem da alma, ao passo que se devia pensar, ao contrário, que a alma só se ausenta, quando se morre, porque esse calor cessa, porque os órgãos que servem para mover o corpo se corrompem.

Para Descartes, toda a filosofia consistia em distinguir a alma e o corpo. O corpo funcionava como uma máquina⁵², cujas funções e disposição de seus órgãos

52 Entre as críticas que foram feitas ao dualismo cartesiano, Nóbrega (2000, p. 51) destacou a figura de Merleau-Ponty, o qual defendeu a possibilidade de integrar o corpo na perspectiva de totalidade do ser humano, ou seja, num sentido ontológico, no qual o corpo assumia a identidade do ser como presença no mundo. O corpo não mais passou a ser visto como corpo-objeto, corpo-máquina, característica da visão dualista, mas como um corpo-sujeito. Nesse sentido, o ser humano só seria capaz de apreender o mundo através do corpo, a partir das experiências vividas, e a unidade do

não tinham nenhum aspecto ligado à alma, portanto, sem nenhuma intencionalidade nos movimentos. A alma estava ligada ao pensamento e não ao funcionamento do corpo. Essa distinção não permitia que a alma atuasse sobre o corpo, pois este funcionava como um autômato, sem vontade própria. Apenas os pensamentos eram atribuídos à alma, sendo de dois gêneros: a vontade e as paixões, conforme asseverou Descartes (1991b, p. 84):

Depois de ter assim considerado todas as funções que pertencem somente ao corpo, é fácil reconhecer que nada resta em nós que devemos atribuir à nossa alma, exceto nossos pensamentos, que são principalmente de dois gêneros, a saber: uns são as ações da alma, outros as suas paixões. Aquelas que chamo suas ações são todas as nossas vontades, porque sentimos que vêm diretamente da alma e parecem depender apenas dela; do mesmo modo, ao contrário, pode-se em geral chamar suas paixões toda espécie de percepções ou conhecimentos existentes em nós, porque muitas vezes não é nossa alma que os faz tais como são, e porque sempre os recebe das coisas por elas representadas.

humano era expressa no corpo: “eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1994 apud NÓBREGA, 2000, p. 56).

Denis (1995, p. 312), ao fazer também essa distinção entre o corpo e o espírito, referiu-se à vontade como uma das maiores potências da alma, a única capaz de colocar em movimento as nossas potências internas, orientando-as para um ideal elevado. É pelo uso frequente da vontade que modificamos a nossa natureza, vencendo os obstáculos e dominando a matéria; daí sua afirmação:

É pela vontade que dirigimos nossos pensamentos para um alvo determinado. Na maior parte dos homens os pensamentos flutuam sem cessar. Sua mobilidade constante e sua variedade infinita pequeno acesso oferecem às influências superiores. É preciso saber concentrar-se, pôr o pensamento acorde com o pensamento divino. (DENIS, 1995, p. 312)

Analisando esses dois gêneros de pensamento apresentados por Descartes (1991b), Nóbrega (2000, p. 36) afirmou que a “vontade vem diretamente da alma e depende apenas dela; por outro lado, as paixões referem-se a toda espécie de percepções ou conhecimentos existentes em nós e que não têm a alma como única origem, mas também o corpo”. Se ao corpo são atribuídas as percepções de fome, sede, entre outros apetites naturais, as paixões da alma estavam relacionadas aos sentimentos, como a cólera, a alegria, a tristeza e outros. Por isso a moral cartesiana defendia a necessida-

de de racionalizar as paixões, “pois visando ao bem da alma, constituir-se-ia numa técnica para dominar as paixões” (Ibid., p. 37), sendo justamente as paixões o ponto de ligação entre corpo e alma.

A respeito dessa diferenciação entre as constituições do corpo e do espírito, própria de uma visão dualista, o cristianismo também fez distinção, quando atribuiu ao corpo e à alma processos formativos diferentes, haja vista ter apresentado no livro bíblico de Gênesis (2: 7): “E Jeová Deus passou a formar o homem do pó do solo e a soprar nas suas narinas o fôlego de vida, e o homem veio a ser uma alma vivente” (BÍBLIA, p. 45). Quer dizer, interpretando essa passagem num sentido dualista, a carne foi feita do barro, do pó da terra, e a alma imaterial originou-se do hálito divino. A leitura cristã foi sempre dualista. O corpo foi formado da terra, porém a vida, a alma, veio diretamente de Deus. Por isso, o homem retorna à terra, mas a alma prossegue.

Ainda sobre essa distinção entre o corpo e a alma, Durkheim (2000, p. 43), na tentativa de explicar a independência entre esses elementos, apesar de não a confirmar, citou a experiência do sonho, durante o qual, enquanto o corpo permanecia deitado no chão, um segundo de si mesmo era capaz de deixar o organismo e percorrer o espaço, podendo ver, mesmo dormindo, lugares distantes. Nesse sentido, Durkheim (Ibid., p. 43) afirmou que “a alma é inteiramente distinta do corpo e que, dentro ou fora dele, ela vive normalmente uma vida própria e autônoma”.

Apesar dessa independência, Durkheim (Ibid., p. 43) admitiu que a alma se confunde com o organismo em certos aspectos, por isso não poderia ser separada radicalmente, pois “há órgãos que são, não apenas sua sede privilegiada, mas sua forma exterior e sua manifestação material” (Ibid., p. 43). Dessa forma, o autor argumentou que:

A noção é, portanto, mais complexa do que supõe a doutrina e, conseqüentemente, é duvidoso que as experiências invocadas sejam suficientes para justificá-la, pois, mesmo se permitissem compreender de que maneira o homem acreditou-se duplo, elas não saberiam explicar como essa dualidade não exclui, mas, ao contrário, implica, uma unidade profunda e uma penetração íntima dos dois seres assim diferenciados. (Ibid., p. 43)

Uma vez colocada essa argumentação, Freire chamou atenção para a falsa distinção entre corpo e alma, haja vista que, para se compreender a existência do ser humano, faz-se necessário entendê-lo como um ser duplo, em que a alma, designada por ele como mente, e o corpo unem-se profundamente. Nesse sentido, Freire afirmou que:

Se corpo e mente não são, de fato, entidades distintas e separadas; se o sen-

sível e o inteligível estão presentes no homem sem hierarquizações; se não há um que manda e outro que obedece; se, enfim, o corpo é uma entidade total, que integra todas as partes que compõem a vida possível no planeta que habitamos; então essa realidade deve se manifestar em cada ato de vida. Pode ser que não saibamos vê-la, mas, se existe, manifesta-se sempre que a vida se manifesta. E, quando a vida se manifesta, o faz corporalmente. Portanto, não seria necessário chamar de inteligível alguma entidade misteriosa que se esconde no interior do corpo, sem se confundir com ele. Ou chamar de sensível apenas o corpo rude, carnal, suado, que se excita nas relações com o mundo e obedece aos comandos do espírito. (FREIRE, 1991, p. 33)

Em face do exposto, Freire (Ibid., p. 26) destacou que a nossa presença no mundo está vinculada à realidade corporal em virtude da nossa necessidade de locomoção. Para ele:

O corpo, inevitavelmente mortal, não está morto. E sem ele nada se pode fazer aqui onde habitamos. Somos locomotores. Diferentes dos vegetais que, onde

nascem, permanecem. Não conhecemos a fotossíntese. Somos seres motores, corpos locomotores.

As mentes não habitam cadáveres. O homem não é um zumbi inteligente. Nosso planeta é a Terra, onde não existe forma possível de expressão que não seja motora. Pela corporeidade existimos; pela motricidade nos humanizamos. A motricidade não é movimento qualquer, é expressão humana.

Freire (Ibid., p. 27) ainda afirmou⁵³:

Que neste nosso planeta qualquer manifestação é corporal. Porque o corpo é nossa realidade terrena. Uma realidade que se prova pela motricidade. Se há um sensível e um inteligível, um cérebro e um espírito, estão todos integrados numa mesma realidade. Nada significariam, sequer seriam, fora da totalidade que os integra.

Para reforçar esta ideia, dialogamos com Morin (1996, p. 81), asseverando que o “espírito não é nem

53 Criticando o dualismo cartesiano, Freire (1991, p. 27) procurou resgatar o valor do corpo na existência humana, exprimindo que “nosso dualismo peca pela raiz. Procurar compreender corpo separado de mente tem sido, na verdade, uma tentativa de afirmar a superioridade da mente, da alma, ou do espírito. Um reducionismo, típico de nossa tradição intelectual. Um furto do desejo de que o corpo seja inferior”.

um locatário nem proprietário do corpo. O corpo não é nem o hardware nem o servo do espírito. São ambos constitutivos de um ser individual dotado da qualidade do ser”. E Assmann (1995, p. 72) questionou quantos corpos já tivemos ao longo da história humana, como também retorquiu sobre a nossa imensa dificuldade de ser nosso corpo, porque já nos inculcaram de mil maneiras que temos tal ou qual corpo. Por isso, Assmann (Ibid., p. 72) apresentou variados corpos, como aquele que se caracterizou como um jardim fechado, que servia à morada de deuses e demônios, predominante no Ocidente, ou ainda como um corpo moderno, maleável, educável ou político, capaz de se tornar libertário ou anarquista, entre tantos outros corpos.

Fontanella (1995), discutindo sobre o dualismo entre corpo e alma, também deixou claro que essa ideia é muito antiga e que, na época moderna, tentou-se abolir sistematicamente a crença no espírito, atribuindo as funções que seriam suas ao elemento material. No entanto, esse autor afirmou que essas sistematizações não se popularizaram, ou seja, não foram adotadas pelos povos, pela gente simples. Ele disse que:

Popularmente, entre nós, as tentativas de provar a existência do espírito entre os adeptos do espiritismo têm tido mais êxito. Mas, evidentemente, se trata de chover no molhado. Só se convencem os

crentes. Mas os crentes já foram a totalidade da humanidade e quase o são ainda hoje. Hoje podemos afirmar o mesmo em relação ao povo e aos povos: todos são crentes. Lá ao longe, tentando sobressair da massa, há algumas exceções. (FONTANELLA, 1995, p. 7)

Na tentativa de explicar essa crença, Fontanella (Ibid., p. 8) mencionou que antes da alienação econômica e das condições de produção, os povos, as tribos, e os grupamentos humanos mais primitivos já acreditavam em Deus e no espírito humano. Nesse sentido, Kardec (1987a) também teve a preocupação de saber a origem do sentimento instintivo que todos os homens trazem da existência de Deus, até mesmo entre os selvagens, concluindo que:

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse tão somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que houvessem podido receber esse ensinamento, conforme se dá com as noções científicas. (KARDEC, 1987a, p. 52)

4.2 CORPO E ESPÍRITO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Em face do exposto, levantei essa discussão sobre o dualismo cartesiano por considerá-la ainda atual quando se debate a relação entre corpo e espírito. Contudo, a nossa intenção foi apresentar o enfoque oferecido pelas concepções da doutrina espírita acerca dessa relação. Nesse sentido, tornou-se objeto da nossa investigação saber como se apresentava a concepção de corpo e espírito nos postulados da doutrina espírita e qual a influência dualista nessa relação.

Para entender a relação entre corpo e espírito, julgamos necessário compreender o corpo físico como uma perfeita criação divina. Nesse entendimento, concordamos com a formulação apresentada por Jason de Camargo (2003, p. 56), que disse o seguinte:

O corpo físico representa uma das maiores obras de engenharia que o ser humano conhece. É um extraordinário universo constituído de partículas atômicas com suas múltiplas combinações, originando sistemas, órgãos, tecidos, células, moléculas e os demais campos energéticos que disso se originam. Tudo isso foi colocado à disposição do homem para que ele realizasse a sua viagem de aperfeiçoamento na Terra. O cuidado, por-

tanto, desse veículo precioso nos dará condições para realizarmos, sem sobresaltos, uma jornada altamente promissora nesta caminhada para o futuro.

Kardec (1996, p. 203), ao apresentar o homem corpóreo, confirmou a ideia de que o corpo do ser humano era semelhante ao corpo dos animais, com os mesmos órgãos, funções, nutrição, respiração e reprodução. Da mesma forma que os demais animais, ao morrer, os elementos constitutivos de organismo humano são restituídos à terra, dando origem a outros corpos minerais, vegetais e animais. Para Kardec, a semelhança era tão grande que muitas experiências são realizadas com certos animais porque não podem ser feitas com o ser humano.

À semelhança dessa ideia e na tentativa de compreender a natureza humana, Incontri (2003, p. 24) asseverou que o homem é um ser animal justamente pelo corpo, uma vez que “descende de espécies inferiores, sendo produto da lei da evolução, lei que se manifesta em todos os domínios da natureza física e espiritual”. Porém, a autora destacou que:

Essa afirmativa não rebaixa o homem em sua dignidade – como certos setores religiosos até hoje supõem. Ao invés, elevam-se os irracionais a nossos predecessores, a criaturas irmãs, menos adiantadas na escala da vida. (INCONTRI, 2003, p. 24)

°Essa ideia de ver os animais como irmãos também foi defendida por Chico Xavier (FERNANDES, 2008, p. 185), o qual nos informou que a condução e proteção desses seres era tarefa nossa.

No entanto, Kardec (1996, p. 212) destacou o espírito como aquilo que diferenciava o homem dos outros animais, afirmando que:

A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito⁵⁴, o homem nada tem que o distinga do animal...

[...] não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

Com essa afirmação, Kardec quis nos chamar atenção para o fato de que não era a origem do corpo que prejudicava o espírito. Nesse aspecto, percebemos claramente uma diferença entre essa concepção de corpo e espírito e a que foi defendida por Platão ou Descartes, se formos comparar tal ideia com a visão dualista. Platão e Descartes viam o corpo como detentor do pecado, de toda mácula capaz de manchar o espírito. Contra-pondo-se a essa ideia, Kardec demonstrou que o corpo não precisava ser mortificado para que a alma ou espírito pudesse expandir-se plenamente. Outro aspecto que mereceu ser destacado foi apontado por Xavier

54 Interessante observar que, a partir da visão espírita, o espírito começa a ser apresentado com letra inicial maiúscula.

(1948 p. 42), ao afirmar que o corpo não era a origem das imperfeições humanas, pois:

Podemos figurá-lo como casa terrestre, dentro da qual o espírito é dirigente, habitação essa que tomará as características boas ou más de seu possuidor.

Quando falamos em pecados da carne, podemos traduzir a expressão por faltas devidas à condição inferior do homem espiritual sobre o planeta.

Os desejos aviltantes, os impulsos deprimentes, a ingratidão, a má-fé, o traço do traidor, nunca foram da carne.

Um dos maiores absurdos de alguns discípulos é atribuir ao conjunto de células passivas, que servem ao homem, a paternidade dos crimes e desvios da Terra, quando sabemos que tudo procede do espírito.

Com essa afirmação, ficou demonstrado um equívoco ao se atribuir ao corpo a culpa pelos erros humanos, haja vista a dominação exercida pelo espírito sobre o corpo. Se o corpo é um instrumento do espírito, se este foi considerado o senhor que domina aquela casa, não se poderia atribuir à carne a fraqueza das

ações do ser humano. JTA (entrevista concedida em setembro de 2005), em sua fala, também confirmou essa ideia, afirmando que:

Eu já deixei claro que o espírito ele é quem deve orientar o corpo, porque não tem uma história que diz a carne é fraca, mas a carne é fraca porque o espírito já vem fraco também. Então o que acontece, se você tem as suas tendências negativas, do passado, introduz no corpo e o corpo passa, essas células, a sofrer a influência dessas coisas malévolas.

A esse respeito, Franco (1991, p. 29) também destacou que:

Por mais ásperas repontem as provocações, no curso incessante das horas, durante a vida física, o corpo não pode ser sacrificado em holocausto à revolta, como solução dos problemas que a invigilância arquitetou e que se manifestam como ímpios algozes.

Essas afirmações ofereceram um contraponto aos ideais cristãos de mortificar a carne a fim de purificar o espírito. Para Franco (Ibid.), constituía-se um dever mínimo amar o corpo e preservar-lhe as finalidades santificantes como degrau de ascensão e felicidade.

Por isso Kardec (1977, p. 126) nos alertou:

Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, pois que necessitais de todas as vossas forças para cumprirdes a vossa missão de trabalhar na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é contra- vir a lei de Deus, que vos dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio.

No entanto, alguns autores defenderam a ideia de que a dor educa, que nos possibilita ascender a um estágio de evolução maior, a exemplo de Carlos Pereira (2004), em uma palestra proferida na cidade de Recife, quando disse:

A dor precisa ser compreendida dentro de um processo educacional. A dor que não ensina não serve. A dor existe exatamente para dizer: tem algo que você precisa aprender. Há uma lição que você tem de adquirir do que você está passando. Se não aprendermos por conta da dor, que funciona como esse sinalizador, para essa autorreflexão, não serve.

A despeito de reconhecer os avanços pontuais no rumo dessa ascensão e felicidade através do trabalho

realizado na existência terrena, tendo em vista a maceiração do corpo, Kardec (1977, p. 296) escreveu sobre a importância de se cuidar da saúde e das enfermidades do corpo, pois este “influi de maneira muito importante sobre a alma, que cumpre se considere cativa da carne. Para que essa prisioneira viva se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar são, disposto, forte”. Portanto, há certa interdependência entre os dois elementos, necessitando-se da promoção do equilíbrio entre ambos.

Kardec (Ibid., p. 297) asseverou que esse equilíbrio tão necessário não é muito fácil, haja vista que, pelo menos, “dois sistemas se defrontam: o dos ascetas⁵⁵, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra”. Isso sem falar naqueles que são indiferentes, sem energia para amar e sóbrios no gozar. Para Kardec, esse problema ficaria sem solução se não fosse o espiritismo, o qual mostrou a relação entre o corpo e a alma, enfatizando a necessidade de se cuidar de ambos.

Apesar de a importância ser atribuída ao corpo e ao espírito, indistintamente, isso não isentou Kardec (1996, p. 211) de também diferenciar a constituição de um e de outro, certificando que:

55 Seguidores da ascese, que significa “exercício prático que leva à efetiva realização da virtude” (ASCESE, 2000, p. 66).

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital⁵⁶, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

O corpo, conseqüentemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito.

Da mesma forma que Descartes atribuiu à alma a natureza pensante, Kardec (1987a, p. 80) definiu os espíritos como “os seres inteligentes da criação. Povoam o universo fora do mundo material”. Nesse sentido, era o espírito que atribuía ao corpo a natureza inteligente, pensante, ou seja, o espírito intelectualizava a matéria.

Contudo, em virtude de corpo e alma possuírem constituições diferentes, Kardec fez referência a um terceiro elemento, responsável por unir a alma ao corpo, ou seja, o perispírito. De acordo com Kardec (Idem., p. 104), o perispírito é um laço

56 Kardec (1987a, p. 15) definiu o princípio vital como “o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem”.

Semimaterial, isto é, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.

Também buscando conceituar o perispírito, AFS (entrevista concedida em setembro de 2005) afirmou que:

Nós dividimos corpo e espírito, porque o corpo é o corpo material e o corpo espiritual chamamos perispírito. É um corpo idêntico ao nosso corpo material que o espírito ao a gente morrer, ele se apodera deste corpo perispírito e se apresenta nos cantos quando tem a permissão, aparece como que seja o corpo daquela pessoa material, o corpo de carne, o corpo físico.

Além de servir como elemento intermediário entre o espírito e o corpo, Jason de Camargo (2003, p. 33) ainda atribuiu ao perispírito a função de atuar “na formação do corpo físico durante o período de gestação, bem como lhe fornece elementos vitais durante a existência do corpo físico”, ou seja, é o perispírito quem dá a forma física que o corpo tem, apresentando uma estrutura semelhante. Segundo Camargo (Ibid., p. 33), o perispírito:

Tem, no geral, sua forma física, só que em outra frequência vibratória. Possui, então, pernas, braços e os demais adereços e órgãos orgânicos. Poderá se apresentar sob a forma que deseja (alto, baixo, com esta ou aquela roupa, etc.) ou como seus automatismos mentais o designarem (com ou sem deformações diversas). Ele poderá estar tão densificado (sem brilho) ou tão etéreo (iluminado e irradiando luz), dependendo de suas condições espirituais.

Portanto, o homem é formado por três elementos essenciais: o corpo, a alma e o perispírito. Esquematizando essa formação tríplice do ser humano, Pereira (1991, p. 131) apresentou o seguinte resumo:

Esse composto poderá também ser traduzido em expressão mais concreta e popular, [...] corpo carnal, corpo fluidico ou perispírito, e alma ou Espírito, sendo que do último é que se irradiam Vida, Inteligência, Sentimento, etc., etc., – centelha onde se verifica a essência divina e que no homem assinala a hereditariedade terrestre! Desses três corpos, o primeiro é temporário, obedecendo apenas à necessidade das circunstâncias inalienáveis que contornam o seu possuidor,

fadado à desorganização total por sua própria natureza putrescível, é o de carne. O segundo é imortal e tende a progredir [...] através dos trabalhos incessantes nas lutas dos milênios: – é o fluidico; ao passo que o Espírito, eterno como a origem da qual provém, [...] é a essência divina, imagem e semelhança do Todo-Poderoso Deus!

A respeito dessa herança divina, também encontramos respaldo no pensamento de Descartes (1991b, p. 48, 50), quando disse:

Dado que conhecia algumas perfeições que não possuía, eu não era o único ser que existia; mas que devia necessariamente haver algum outro mais perfeito, do qual eu dependesse e de quem eu tivesse recebido tudo o que possuía.

[...] as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, não é certo senão porque Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós nos vem dele.

Uma das entrevistadas, MJA (entrevista concedida em setembro de 2005), também asseverou que somos herdeiros de Deus nos seguintes termos:

Todos nós somos filhos do Ser Perfeito. Um ser perfeito não ia criar alguém imperfeito. Nós temos a perfeição embotada dentro de nós, todas as virtudes nossas estão embotadas em nós. E aí tá a grandeza, a grandiosidade do Pai, né. Com essa semente nós vamos burilá-la e burilando-as cada uma dessas virtudes, estamos crescendo e nos educando, e um dia seremos felizes, verdadeiramente.

Diante do esquema colocado acima, o corpo não poderia ser visto apenas como envoltório do espírito, mas também como um instrumento através do qual o espírito busca aperfeiçoar-se cada vez mais. Segundo Kardec (1996, p. 218), “normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir”, quer dizer, através das dificuldades enfrentadas na existência corporal, o espírito encontraria os meios de depurar-se. Conforme as elucidações de Kardec (1987a, p. 132), os espíritos:

Se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem; porém, somente ao cabo de mais ou menos longo tempo, conforme os esforços que empreguem; somente após muitas encarnações ou depurações sucessivas, atingem a finalidade para que tendem.

[...] Teu Espírito é tudo; teu corpo é simples veste que apodrece: eis tudo.

Compreendendo o alcance dessa assertiva, uma questão mostrou-se crucial no entendimento dessa relação entre corpo e espírito, qual seja, que o corpo representava uma prisão para a alma. A esse respeito, Incontri (2003, p. 28) destacou que o “homem é um ser livre, pois não haveria nenhum vestígio de moralidade no universo, se a criatura não tivesse liberdade de escolha”. No entanto, ela ponderou que essa liberdade⁵⁷ da alma apresentava-se condicionada pelos seguintes aspectos:

Pelo seu grau evolutivo. Quanto mais espiritualizado, e menos escravizado ao impulso cego dos instintos, menos vulnerável às paixões e mais livre para comandar seu destino positivamente, conquistando por sua evolução, sempre maior grau de liberdade.

Pelo seu corpo. Qualquer que seja o grau de evolução do Espírito encarnado, enquanto na matéria, ele sofre uma restrição de sua lucidez e de suas faculdades, muito mais amplas fora da carne. (Ibid., p. 28)

57 A liberdade está contida entre as dez leis morais apresentadas por Kardec. Para um maior aprofundamento, ver Kardec (1987a, p. 383).

A título de comparação, a respeito do grau evolutivo como um condicionante da nossa liberdade, pudemos afirmar que uma criança possui um limite para sua liberdade menor do que uma pessoa adulta – e o mesmo acontece com os espíritos menos evoluídos. Da mesma maneira ocorre com o espírito encarnado, que tem suas faculdades restringidas pelos limites do corpo material, mas este não representa uma prisão. Incontri (Ibid., p. 29) justificou essa ideia apresentando-nos o conceito de ser “interexistente”:

Porque o homem é um Espírito encarnado, sua existência na Terra é uma interexistência – ele existe ao mesmo tempo em dois planos, o físico e o espiritual. O instrumento de manifestação no plano físico é o corpo carnal e no plano espiritual é o perispírito. O sono demonstra essa interexistência [...].

Mesmo no estado de vigília, o Espírito não está trancado no corpo, ele se expande além dos limites físicos. Exala vibrações, emite formas-pensamentos⁵⁸ [...]. Todos temos uma atmosfera psíquica, emanada de nós próprios.

58 Essa discussão sobre as formas-pensamentos foi bem apresentada por Kardec (1996, p. 281) ao discorrer sobre as criações fluídicas e fotografia do pensamento, como também por Nobre (1997, p. 197) quando apresentou o conceito de ideoplastia, ou seja, o estudo da modelagem do pensamento.

Esse exemplo do sono oferecido por Incontri também já foi citado por Durkheim (2000) quando este fez referência à autonomia da alma durante os sonhos. Ainda oferecendo subsídios para nossa reflexão sobre a concepção de que o corpo representava uma prisão para a alma, o poeta Antero de Quental, citado por Xavier (1979b, p. 174), escreveu o seguinte poema:

ALMA E CORPO

Disse a Alma, chorando, ao Corpo aflito:
– Por que me prendes, triste barro escuro,
Se busco o Espaço imenso, se procuro
O império resplendente do Infinito?

Por que me deste a dor por sambenito
No caminho terrestre áspero e duro?
Por que me algemas a sinistro muro,
O coração cansado, ermo e proscrito?

Mas o corpo exclamou: – Cala-te e ama!
Eu sou, na Terra, a cruz de cinza e lama
Que te serve de ninho, templo e grade...

Mas dos meus braços partirás, um dia,
Para a glória celeste da alegria,
Nos castelos de luz da eternidade!...

Sua linguagem poética possibilitou-nos refletir sobre as oportunidades que a existência corporal oferece à alma, apesar de prendê-la, momentaneamente, evitando alçar voos mais altos rumo ao espaço infinito. Embora estejamos, muitas vezes, submetidos às dores físicas na existência terrena, o poeta nos despertou para o amor, caminho viável para se alcançar as glórias celestiais e eternas. No entanto, era necessário não esquecer que, mesmo liberto da carne, o espírito não poderia ser considerado totalmente puro, conforme alerta feito por Xavier (1984, p. 126):

Nossos amigos encarnados muitas vezes acreditam que somos meros adivinhos e, pelo simples fato de nos conservarmos fora da carne, admitem que já somos senhores de sublimes dons divinatórios, esquecidos de que o esforço próprio, com o trabalho legítimo, é uma lei para todos os planos evolutivos.

Em face desse fenômeno da desencarnação, ou seja, da morte, do desligamento do veículo físico, Kardec (1996, p. 215) destacou que “não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito”. Nesse ponto, a ideia assemelhou-se à ideia cartesiana de que a alma só deixava o corpo quando cessava a vida⁵⁹. Em contrapartida a

⁵⁹ Nesse sentido, destacamos a dificuldade de desprendimento do espírito de seu corpo físico, nos casos de mortes súbitas, provocadas por

esse pensamento, RGL (entrevista concedida em setembro de 2005) afirmou que: “na hora que o espírito se desliga do corpo, o corpo cai, morre. Então existe uma ligação, o corpo só tem vida enquanto ele tá animado pelo espírito, logo que o espírito deixa esse corpo, ele deixa de ter a vida”.

Portanto, não era a ausência da matéria que determinava a pureza ou impureza de um espírito, mas o seu esforço e perseverança no bem. E todos os espíritos estavam submetidos à lei de evolução e, de acordo com sua vontade, poderiam atingir o progresso mais ou menos rápido. Segundo Kardec (1987b, p. 30):

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, conseqüentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores.

Esse entendimento de que fomos criados simples e ignorantes não deveria ser visto como negativo, porém representou um ponto de partida para se alcançar o aperfeiçoamento moral. De qualquer forma, há uma aspiração a se desenvolver, pois não pretendemos continuar na simplicidade e na ignorância, mas

acidentes ou suicídios, haja vista a existência do princípio vital, responsável pela vida biológica.

queremos desenvolver a inteligência e a moralidade.

Apesar de haver uma aproximação entre o pensamento cartesiano e a visão espírita da morte, há um aspecto de diferenciação, pois Descartes (1991b) não reconhecia que a alma movimentava o corpo, haja vista a sua concepção de que o é corpo semelhante à máquina. Kardec (1996, p. 210), ao contrário, argumentou que:

Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela [...]. Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento de trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

Dada a importância do corpo durante a existência física, Freire (1991, p. 29) propôs que o corpo mantivesse o seu status de humano aqui na Terra, deixando de pensar no fenômeno da morte:

Eu também, como todos os mortais humanos, gostaria de escapar à morte, mas não pretendo fazê-lo à custa de minha realidade corporal. Prefiro viver exausti-

vamente minha realidade terrena. Cresci com as respostas da igreja, da escola e da minha casa; que não eram respostas. Não deixei de ser corpo por causa delas. Quero o status de humano para o corpo, meu eu definitivo e não minha morada provisória. Penso às vezes que seria bom colocar temporariamente em suspensão o céu, até que possamos aprender a viver na nossa morada terrena. O que veio antes ou virá depois tem que ser pensado em outras circunstâncias, em outro sistema, com outros referenciais. O que veio antes ou virá depois já não serei eu. Minha realidade se completa aqui. (FREIRE, 1991, p. 29)

Apesar de discordarmos de sua visão materialista, não podemos deixar de concordar, pelo menos em parte, com essa concepção apresentada por Freire de valorização do corpo, em virtude da nossa estada na Terra. Nesse sentido, Alberto Almeida (2005) apresentou um ponto de vista diferente em uma palestra proferida em Campina Grande, dizendo que precisávamos nos conformar diante do fenômeno da morte dos parentes e amigos, porque ali não estaria mais nosso ente querido, mas apenas o corpo, que lhe serviu de experiência, de “indumentária física”. Em outros termos, Almeida fez referência a uma “desidentificação” com o corpo. Esclarecendo sobre esse termo, Camargo escreveu:

Um dos itens de maior identificação do indivíduo é com o seu próprio corpo. Estamos tão condicionados a ele, que nos esquecemos de seu real comandante, que é o espírito. É comum utilizarmos expressões como “Eu estou cansado” ou “Eu estou com dor de dente”, etc., quando, na realidade, quem está cansado e com dor de dente é o corpo e não o EU (espírito). [...]

É o condicionamento de uma vida inteira ao corpo físico. Vemos e ouvimos através dele, caminhamos utilizando suas pernas e falamos através de sua boca. Isso tudo identifica de tal forma o espírito com o corpo, **que a pessoa passa a ser, então, o corpo e não a alma.** (CAMARGO, J., 2003, p. 150, grifos do autor)

Dessa forma, a pessoa passava a ser seu corpo, sentindo muito todas as doenças e perdas de parentes. Nessa perspectiva, Xavier (1987, p. 137) propôs outro chamamento, dessa vez para os poderes do espírito, dizendo que os homens precisavam reconhecer a soberania do espírito sobre a matéria, e que:

Toda a imensa bagagem de progresso das civilizações não se fez sem o princípio espiritual: dele, as menores coisas depen-

deram, como ainda dependem; do seu reconhecimento, por parte de quantos habitam o orbe, advirão os resplendores da época de luz e de esclarecimento.

Contudo, precisamos reconhecer que o espírito só poderia atuar ou construir patrimônios visíveis à humanidade na Terra através de um corpo. Como o exemplo de Sócrates, com seus ensinamentos filosóficos: ele não teria conseguido se não fosse o auxílio da boca. Da mesma forma, Miguel Ângelo, com suas obras-primas, precisou dos braços. Desde Colombo, arriscando-se para descobrir terras novas, ou os astronautas, todos precisaram dos órgãos físicos nessa condução. Tudo é levado a efeito efetivamente pelo espírito, porém, por intermédio do corpo (Cf. XAVIER, 1979a, p. 50).

Talvez por essa importância dada ao corpo ou ao espírito que tantas críticas foram feitas ao dualismo cartesiano, numa tentativa de propor um equilíbrio entre ambos. Esse aspecto tornou-se melhor evidenciado nos processos educativos, a ponto de existir uma educação física, a qual, claramente, objetivava educar o corpo⁶⁰ – embora na atualidade estejam sendo discutidas outras concepções teóricas para a prática dessa disciplina, de forma a não negligenciar o corpo a um segundo plano, a exemplo dos estudos realizados por Nóbrega (2000), Assmann (1995), entre outros. Diante

60 Para um melhor detalhamento dessa questão, existe uma vasta bibliografia. Apenas para situar o leitor, mencionamos: Le Boulch (1987), Medina (1989), Freire (1991), Moreira (1992), Freire (1994), entre outros.

desse fato, como pensar uma educação para o corpo e para a alma?

Em busca de uma educação integral, ou seja, aquela que leva em consideração todas as dimensões do ser humano, Pires (1990, p. 126) apresentou um esboço geral para uma “pedagogia espírita”, ou seja, aquela que deveria estar fundamentada em bases históricas, científicas, religiosas, filosóficas e estéticas⁶¹. Neste estudo existiu a preocupação de se tentar compreender como se concretizava a educação do corpo e do espírito. Assim, chamamos atenção para as bases práticas que deveriam fundamentar a pedagogia espírita proposta por Pires (1990, p. 129), colocada nos seguintes termos:

As bases práticas da Pedagogia Espírita se referem às formas educativas de sentido utilitário: a Educação Física, a Educação Corporal, a Educação Sexual, a Educação Profissional e assim por diante. As bases práticas da Pedagogia Espírita, para essas múltiplas formas de Educação, não podem restringir-se ao aspecto formal dessas disciplinas pedagógicas. Em todos esses campos há conotações com os problemas do espírito, pois este constitui o fundamento de todas as atividades humanas.

61 Para um maior aprofundamento sobre essas bases, ver Pires (1990, p. 126).

Interessou-me saber como se dava uma educação para o corpo, baseada em práticas educativas que não estivessem restritas ao aspecto formal, porém que levassem em consideração os problemas do espírito, tendo em vista que esse aspecto estava envolvido na preparação do indivíduo para a vida prática. Nesse sentido, tivemos a preocupação de compreender como se daria a educação do corpo e do espírito, sem a pretensão de definir uma e outra, mas sim de buscar elementos de respostas ou, antes, de pistas para essa e outras questões.

4.3 EDUCAÇÃO DO CORPO OU DO ESPÍRITO?

Em face desse questionamento e tentando superar a visão mecanicista do corpo, Assmann (1995, p. 77) propôs um repensar da educação a partir da corporeidade, afirmando que:

A Corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que perpassa tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa.

Ainda sobre o conceito de corporeidade, Santin (1996, p. 92) ofereceu uma definição bastante clara, afirmando que ela (a corporeidade) “precisa ser a expressão da realidade corporal, e não o discurso de um sujeito pensante sobre o corpo. A corporeidade precisa falar o corpo”. Para o autor (Ibid., p. 96):

A corporeidade é a condição humana, ou seja, o modo de ser do homem. [...] A corporeidade se estende para além dos limites da física e da biologia. Ela alcança a esfera da consciência e do espírito; e, é bom lembrar, não exclui as possibilidades da transcendência, conforme a exigência da fé religiosa. O que se pretende expor aqui é a não aceitação de um corpo como recipiente de uma consciência ou de um espírito, mas entendê-lo dentro de um processo evolutivo cujo resultado é a compreensão de um corpo conscientizado e, até, espiritualizado.

Mas Santin chamou nossa atenção para o fato de que hoje se pode e se deve argumentar essa posição, sem excessivos receios de estar caindo num “bio-fisicalismo” grosseiramente materialista, pois os estudiosos e os profissionais da corporeidade têm contribuições decisivas para o campo educacional. Para tanto, era necessária uma visão antidualista da corporeidade no centro do debate educacional. Assmann (1995, p. 113) defendeu que:

O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Em outras palavras: somente uma teoria da Corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica.

Nesse entendimento, há um preceito expresso na expressão latina *mens sana in corpore sano*, ou seja, para um corpo sadio, a mente também precisaria estar sadia. Essa compreensão nos remeteu ao que Boff (2001) referenciou sobre a fragilidade do nosso corpo, pois:

Através do corpo se mostra a fragilidade humana. A vida corporal é mortal. Ela vai perdendo seu capital energético, seus equilíbrios, adoece e finalmente morre. A morte não vem no fim da vida, começará no seu primeiro momento. Vamos morrendo, lentamente, até acabar de morrer. A aceitação da mortalidade da vida nos faz entender de forma diferente a saúde e a doença.

Quem é são pode ficar doente. A doença significa um dano à totalidade da existência.

A doença remete à saúde. Toda cura deve reintegrar as dimensões da vida sã,

no nível pessoal, social e no fundamental que diz respeito ao sentido supremo da existência e do universo. Por isso o primeiro passo consiste em reforçar a dimensão-saúde para que cure a dimensão doença.

Esse preceito da “mente sã num corpo são” também serviu de inspiração na fala de alguns entrevistados:

E ao mesmo tempo que você tiver alguma doença, alguma coisa relacionada às questões orgânicas, você saber como sobressair disso. Sem uma questão de você: Ai meu Deus, eu vou morrer, eu vou desencarnar, de repente, no lugar de você melhorar, não, você piora, questão até psicológica, mente sã, corpo são. (RMSJ. Entrevista concedida em setembro de 2005)

[...] porque, hoje, a ciência faz um estudo da psicossomatização, do próprio pensamento das criaturas, ele vai absorvendo no seu psiquismo, vai somatizando, você vê que a matéria é um estado etéreo, quando o elemento pensa é matéria e essa matéria ela pode se condensar a ponto de se formar como um tumor. O que são os tumores? Muitas vezes, um

pensamento de ódio, de raiva, de ressentimento, nesse teor, apenas uma energia, uma energia que ela tem a sua dosagem material nesse aspecto, é invisível, mas chega um ponto que ela pode se condensar e se apresenta como a forma de uma úlcera, de um tumor. (MAGP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Essa afirmação nos ajudou a reforçar a dimensão do conceito de saudável, destacando que, para a Organização Mundial da Saúde, a saúde implica um bem-estar psicológico, orgânico, social e espiritual, ou seja, a saúde na sua totalidade, abrangendo todas as dimensões humanas. Mas o que estamos fazendo com a nossa saúde? De qual maneira estamos cuidando do nosso corpo para mantê-lo saudável? Estamos nesse processo de busca permanente de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana. Dessa forma, Boff (2001) acrescentou:

Que significa cuidar de nosso corpo? [...] Implica cuidar da vida que o anima, cuidar do conjunto das relações com a realidade circundante, relações essas que passam pela higiene, pela alimentação, pelo ar que respiramos, pela forma como nos vestimos, pela maneira como organizamos nossa casa e nos situamos dentro de um determinado espaço ecológico.

Segundo Boff (2001), foi neste contexto integrador do cuidado total com o ser humano que o poeta Décio Júnior Juvenal (60-130 d.C.) escreveu o famoso verso criticando os excessos na culinária dos romanos: “Deve-se buscar uma mente sã num corpo são”, do latim “Orandum est mens sana in corpore sano” (JUVENAL, 1950, p. 356). Muitas academias de ginástica incorporaram esse lema, enfatizando a exuberância muscular e quase sempre se esquecendo da dimensão espiritual, da mente.

Sobre este aspecto do cuidado com o corpo, Xavier (1991, p. 81) nos esclareceu que, para o corpo, as atividades físicas poderiam constituir um poderoso meio de edificar a saúde física, desde que “o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte” em palco de violência, de perda da moral e de exagerada melhoria da raça humana, “desviando de suas nobres finalidades um dos grandes movimentos coletivos em favor da confraternização e da saúde”. Para a mentalidade sadia, Xavier (Ibid., p. 81) asseverou que essa realidade só será possível “quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma”.

Mas como educar o corpo para esse propósito? Essa questão nos fez refletir sobre o que Xavier (1998, p. 327) alertou a respeito dos abusos da alimentação, da higiene, da temperança, da medicina preventiva e da disciplina, enfatizando que:

Alguns superlotam o vaso sagrado (corpo) com bebidas tóxicas e estonteantes, transformam-no outros em máquina da gula carniceira, quando o não despedaçam nos choques do prazer delituoso. [...]

O melhor pai terrestre não conseguirá preservar o vaso dos filhos, senão transmitindo-lhes as diretrizes do reto proceder. Fora, pois, da lição da palavra e do exemplo, é imprescindível reconhecer que cada criatura deve saber possuir o próprio vaso em santificação e honra para Deus.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Vieira (1985, p. 119) apresentou uma série de condutas que devem ser adotadas quanto ao corpo, destacando o cultivo da higiene pessoal como sustento do instrumento físico, pois “o corpo é o primeiro empréstimo recebido pelo Espírito trazido à carne”, nessa busca do aperfeiçoamento moral. Além disso, defendeu a prevenção contra tóxicos e uso de drogas que viciam a constituição fisiológica natural do organismo, como também incentivou a fuga dos excessos na alimentação, especialmente de alimentos condimentados e excitantes. Recomendou que evitássemos os excessos superiores à própria resistência, a fim de não manifestar emoções que criam depressões catastróficas, e também aconselhou a respiração ao ar livre, cuidando para não se

prender à adoração do próprio corpo. Interessante observar seu último conselho, referente a não “desprezar o vaso corpóreo de que dispõe, por mais torturado que ele seja” (Ibid., p. 121).

A respeito do desprezo dado ao corpo, por este apresentar alguma deficiência, Espinosa (1979, p. 273) lembrou-nos de que era necessário conservar o corpo, pois:

A utilidade que nós tiramos das coisas que estão fora de nós, além da experiência e do conhecimento que nós adquirimos pelo fato de as observarmos e por nós as mudarmos de certas formas neutras, consiste principalmente na conservação do corpo; e, por esta razão, são-nos primeiro que tudo úteis aquelas coisas que podem alimentar e nutrir o corpo de tal maneira que todas as suas partes possam desempenhar corretamente a sua missão. É que, quanto mais apto é o corpo para poder ser afetado de vários modos [...], tanto mais a alma é apta para pensar.

Essa ideia poderia ser reforçada pelo fato de a doutrina espírita argumentar que cada espírito renasce com o corpo merecido, o qual foi planejado para ser conforme as suas demandas, seja um corpo com necessidades especiais ou não. Essa concepção foi con-

firmada por ZAP (entrevista concedida em setembro de 2005), quando disse:

Então enquanto estamos no corpo, nós necessitamos dele para nos servir e até para nos reajustarmos de acordo com a lei, de acordo com a lei de Deus, o corpo é um instrumento de trabalho para que o espírito se adeque às leis de Deus, e ele muitas vezes, contraria e muitas vezes vem em corpos diferentes, em corpos com defeitos, em corpos com deficiências, mas passado aquele tempo, naquela época, naquele tempo que ele veio para usar aquele corpo, ele volta como um espírito reajustado, retomando novos corpos e novas oportunidades que nós temos por reencarnação, muito bem aceito pela doutrina espírita.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, de que um corpo deficiente representava o ressarcimento de faltas devidas, MRAM (entrevista concedida em setembro de 2005) disse que:

Nós não conseguimos em existências anteriores, aí aqui, no processo reencarnatório, a gente utiliza o corpo físico e às vezes, vem, através, assim, no processo de mudança, vem com determinadas

provas, vamos dizer, até mutilações do próprio corpo, mas que servem de exemplos pra o espírito, que quando vem com este corpo, mas que serve desta relação maior pra que a gente encontre Deus em si e possamos crescer, possamos assim, entender que amanhã, estaremos libertos, estaremos livres.

No entanto, acreditei que nem sempre recebemos um corpo deficiente devido a um pecado ou a falta cometida que precisa ser resgatada. Para ilustrar esse pensamento, durante uma entrevista dada a Portela (2002, p. 3), comentando sobre os filhos que nasciam com deficiências físicas ou mentais, Nancy Puhlmann, mãe de filhos com síndrome de Down, afirmou: “nós não aprendemos ainda a imitar a misericórdia divina. Nós, espíritas, devemos repensar a grandiosidade da lei de causa e efeito. A ideia de que a lei de causa e efeito é desses espíritos, através dessas encarnações limitadoras”. Nesse momento, foi interrompida por Chico Xavier, que advertiu o seguinte:

Nancy, lembre-se que entre eles também estão os pequenos Cristos. Aqueles que reencarnam sem necessidade de resgate, para renunciarem a favor do Amor, como Jesus. Eles nascem com deficiências para que os pais que eles amam se levantem, para que a ciência progrida,

para que o mundo os olhe e perceba o exemplo. Por isso, não julgue!

Em se tratando de cuidar do corpo ou desprezã-lo, Almeida (2005) afirmou que o ser humano possui uma complexidade imensa, assumindo dimensões de características relevantes na existência do Ser. Nesse sentido, o autor observou que algumas pessoas priorizam uma dimensão corpórea, valorizando “prioritariamente o corpo e fazendo do corpo o foco do seu caminhar”. Dentre essas pessoas, Almeida apresentou duas experiências extremas, “cuja fixação naturalmente traz transtornos, equívocos e dores irremediáveis, às vezes, remediáveis outras vezes, mas todas elas necessariamente dolorosas”. Segundo Almeida (2005), de um lado, há

Aqueles que, buscando seu processo de realização, olham para o seu corpo como um obstáculo de integração cósmica com a progenitura divina, com o Criador. Estabelece uma relação com o seu corpo mortificadora. Tem em seu corpo uma relação de descaso, de abandono, em função das possibilidades do desejo, do gozo. Encontram no corpo um processo de distanciamento da divindade ou de perigo para acessá-la e tratam o corpo com desdém. Utilizam, muitas vezes, o mecanismo de maltratá-lo, não cuidar

dele, desprezá-lo, [...] porque desprestigiavam a indumentária corpórea, desqualificam as energias orgânicas.

Essas pessoas acreditavam que a única possibilidade de se aproximar de Deus era através do sacrifício corporal, pois o corpo era visto como símbolo do pecado, impedindo-nos de chegar ao Criador por ser objeto de desejo, conforme acepções anteriormente apresentadas. Mas Almeida (2005) apresentou o outro extremo, sendo esse mais frequente, ou seja, o das pessoas que

Se colocam numa posição de olhar o corpo como o seu instrumento-fim da existência, não observam o corpo como uma estratégia, meio, como uma vestimenta intermediária para que o Ser que transcende o corpo e é maior do que o corpo valha-se dele para fazer o seu processo evolutivo. São pessoas que se identificam com o corpo. São pessoas que fazem da sua relação com o corpo uma relação de apego, cultuam o corpo, vivem em função do corpo. São aquelas pessoas que, quando o corpo apresenta a mínima alteração, apressam-se em corrigi-la, notadamente no campo da estética.

Para Almeida, essas pessoas tentavam driblar até mesmo o processo natural do envelhecimento, visto

por elas como um inimigo. Assim, recorriam a cirurgias plásticas, aplicações de Botox ou silicones, tornando-se cada vez mais artificiais. Em alguns casos, preocupavam-se com a saúde orgânica, porém o mais comum era ocupar-se da beleza, numa fixação exagerada. Externamente apresentavam-se belas, na sua aparência; não percebiam que seu interior continuava o mesmo e que o coração, os pulmões e outros órgãos denunciavam a idade real. Por isso, o palestrante destacou o ponto de vista da doutrina espírita, pelo seu olhar diferente em relação ao corpo:

Olhando para uma atitude de cuidado com o corpo, nem a mortificação nem a cultuação ao corpo. O corpo não é obstáculo a nossa identificação com o Criador, tampouco ele não é nosso objeto-fim ou sujeito-fim da nossa existência. O corpo é apenas uma intermediação, uma veste transitória, espetacular. Um templo no qual eu habito por um tempo, transitoriamente me locomovendo na vida, valendo-me dele. E quando ele não me dá mais conta, depois de cuidar dele, de dar-lhe remédio, alimento, repouso, cuidado, fisioterapia e outras atividades, e até plástica quando necessária, eu cedo para que ele, devolvendo-o para a alfaiataria da vida, eu devolvo esta minha vestimenta e continuo ca-

minhando na direção do infinito. (ALMEIDA, 2005)

Esse entendimento oferecido pela doutrina espírita permitiu-nos uma postura de amorosidade, conforme a explanação de Almeida (2005):

E nessa postura de amorosidade, de compreensão, faz-me distanciar do conhecimento que às vezes é apenas periférico, e faz-nos nos identificar com o corpo, achando que ele é a gente ou então daquele que faz do corpo um instrumento pecaminoso e que nos impede de chegar ao Criador, como se nos impedisse porque é objeto do desejo, é objeto da queda no pecado.

Diante desses fatos, tornou-se oportuno lembrar a necessidade de também buscarmos a educação do espírito. Nesse ponto, Kardec (1987a, p. 331) fez um comentário bastante pertinente sobre tal tipo de educação, colocando-a como o único elemento capaz de solucionar os problemas econômicos da humanidade, que seria

Não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres,

à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. (KARDEC, 1987a, p. 331)

Nesse ponto, Kardec estava distinguindo os conceitos de educação e instrução. Essa distinção também foi feita por Pedro de Camargo (1982, p. 63) nos seguintes termos:

É preciso não confundir instrução com educação. A educação abrange a instrução, mas pode haver instrução desacompanhada de educação.

A instrução relaciona-se com o intelecto: a educação com o caráter. Instruir é ilustrar a mente com certa soma de conhecimentos sobre um ou vários ramos científicos. Educar é desenvolver os poderes do espírito, não só na aquisição do saber, como especialmente na formação e consolidação do caráter.

Portanto, a instrução relaciona-se à aquisição dos conhecimentos de determinada disciplina, ao passo que a educação faz desabrochar as potencialidades do espírito. Exemplificando a diferença entre a educação e a instrução, Guba (2005) disse que “o homem apenas instruído constrói a bomba atômica que mata gente. Mas se o homem que foi instruído ele também for

educado, ele constrói a bomba de cobalto que mata o câncer e salva pessoas”. O fato de ter conhecimento não faz do ser humano um sábio, “porque a sabedoria se adquire pela experiência e instrução qualquer um pode ter, só é ler, mas a sabedoria não, e é um grau que precisa ter educação” (GUBA, 2005).

Uma vez colocado esse entendimento, compartilhamos com a ideia rousseauniana de que o ser humano traz latente em sua alma todas as potencialidades. Ele começou a obra *Emílio* afirmando que “tudo está certo ao sair das mãos do Criador” (ROSSEAU, 1995, p. 541). Para Rousseau, os homens nasciam bons e puros, pois Deus é bondade e é pureza. E na qualidade de filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança, não poderíamos trazer a maldade entranhada em nós. Por isso o alerta feito por Pedro de Camargo (1982, p. 45): “o homem é obra inacabada. Entre obra inacabada e obra defeituosa vai um abismo de distância”. Inacabamento esse tão bem explicitado por Freire (1996, p. 55): “é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”.

Rousseau (1995), ao se referir à educação, afirmou que ela começava ao nascer, através do cuidar (alimentação, proteção, vestimenta). Mas o filósofo dizia ser preciso educar para a vida, pois apenas cuidar não era suficiente. Era necessário, também, disciplinar o indivíduo para que ele pudesse se adaptar à sociedade. Para Rousseau, a sociedade gera outras necessidades além das naturais, e isso levava o ser humano para o caminho do mal. Rousseau acreditava que todos somos

bons e iguais, pois tudo é perfeito na obra de Deus, porém a sociedade gerava desigualdades. O homem, ao entrar nas relações sociais do mundo, sofria a queda na maldade e na impureza. Além do cuidado e da disciplina, a instrução representava outro elemento da educação – era preciso tornar o homem num ser que sente e que faz uso da sua razão para agir.

Resumindo, Portasio (2002, p. 27) asseverou que “educar-se significa, em última análise, conduzir-se por si mesmo, isto é, libertar-se tanto quanto possível das influências externas”. Para ele, “o trabalho educativo é do próprio indivíduo, pois que o Espírito, criado simples e ignorante, tem o dever de desenvolver suas potencialidades pelo seu esforço e não o de outrem” (Ibid.). Portasio ainda disse que “a educação do Espírito, em última análise, implica no seu amadurecimento, na sua elevação moral, na sublimação dos seus sentimentos, na sua transcendência”. Esse processo teve início quando o espírito ingressou na humanidade e termina quando se libertar definitivamente das encarnações, não necessitando mais se ligar a um corpo material.

Sobre a necessidade da encarnação para o espírito, com vistas ao seu aprendizado, Portasio (2002, p. 35) comentou que:

A existência apresenta empecos, que constituem indiscutíveis recursos pedagógicos em prol do Espírito. A vida na matéria inicia-se com a ligação do espí-

rito ao corpo, segundo as leis e as forças da Natureza. [...] É assim que seu aprendizado se amplia, através das vivências que lhe são inerentes. A encarnação é método pedagógico de profundidade na longa caminhada evolutiva do Espírito. Por isso, dizia o Mestre a Nicodemos: É necessário nascer de novo.

Foi interessante perceber que esse aprendizado, tanto instrutivo quanto educativo, era cumulativo, ou seja, não se perdia, conforme as asserções de Pedro de Camargo (1982, p. 22):

O patrimônio científico, como o moral, é sempre resultado da educação. A sementeira do bem e da verdade, do amor e da justiça, nunca se perde. Sua germinação pode ser imediata ou remota, porém jamais falhará. A obra da redenção humana é obra de educação.

Como somos espíritos eternos, temos o tempo a nosso favor, na certeza de que esse aprendizado não será perdido; por isso a necessidade de buscar educação constantemente.

Mas, diante dessa busca contínua, Almeida (2005) fez referência às pessoas que, ao invés de se identificarem com o corpo ou com o processo educativo no sentido do equilíbrio,

São homens e mulheres pragmáticos, pragmáticas, que fazem da ação no mundo o seu jeito de se colocarem. Nessa perspectiva, nós observamos aqui e acolá as pessoas fazedoras, que ora se colocando no mundo, resvalam para o extremo e se colocam como ativistas pura e simplesmente, fazedores contumazes, fazem simplesmente ação sobre ação.

Noutra perspectiva há aqueles que, na relação com a ação, assumem uma posição de inércia e se cristalizam numa atitude de inatividade, que experimentam a contemplação, fazendo dela uma tentativa de felicidade.

Ambas essas posições são extremadas, pois é necessário empreendermos ações que permitam nossa educação. No entanto, essa ação não pode ser maquinal, por isso Almeida (Ibid.) destacou que:

Aquele que é o ativista, que se lança para uma ação de fazer numa pretensa, às vezes, conexão com Deus, de realizar, de fazer da sua ação um movimento de integração cósmica, ele sofre, porque age pura e simplesmente e não inclui o processo da reflexão, o que o ajudaria numa melhor ação.

E no outro extremo, encontram-se os totalmente inativos, os quais, segundo Almeida (Ibid.),

Tentam uma conexão com o Criador através do movimento contemplatório, experimentam uma atitude de inação e cristalizam, ora na preguiça, ora na indolência, ou numa atitude social cuja presença traz pouquíssimas ou nenhuma contribuição ao contexto da sociedade em que vive.

Essas posturas apresentam os atuantes obstinados que não percebem a necessidade da reflexão de suas ações, ou aqueles que se dedicam a uma vida contemplativa, orando, meditando. E quando essas pessoas frequentam reuniões de estudo, não são capazes de converter o estudo em trabalho. Sobre estes, Almeida (Ibid.) lembrou que:

Meditam nas palestras, mas não mudam seus comportamentos, não há um engajamento diferencial na vida. O conhecimento que lhes alcança de passagem não se reverte num processo de qualificação existencial.

São atitudes extremadas, que não condizem com o sentido de educação apresentado neste estudo. Por isso Almeida (Ibid.) destacou:

Portanto, na perspectiva do conhecimento espírita, ele nos convida à ação, nem à inação, nem ao ativismo. Nem à inação paralisante, nem à reação neurótica, mas uma atitude, uma ação lúcida, uma ação, necessariamente, reflexiva. Esse comportamento nos identifica com a nossa capacidade de amar valendo-nos do conhecimento.

Ao nos referirmos a essa necessidade de uma ação-reflexão, é impossível não lembrarmos o conceito de práxis apresentado por Freire (1983, p. 38) para superar a relação opressor-oprimido:

A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela. Por isto, inserção crítica e ação já são a mesma coisa. Por isto também é que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica (ação já) não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro.

Para tanto, Freire (Ibid., p. 77) também lembrou que essa ação-reflexão representava elementos constitutivos da palavra, do diálogo, e por isso afirmou:

Não há palavra verdadeira que não seja práxis. [...] Somente através de uma práxis autêntica, que não seja blá blá blá nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível libertar-se desta realidade funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela e a volta sobre ela.

Isso implicou dizer que o verbalismo e o ativismo tornaram-se ineficazes na busca pela superação da opressão, e por que não a relacionar também com o desejo de educar-se? Para o verbalismo deixou de haver a ação, e ao ativismo faltou a reflexão sobre a ação realizada. Em outros termos, ENT (entrevista concedida em setembro de 2005) disse que o “aprendizado é justamente em cima disso, o que você adquiriu lá fora, trazer pra dentro do ambiente que você retorna [...], o que você aprendeu, você leva pra sua vida lá fora, conjugal, de trabalho, no cotidiano”. Nesse ponto lembrei-me de Freire, que sempre procurou manter uma postura coerente diante da vida.

Ao lado de toda essa preocupação freireana, estava o amor, sentimento indispensável para se fazer um revolucionário, da mesma forma que o amor também é o alvo de todo processo educativo proposto pela dou-

trina espírita. Almeida (2005) fez referência ao amor, afirmando:

O amor nos ajuda a conduzir no campo da emoção e da racionalidade. A racionalidade se coloca dentro do sistema para exercer o domínio sobre o outro, para manipular o parceiro, a parceira. O mundo está orquestrado em cima da ditadura de uma razão que se degenerou. Uma razão desconectada da amorosidade.

Por isso ele destacou o papel da doutrina espírita, haja vista a sua intenção de conectar o amor e a razão, “dando-nos uma experiência de racionalidade lúcida, luminosa, capaz de nos acionar para frente, integrado a outras dimensões e fazendo-nos caminhar na direção do Criador da vida, assumindo uma posição de racionalidade e de amorosidade” (Ibid.). Para tanto, o conhecimento precisa aprofundar-se, ensejando uma postura moral⁶². Nesse ponto, a orientação doutrinária do espiritismo recomendou-nos: “espíritas, amai-vos e instruí-vos”. A humanidade está repleta de conhecimentos, de saberes, de informações, mas tudo isso precisa estar conjugado à amorosidade. Nesse sentido, Almeida (Ibid.) alertou: “a proposição espírita nos traz o diferencial, convocando-nos à inserção social e

62 Almeida (2005) definiu a moral na perspectiva espírita como “a síntese das leis universais, que regulam os nossos relacionamentos interpessoais, a nossa relação com a natureza, a relação conosco mesmo”.

não à covardia do isolamento, a um distanciamento necessário para a meditação, reflexão sobre os nossos comportamentos”.

Concordei com Almeida (Ibid.) que não podemos nos afastar da sociedade, porque a expressão mais luminosa do amor é a caridade. Esse conhecimento nos informou que “o corpo nos convidaria ao cuidado com ele; na ação ele nos convidaria à ação positiva no bem; a razão para colocar a nossa inteligência no âmbito social, numa caridade integral”, a qual não significaria assistencialismo, mas a expressão do amor. Almeida (Ibid.) ainda nos falou que:

A doutrina espírita, portanto, viajando na amorosidade, um amor lúcido, uma instrução que é sinônimo de educação, amor e instrução que se conjugam como se fossem duas faces de uma mesma moeda. Não basta ter informações, é preciso realizá-las. Se apenas tentamos amar sem estudar, a nossa ação degenera numa atitude esquisita. E se só aprendemos sem realizarmos na nossa amorosidade, através de uma ação, de uma prática existencial, corremos o risco de sermos os intelectuais do ar condicionado. Aquela moral que estufa, por trás de uma roupa, de uma vestimenta, mas que não convence.

O amor é o fundamento maior do processo educativo, a ponto de Guba (2005) ter dito que “ninguém educa sem amar, e ninguém ama sem educar-se”. Essa condição também foi expressa por AMHS (entrevista concedida em setembro de 2005): “espíritas, amai-vos e instrui-vos, porque ele [o espiritismo] colocou que quando você ama, você instrui, você orienta, você tenta mostrar qual o caminho que a pessoa deve tomar, entendeu?”.

Nesse processo de aprendizado do amor, temos que considerar também a aceitação do outro como ele é, já que temos a caridade como lema e expressão do amor. Nesse contexto, precisamos fazer referência ao princípio da alteridade, porque “evoluir significa aprender com a diferença do outro” (SIGNATES, 2004). Signates (Ibid.) ainda argumentou que “quando nós falamos de ética da alteridade, nós estamos falando de relação, é o que eu faço quando a tua diferença se manifesta”. Esse princípio tornou-se importante pelo motivo de nossa educação não dispensar o relacionamento com os outros, nem a necessidade da prática do amor, através da caridade.

A partir desse entendimento do princípio da alteridade, AMHS (entrevista concedida em setembro de 2005), ao fazer referência ao trabalho educativo do espiritismo, afirmou:

E isso é o papel da educação também. Os valores morais e éticos que eu coloco é exatamente você saber respeitar o ou-

tro, você saber que você tem limites, você saber que o outro também tem direitos as coisas na vida, não só você, você não usar o egoísmo e achar que só você que tem direito.

Nessa mesma perspectiva, Pereira (2004) destacou que o “espiritismo não veio simplesmente para ser colocado como uma bela teoria, ele veio principalmente porque há uma necessidade de colocá-lo em prática. Se não materializarmos aquilo que aprendemos, não estaremos efetivamente compreendendo doutrina espírita”. É tarefa do espiritismo tentar promover a transformação interior⁶³ das criaturas, a qual, segundo Pereira (Ibid.), passa por um processo educacional e, certamente, pela vivência da caridade. Nesse sentido, o centro espírita assume um papel fundamental na educação das criaturas em direção a essa meta.

A este propósito, De Mário (2015) sustentou que: “o Centro Espírita é uma escola de Almas” e sua tarefa prioritária é a educação. No entanto, no cumprimento dessa missão, ele apontou alguns problemas:

A história do movimento espírita é uma história de mediunidade e ação social através da caridade material – o cha-

63 De acordo com Pereira (2004), essa “transformação interior é o esforço que o ser humano faz para melhorar-se moralmente” ou, ainda, “é a habilidade de lidar com as características da personalidade, melhorando os traços que compõem suas formas de manifestação”.

mado serviço assistencial. A estrutura física de construção dos Centros Espíritas, em sua grande maioria, não reserva espaço para atividades educacionais, que têm de ser adaptadas. Esse é um primeiro problema. Também boa parte dos evangelizadores são pessoas de boa vontade, mas sem formação específica. Esse é um segundo problema. Também os dirigentes espíritas não estão efetivamente conscientes de que o Espiritismo é doutrina de educação do ser, e, portanto, não preparam o Centro Espírita para cumprir sua finalidade de escola de almas. É o terceiro problema. (Ibid.)

De Mário (Ibid.) ainda argumentou que “a lógica, pois, nos diz que o Centro Espírita deve estar preparado para atender o ser humano em todas as suas etapas de crescimento do corpo físico – da infância à maturidade, tanto de encarnados quanto de desencarnados”. Por isso, assegurou que:

Se é importante a modificação da estrutura física do Centro Espírita para atendimento às crianças, ainda de maior importância é a adequação de suas finalidades para tão grandiosa tarefa, onde o estudo da Educação do Espírito deve ocupar espaço de prioridade junto

às demais atividades que sejam executadas, sob pena, se assim não for feito, de o Centro Espírita desviar-se de uma finalidade que é o próprio cerne da doutrina, pois o Espiritismo é doutrina de educação como bem acentuam os Espíritos ao dizerem a Kardec (1987a, p. 372) que “somente a educação pode renovar a humanidade”. (Ibid.)

Sobre esta questão, já estava refletindo ao longo desse estudo que a tarefa do espiritismo era educar o ser humano. Em se tratando da educação da criança, faz-se necessária uma estrutura condizente com o estado infantil, ou seja, salas de aula adequadas e trabalhadores preparados para essa tarefa. Entretanto, De Mário (Ibid.) chamou nossa atenção para o fato de que a educação no centro espírita não era dada apenas às crianças, mas também aos adolescentes, aos jovens e aos adultos, levando-nos a compreender que:

As atividades de estudo realizadas pelo Centro Espírita devem se caracterizar por dinamismo, facultando ao frequentador todas as possibilidades de conhecer o Espiritismo. Esses estudos não podem dispensar a discussão dos temas cotidianos da vida à luz dos princípios básicos da Doutrina, pois estudar a realidade que se vive é preparar-se para

bem vivê-la, sabendo por que se compreende. (Ibid.)

Para se conseguir isso, o centro espírita precisa realizar treinamentos, cursos, grupos de estudo, visando formar os trabalhadores espíritas, para que possam desempenhar as funções que se propuseram a realizar. Embora seja um trabalho voluntário, essa condição não isenta os trabalhadores de procurar fazer suas tarefas da melhor maneira que puderem, buscando o preparo indispensável para a boa execução do serviço.

No que concerne ao trabalho voluntário realizado nos centros espíritas, lembramos o que a lei n. 9.608/98 regulamentou a este respeito, em seu artigo 1º:

Art. 1º. Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha por objetivo cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. (BRASIL, 1998)

Portanto o serviço voluntário não gerava vínculo empregatício, nem obrigações trabalhistas com a instituição na qual se exercia qualquer tarefa dessa natureza. O centro espírita que representou nosso

objeto de estudo regulamentou em seu estatuto, no artigo 2º, que os cargos assumidos por qualquer um dos participantes eram exercidos gratuitamente, conforme já foi especificado no segundo capítulo desse estudo. Estamos fazendo referência ao trabalho desenvolvido pelas instituições espíritas em virtude da sua relação com o processo educativo.

Nesse sentido, julguei oportuno analisar, no capítulo seguinte, o trabalho desenvolvido pela Casa da Vovozinha, tendo em vista a realização de suas práticas educativas, buscando identificar o papel da instituição diante desse momento de crise, no qual percebemos desigualdades e injustiças sociais, relacionando-o com o processo educativo do ser humano.



AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CASA DA VOVOZINHA

Eu creio que se nós, como povo, fôssemos educados para a tolerância recíproca, para o respeito à autoridade, para o trabalho persistente, sem conflitos entre empresários e trabalhadores; se todos nos uníssemos para compreender a necessidade desses valores espirituais na vida de cada um ou de cada grupo social, nós teríamos realmente um país extremamente venturoso.

Chico Xavier

Quis iniciar este capítulo informando que a nossa intenção foi analisar as atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha na sua relação com o processo educativo do ser humano, sem adentrarmos nos aspectos mais subjetivos que essas atividades pudessem implicar. A partir da fala dos(as) entrevistados(as), construímos essa análise com base nos pressupostos freireanos que fundamentam a educação popular. Essa escolha ocorreu em virtude de termos encontrado nas concepções de Paulo Freire (1983) um aporte teórico para análise das práticas educativas da Casa da Vovozinha, especialmente no que diz respeito ao conceito de práxis apresentado pelo autor. Além da práxis enquanto categoria de análise, construída a partir dos discursos apresentados durante algumas entrevistas, também foi possível perceber o conceito de educação não formal e a relação corpo-espírito no processo educativo da Casa da Vovozinha.

De acordo com Antonio Alberto Pereira (2005, p. 25):

Para Freire, não existe prática educativa sem sociedade, nem sociedade sem prática educativa. Ele não restringe o sentido de educador apenas ao professor nem o sentido de educação somente à escola e universidade. O líder político, religioso, o militante, dirigente, pai, mãe, professor, todos são educadores e educandos.

Essa relação direta entre educação e sociedade também pôde ser percebida nos processos educativos de-

envolvidos pelo espiritismo, especialmente no exercício da caridade, pois a partir do momento em que se busca ajudar aos que sofrem, de alguma forma, há uma tentativa de se fazer justiça social. Portanto, o trabalho assistencial desenvolvido pela Casa da Vovozinha, além de buscar uma forma de se fazer justiça social, também constituía um processo educativo.

A propósito dessa colocação, reafirmamos que “as práticas educativas ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, não formais, informais. [...] A ação pedagógica não se resume a ações docentes” (LIBÂNEO, 2001, p. 7). Libâneo (1994, p. 17) ainda fez referência a um sentido amplo atribuído à educação, o qual “compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente”. Ainda de acordo com o autor (Ibid., p. 17), “a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana”. Para ele, o sentido estrito da educação era aquele que ocorria nas instituições específicas, escolares ou não.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que as ações desenvolvidas na Casa da Vovozinha, que também representaram um campo religioso⁶⁴, consti-

64 Estamos admitindo a ideia de que a doutrina espírita apresenta três aspectos: científico, filosófico e religioso. Para um maior detalhamento, ver Barbosa (1987).

tuíam-se como práticas educativas. Essas práticas, em alguns momentos, podiam até ter uma formação sistemática, mas não eram necessariamente formais. Também aceitamos que a aprendizagem pode ter na instância religiosa um dos seus pilares, mas esta não representou a única via, uma vez que existem várias maneiras de se processar a educação nessa instituição. Em busca de respostas, procurei analisar essas práticas sistematizadas, tentando identificar seu caráter educativo.

Acreditamos que as práticas educativas resultam das relações intersociais que se processavam no cotidiano da Casa da Vovozinha. Essas ações podiam ser realizadas individualmente, em pequenos grupos, ou envolvendo um grande número de pessoas. Para a prática de algumas delas existia um dia e horário determinados, outras podiam acontecer em qualquer dia da semana, mês ou ano, pela manhã, à tarde ou à noite. Não foi nossa intenção fazer julgamento, nem priorizar uma prática em detrimento da outra, mas sim apresentar, dentro do possível, a realidade das práticas educativas no cotidiano dessa instituição. Nesse sentido, optei por apresentar as práticas educativas destacadas pelos(as) entrevistados(as) a partir da vivência de cada um(a) deles(as) nas atividades da Casa da Vovozinha.

Para tanto, partimos da ideia que cada um(a) dos(as) pesquisados(as) tinha sobre o papel desempenhado pela Casa da Vovozinha. A esse respeito, o senhor JTA lembrou que a maioria dos centros espíritas

surgiu nos seios familiares, com a intenção de realizar serviços mediúnicos e cultos do evangelho no lar, conforme ele mesmo disse:

Os centros espíritas todos se iniciaram com os serviços mediúnicos num grupinho em casa, e a União Espírita não foi diferente, especialmente na fase em que ela nasceu, que ninguém dava valor ao espiritismo, não existia nem negócio de sessão de palestra, de coisa, congressos, essa coisa não havia isso, e o grupo mediúnico era quem chamava uma pessoa ou outra, formava umas dez, doze pessoas. Esses trabalhos era assim dez, quinze pessoas, tinha duas vezes por semana, tinha três que não tinha reunião. Era aquilo fechado. Eu andava os centros era tudo assim. Tinha uma sessão mediúnica para atender e uma sessão de palestra que ia oito, dez pessoas. (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Portanto, esse entrevistado não apresentou um papel definido para os centros espíritas, tampouco estabeleceu alguma relação entre o surgimento da Casa da Vovozinha e o momento de crise política, social e econômica vivido na sociedade paraibana, quando da sua fundação. Para ele:

A União Espírita surgiu como um grupo mediúnico e não por causa do momento de crise. Não tem nada disso não, morte de João Pessoa não influenciou nisso. Agora eu conheço a história do espiritismo no Rio de Janeiro, que houve na época da proclamação da República, fecharam os centros espíritas, mas nessa época em que apareceu, em 1931, já havia uma certa democracia, naquela época de Getúlio Vargas de coisa e tal. Eles não ligavam muito para isso não. A igreja católica se batia mais, os protestantes quase que também não existia, e era perseguido também pelos católicos e o catolicismo era quem mandava. Mas era do catolicismo que a gente recebia ajuda para manter velho, o católico era sempre uma pessoa boa para dar assistência e também porque recebia a cura, não tinha medo de vir para uma casa espírita, para receber tratamento, vinha à vontade. E sempre os católicos que aceitavam o espiritismo era melhor que os espíritas antigos, que era muito amarrado financeiramente. (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Apesar de o senhor JTA ter negado a relação entre a crise social, política e econômica vivida na capital paraibana e o surgimento da Casa da Vovozinha, acre-

ditei que houve uma interferência entre esses eventos, pois as pessoas estavam necessitando vislumbrar outras perspectivas para suas vidas. Era um momento em que as criaturas buscavam ajuda, não apenas sob o ponto de vista material, mas também de conforto espiritual, de concepção e visão de mundo. Certamente, o movimento espírita ofereceu uma contribuição às pessoas naquela circunstância.

O senhor JTA (entrevista concedida em setembro de 2005) ainda destacou que:

A União Espírita, quando foi criada, ela não tinha aspiração nenhuma, porque era aquela mesma coisa das sociedades que eu conheço agora, que eu conheci muitas casas aqui na capital em mocambo de palha, e quando nós fizemos aqui, que botamos abaixo um prédio mais ou menos, até que era até bonzinho e que fizemos aquilo ali, fomos construindo, construindo. Construimos vinte e duas salas ali dentro, o povo começou a se inspirar no caso e muitos daqui saíram já com vontade de dirigir.

Nesse momento da entrevista, JTA fez referência ao longo período em que esteve na presidência da União Espírita. Ele aumentou a quantidade de atividades desenvolvidas pela instituição, melhorando inclusive a estrutura física do prédio e servindo de exemplo para

outras casas, como também preparando trabalhadores para dirigirem diferentes sociedades espíritas. JTA se lembrou de alguns nomes, como os de LC, OS e LG, que passaram a administrar outras instituições.

Apesar de não ter afirmado qual era o papel do centro espírita, quando perguntado sobre o que havia aprendido durante a sua participação na Casa da Vozinha, JTA assim se posicionou:

Eu aprendi tudo [...]. A casa espírita é um hospital, e eu pergunto por aí a eles, o que é que vocês estão fazendo por aqui de hospital. Aí quando eu criei era um hospital porque eu recebia os doentes que vinha do interior, vinha de outros estados, teve gente de passar um mês aqui, internado, tratando do camarada, de cidade do interior, de Recife, de Alagoas, teve gente que ficou aí. Segundo lugar, ele é um pronto socorro porque está constantemente atendendo às pessoas que chegam desajustadas, e na parte da pedagogia ele é a principal escola, que é a escola da alma, trata da filosofia, de acordar uma alma que dorme num corpo chumbada ao peso dos pecados e das viciações que adquiriu nela [...]. (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

JTA afirmou que aprendeu muito, ressaltando que a Casa da Vovozinha tinha o papel de prestar auxílio aos sofredores, além de funcionar como escola da alma. ZAP também destacou que o papel da doutrina espírita era consolar, especialmente diante da crise vivida pela sociedade paraibana na época de fundação da Casa da Vovozinha, cuja causa ela colocou nos seguintes termos:

Para falarmos da crise que existe nos dias atuais, nós temos que analisar a causa, por que estamos em tanta crise? É a falta de Deus, a falta de orientação, esquecemos de Deus ao longo do tempo. As religiões dominantes, católicas, evangélicas, que tinham esse papel importante, elas, parece-me que esqueceram e faltou, mas ao mesmo tempo chegou a doutrina espírita que foi prometida por Jesus, nós sabemos, lá em João 14, e traria o consolador prometido que iria consolar e fazer reviver o cristianismo que está esquecido, que está encoberto. Portanto, a nossa Casa, [...] ela exerceu um papel muito importante nessa consolação da sociedade paraibana, conquanto que ela atendeu, ela prestou atenção à causa, que seria a influência espiritual, a falta de religião, a influência espiritual que exis-

te no meio e que as religiões não querem considerar. (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Essa entrevistada, diferentemente do senhor JTA, relacionou o surgimento da Casa da Vovozinha à crise vivida na sociedade paraibana, sendo o papel dessa instituição consolar e atender aos necessitados, haja vista a tentativa de se fazer justiça social. Esse sentido de consolação também foi expresso por RGL em outros termos:

A Casa da Vovozinha, como todos nós conhecemos, tem sido, desde a sua fundação, eu acredito, um foco de luz na sociedade pessoense, tanto na questão espiritual, quando ela ajuda de uma maneira, assim, muito tocante no lado espiritual das pessoas, nos desenganos que as pessoas têm da vida, nos questionamentos, por que eu sofro tanto? Qual a razão de tanta coisa, eu que sou uma pessoa que sempre cumpri meus deveres, sou sempre honesta, direita e me vejo diante de tantas situações difíceis? (RGL. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Interessante observar que esse papel de consolar as criaturas precisava estar revestido de uma esperança que não fosse fruto de uma ilusão passiva, mas que

buscasse um futuro melhor, através da luta. Freire (1984, p. 59) já afirmara isso:

Não há como falar em esperança, se os braços se cruzam e passivamente se espera. Na verdade, quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. A espera só tem sentido quando, cheios de esperança, lutamos para concretizar o futuro anunciado.

Nessa perspectiva, outro papel atribuído ao centro espírita foi apresentado por AMHS (entrevista concedida em setembro de 2005), a qual afirmou que:

Nós estamos passando por uma crise de valores morais e éticos, e o papel da casa espírita, principalmente da Casa da Vovozinha, é exatamente de mostrar às pessoas qual o papel, função do ser humano dentro da sociedade, que a gente sabe que cada um de nós somos responsáveis por tudo que está acontecendo aí. Porque a partir do momento em que você não toma partido e que você não faz alguma coisa, a sociedade tem uma tendência a se desorganizar, então nós temos uma certa culpa em tudo que tá acontecendo aí. E o papel da casa espírita é exatamente de procurar juntar

as pessoas, pra que as pessoas tenham consciência do seu papel dentro da sociedade, como um todo. Esse papel é de transformação, de trazer de volta exatamente esses valores que a humanidade está perdendo, perdeu durante esse período que tá acontecendo.

Diante dessas afirmações, lembrei-me da preocupação de Freire (2005), quando enfatizou a impossibilidade de uma educação neutra, desprovida de um caráter político, de um fim transformador. Por isso, a casa espírita precisava assumir esse papel de conscientizar as criaturas da sua capacidade de agir na sociedade. Freire (Ibid.) assinalou a necessidade de se abolir a ingenuidade, criando um ser humano virtuoso, capaz de tornar a sociedade boa e justa. Quando cada ser humano se aperfeiçoa moralmente, toda a sociedade também melhora.

Essa questão sobre o papel do centro espírita foi colocada porque procurávamos uma possível relação entre as atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha e o processo educativo do ser humano. Nesse sentido, foi possível perceber tal aspecto na fala de alguns(as) entrevistados(as), a exemplo de MRAM (entrevista concedida em setembro de 2005) quando afirmou que:

A União Espírita ela tem essa função de esclarecer as criaturas no sentido da busca da educação do homem integral. [...]

de moralizar o ser, porque esta é a função da doutrina espírita, educar o homem. O espiritismo é uma obra de educação.

Ao se referir à educação integral do ser humano e à sua moralização, MRAM fez-me recordar a preocupação de Freire (1996) com a ética e com a moral, enquanto saberes necessários à prática educativa. Segundo o autor (Ibid., p. 37):

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.

Neste mesmo sentido, Caminha (2003, p. 13) apresentou o entendimento kantiano para a educação nos seguintes termos:

Entendendo a educação como formação, no sentido amplo do termo, que com-

preende as dimensões física, intelectual e moral de todo ser humano, ela deve ser concebida não apenas para constituir o homem-cidadão, que exerce sua liberdade respeitando as leis do Estado, mas também para formar cada indivíduo no sentido de buscar sua dignidade humana, porque, para Kant, mesmo considerando a educação como cuidar, instruir e disciplinar, ela tem como fim último a formação moral.

À semelhança do que afirmou MRAM sobre a função educativa do centro espírita, ENT também asseverou que:

A Casa é um verdadeiro educandário, e como educandário tem uma função primordial de educar, orientar, instruir, né, voltando as criaturas pra o lado espiritual, que a meta maior da Casa é espiritualizar a pessoa humana, no que tangê à ligação mais sublime, que é o lado íntimo, o lado espiritual com relação à comunicação com Deus, que é o nosso Pai maior e é o criador todo poderoso, né. Então, no meu entendimento, a finalidade principal da Casa é educar as pessoas pra se desligar das coisas do mundo e entrar em contato, aqui, com as coisas

divinas, né, as coisas de Deus, a sua criação, o Cristo como seu representante maior. Jesus Cristo, como seu filho mais importante e o verdadeiro mestre, que foi e continua sendo pra todos nós. Então, pra mim, a Casa educa nesse sentido, e com isso leva as pessoas a ter um bom comportamento, uma boa conduta, uma conduta moral elevada dentro dos preceitos que a doutrina prega pra tornar as criaturas pessoas de bem, dentro de uma sociedade que a gente vê que tá em fase de falência, mas que a gente continua lutando pra que as criaturas que vivem nessa sociedade possam dar bons exemplos, serem criaturas de bem, com bom comportamento, com boa conduta, exemplificando sempre o que há de bom e melhor. (ENT. Entrevista concedida em setembro de 2005)

ENT destacou um ponto relevante no aspecto educativo da Casa da Vovozinha, ou seja, a relação do ser humano com Deus. Sobre esse ponto, Descartes (1991b, p. 42) argumentou que:

Existe uma diferença entre um juízo e o conhecimento deste juízo. Assim, eu não duvido de modo algum que cada um tenha em si a ideia de Deus, pelo menos

implícita... não me surpreendo, no entanto, de ver homens que não sentem ter em si esta ideia, ou melhor, que dela não se apercebem absolutamente.

Compreendendo o alcance dessa assertiva, percebemos em Descartes (Ibid.) a certeza de que todos nós trazemos a ideia de Deus, embora alguns não pudessem dispor desse conhecimento. Descartes atribuiu a dificuldade de aceitar a existência de Deus ao fato de o ser humano não conseguir elevar seu espírito além das coisas materiais. Nesse sentido, ENT chamou atenção sobre o papel educativo da Casa da Vovozinha, buscando a aproximação com Deus e tornando as criaturas cada vez melhores.

A esse respeito, encontrei uma aproximação entre a concepção apresentada por ENT sobre o papel educativo desempenhado pela Casa da Vovozinha e o pensamento de espinosiano, que elegeu o conhecimento de Deus como a virtude suprema. Para Espinosa (1979, p. 243):

A coisa suprema que a alma pode conhecer é Deus, isto é, o Ente absolutamente infinito, e sem o qual nada pode existir nem ser concebido; e, por conseguinte, o que supremamente é útil à alma, ou seja, o seu bem supremo, é o conhecimento de Deus. Além disso, a alma age somente na medida em que compreende,

e somente na mesma medida pode dizer-se absolutamente que age por virtude. O conhecer é, portanto, a virtude absoluta da alma. Mas a coisa suprema que a alma pode conhecer é Deus. Logo, a suprema virtude da alma é compreender Deus, ou seja, conhecê-lo.

Outra entrevistada, além de destacar o papel social da casa espírita, tendo em vista a ajuda oferecida aos necessitados, assinalou que:

Ela tem esse papel, tem um papel social, de ajuda [...]. Ainda tem também a questão da educação, porque aqui se estuda de verdade e pode até alguém dizer que não é o estudo que se faz na sala de aula, em bancas escolares, mas é um estudo da maior profundidade, da maior relevância. E a União Espírita, vivendo o espiritismo, né, ela traz justamente esse ajustamento do ser humano dentro desta vertente de educação. (MJA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

MJA fez referência a uma característica importante do centro espírita, ou seja, o trabalho assistencial, o qual foi apresentado nos seus Estatutos enquanto uma das finalidades da União Espírita, conforme explicitado no segundo capítulo desse estudo. Sobre esse

aspecto, Espinosa (1979, p. 248) apresentou a seguinte proposição: “o bem que cada um dos que seguem a virtude deseja para si, desejá-lo-á também para os outros homens, e tanto mais quanto maior for o conhecimento que tem de Deus”, demonstrando que:

Os homens, na medida em que vivem sob a direção da Razão, são utilíssimos ao homem; e, por conseguinte, esforçar-nos-emos necessariamente, sob a direção da Razão, por fazer que os homens vivam sob a direção da Razão. Mas o bem que cada um que vive segundo os ditames da Razão, isto é, cada um que segue a virtude deseja para si, é compreender; logo, o bem que cada um que segue a virtude deseja para si, desejá-lo-á também para os outros homens. [...] por conseguinte, quanto maior conhecimento de Deus a essência da alma envolver, tanto maior será também o desejo em virtude do qual aquele que segue a virtude deseja para outrem um bem que deseja para si. (Ibid., p. 248)

Outra característica que destaquei na fala da entrevistada relacionou-se à educação não formal, quer dizer, aquela que ocorre fora do espaço das instituições escolares. Ela salientou que a Casa da Vovoziinha, apesar de não representar uma instituição de

ensino, desenvolve um trabalho educativo. Também sobre esse aspecto da educação não formal, CGOS (entrevista concedida em setembro de 2005) assim se posicionou:

Você aprende todos os dias, todos os momentos e em qualquer lugar, não há necessidade de você ter que ir pra uma escola ou pra uma casa espírita ou pra uma instituição religiosa, entendeu, com a desculpa de aprender. Você aprende no dia a dia, só precisa ter bom senso, só precisa ser, como se diz, uma criatura aberta a novas instruções e a novos conhecimentos.

Diante dessas colocações, senti a necessidade de perguntar quais das atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha eram consideradas educativas, ao que ZAP (entrevista concedida em setembro de 2005) respondeu: “eu penso que a União, a par da sua livraria, a par da sua biblioteca, a par das instruções nas palestras, a par dos cursos, ela é praticamente educativa nesse sentido”. Algo semelhante foi afirmado por CGOS (entrevista concedida em setembro de 2005):

Com todas as reuniões que nós temos na nossa Casa de estudos mediúnicos, de estudo da doutrina, como o ESDE, entendeu? E muitas outras, pois quase



estamos, como pessoas outras que não sabem a responsabilidade do seu modo de ser. Então, eu acredito que o próprio ESDE faz isso, os esdeanos são pessoas diferenciadas dentro da sociedade, dentro da própria sociedade espírita, são seres educados, são seres que têm comportamento diferente. Então ela é uma doutrina educadora por essência.

Figura 11: 1ª turma do ESDE (2003).

Acervo da Uedac, 2005.

Ao se destacar a função educativa desempenhada pelo ESDE, lembrei-me que a primeira turma a funcionar na União Espírita teve início em 2003, por iniciativa de ZAP, após ter concluído o mesmo estudo na Federação Espírita Paraibana.

Da mesma forma que CGOS, ZAP também chamou atenção para todas as atividades desenvolvidas pela União Espírita, como a livraria, que dispõe da codificação kardequiana – ou seja, os livros escritos por Allan Kardec, os quais representam a base doutrinária do espiritismo – para aqueles que desejavam comprá-los, ou através do empréstimo na biblioteca, mantida por MLSF, diretora do departamento de divulgação. Além disso, havia os cursos realizados anualmente na ins-

tituição, por exemplo, de passes, doutrinação⁶⁵, atendimento fraterno, evangelização infantil, entre outros. Por tudo isso, MAGP também enfatizou que:

Enfim, tudo hoje que é feito e realizado na casa espírita visa justamente o elemento, esse crescimento de educação. Nós procuramos sempre verificar que o porquê do estudo, das tarefas, que meta a atingir, qual objetivo? Educar o espírito. Essa educação no sentido que nós vamos fazer, paulatinamente, essa troca dos nossos defeitos por virtudes. Todo ser humano, todo cristão passa por essa fase de transformação. (MAGP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Esse sentido de educação como o melhoramento do espírito foi observado por MAGP (entrevista concedida em agosto de 2005), o qual atribuiu às tarefas e aos estudos realizados pela Casa da Vovozinha o objetivo de

65 Doutrinar é orientar os espíritos durante as comunicações mediúnicas. De acordo com AFS (entrevista concedida em setembro de 2005), “essa é uma educação espiritual, ajudando sempre nos trabalhos de desobsessões, como chamamos. São trabalhos de educar os espíritos que se encontram ao lado das criaturas, e esses espíritos vão sempre levando em conta aquilo que a gente conversa com ele e que ele, por essa educação, por essa conversa, eles vão se afastando gradualmente das criaturas que eles vivem obsidiando e torna-se uma pessoa doente, de muitos tempos doentes e sem ter como se melhorar de vida, sem ter como sair daquela perturbação. Só o espiritismo pode trazer isso, porque conversa com aqueles espíritos, aqueles médiuns receptores recebem aquelas entidades, e um doutrinador que sempre trabalha ao nosso lado conversa com ele e doutrina ele, educa eles na moral e dentro dos preceitos que Jesus nos ensinou”.

educar o espírito. Ele reconheceu ser este um processo lento, porém enfatizou que todos nós passaremos por essa sucessão de estados ou de mudanças.

MLBO (entrevista concedida em setembro de 2005) também enfatizou a tarefa educativa do centro espírita, afirmando: “eu acho que o processo educativo, a doutrina espírita trabalha toda dentro de um processo educativo”. De modo semelhante, MJAP posicionou-se nos seguintes termos:

Todas as tarefas que nós desenvolvemos aqui na Casa têm como ângulo central e principal a educação, porque se nós estamos aqui aprendendo a amar o nosso próximo, aí vem o desdobramento, se nós amamos, nós estamos sendo o exemplo, como uma consequência aquela outra pessoa que nos observa também aprenderá a amar, se nós fazemos a caridade espiritual, nós estamos despertando consciências, porque engloba os dois grupos de espírito, tanto encarnado como desencarnado.

Então, tudo que nós fazemos aqui na Casa é uma contribuição direta para a educação, seja qual for a tarefa, mesmo aquela criatura que chega aqui, necessitada materialmente, mas no momento que recebe a atenção, o amor, o envol-

vimento de todas estas emanções assistenciais por parte destes mentores que são os trabalhadores do bem, elas estão sendo tocadas no que existe de mais puro e de mais sublime, que é a sua essência espiritual. Então, jamais elas conseguirão ser as mesmas pessoas sem pararem para refletir neste momento que foi, assim, tão significativo, a chegada nesta Casa, mesmo aqueles que não dão continuidade ao benefício que estão recebendo, ou de ordem material ou, principalmente, de ordem espiritual. (MJAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

A partir dessas colocações, pude perceber que o grupo de pesquisados(as) atribuiu um caráter educativo às atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha – educação compreendida no sentido do melhoramento moral. MJAP ainda observou a necessidade do exemplo, quer dizer, da vivência prática daquilo que nós estamos aprendendo. Nessa mesma perspectiva, CF (entrevista concedida em setembro de 2005) afirmou que: “não adianta você tá dentro de uma igreja só pensando, orando e rezando, você tem que fazer alguma coisa, não basta não fazer o mal, é preciso fazer o bem. Isso aí é que é uma grande coisa”.

Dessa forma, pudemos estabelecer uma relação com o sentido de práxis apresentado por Freire (1983), no

que se referiu à ação-reflexão. Nesse sentido, compreendemos que não é suficiente adquirir o conhecimento, a educação, porém a ação no bem é fundamental. Para tanto, devemos considerar que “assim como exercitou a caridade, a caridade que é a bandeira da doutrina espírita, ‘fora da caridade não há salvação’, mas isso não pode ser somente dito, precisa ser vivido” (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005). Ou como afirmou outro entrevistado: “daí vem a felicidade de cada criatura, da gente servir com o coração, não com as palavras, não com a boca, mas servir com o coração” (AFS. Entrevista concedida em setembro de 2005).

Sobre esse ponto, Descartes (1991b, p. 29) também ressaltou que “não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem”, evitando, inclusive, o verbalismo, conforme alertou Freire (1983), pois era preciso testemunhar uma unidade entre o discurso e a prática. Do contrário, estaremos faltando com a “ética maior que rege as relações no cotidiano das pessoas” (FREIRE, 2000, p. 16). Sobre este aspecto, Freire (1996, p. 17) ainda argumentou que:

É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles.

Ao tecer comentários sobre a ética ou filosofia moral de Sócrates e de Aristóteles, Chaui (1997, p. 341) esclareceu o seguinte:

Se devemos a Sócrates o início da filosofia moral, devemos a Aristóteles a distinção entre o saber teórico e saber prático. O saber teórico é o conhecimento de seres e fatos que existem e agem independentemente de nós e sem nossa intervenção ou interferência. Temos conhecimento teórico da Natureza. O saber prático é o conhecimento daquilo que só existe como consequência de nossa ação e, portanto, depende de nós. A ética é um saber prático. O saber prático, por seu turno, distingue-se de acordo com a prática, considerada como práxis ou técnica. A ética refere-se à práxis.

Freire era convicto de que toda prática educativa tinha uma natureza ética, sendo, portanto, indispensável à convivência humana. Por isso, a necessidade da ação acompanhada de um processo reflexivo, conforme o próprio autor afirmou:

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade des-

comprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. (FREIRE, 1984, p. 66)

Apesar de os(as) entrevistados(as) terem atribuído um caráter educativo a todas as atividades do centro espírita, MJAP (entrevista concedida em setembro de 2005) lembrou:

Então, todas as tarefas aqui realizadas contribuem diretamente para a educação. Sem pensar que existem tarefas específicas que são justamente estas de evangelização infantojuvenil, e a Casa alcança as três etapas, a infantil, a juvenil e a evangelização também de adultos, mas quando nós começamos a trabalhar mais cedo, digamos, assim, no alicerce da Casa, então, existe uma segurança maior de esta casa ser erguida e nunca ruir com tanta facilidade [...]. Então, tem estas tarefas principais aqui na Casa, que é trabalhar a criança.

No entanto, GCF (entrevista concedida em setembro de 2005) destacou que essa educação difere da instrução, pois:

Como nos diz o codificador, a doutrina espírita ela veio pra modificar moralmen-

te a humanidade. É porque geralmente as pessoas entendem a educação apenas como instrução. Mas instrução é uma parte da educação. Agora a educação, em si, é essa arte, como diz Kardec, de formar caracteres, de inculcar hábitos nas pessoas. E a doutrina espírita só inculca hábitos salutares, pra você ser bom, pra você ser fraterno, pra você ser caridoso. Então, isso a gente trabalha na criança ali, na União Espírita, desde a mais tenra idade, pra que essa criança cresça, compreendendo que só através do amor ao próximo é que realmente ela pode ajudar na transformação moral da humanidade.

Diante dessa diferenciação entre educar e instruir e do trabalho realizado com as crianças na Casa da Vovozinha, MJA (entrevista concedida em setembro de 2005) também fez referência à evangelização infantil como um processo educativo, asseverando que:

Olha, desde a criança, quando a criança tem o seu momento de evangelização, um momento de contato com a filosofia, que é o porquê da vida, com algumas partes que a criança já tem, já recebe passe, já toma água fluidificada e, de alguma forma, ela sabe por que toma água

fluidificada, por que recebe passe magnético, né, que é a ciência espírita. Além da coroa que é a religião, não é?



Figura 12: Aula da Evangelização Infantil (2º Ciclo).

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Com esse comentário, MJA citou alguns dos conhecimentos que são debatidos com as crianças nas aulas de evangelização infantil, em ambientes adequados a esse período de desenvolvimento, ressaltando os aspectos filosóficos, científicos e religiosos do espiritismo. Também chamou nossa atenção para o porquê desse conhecimento e do tratamento espiritual realizado na Casa, no que diz respeito à água fluidificada e ao passe magnético aplicado às crianças.

Ainda sobre a importância de se evangelizar a criança, MLBO (entrevista concedida em setembro de 2005) comentou o seguinte:

Na infância, que a gente trabalha especificamente com isso, é mais fácil, porque você já pega um período da criança em que ele recebe normalmente essas orientações. A gente sabe que até os sete anos ele está apto pra receber todo ensinamento bem direcionado, como também aquele mal direcionado, mas com certeza aqui nós trabalhamos para direcionar bem as criaturas. Então, quando a criança é educada desde o início, segundo a doutrina espírita, procurando também encaixar o Evangelho, que é esse compêndio todinho que Jesus nos deixou de conduta, né, de comportamento, então, aí é mais fácil pra se conseguir um equilíbrio maior quando adulto, né, muitas vezes de respeito às criaturas, de amor ao próximo, de caridade, de fraternidade. E a criança recebendo isso na infância, quando chega na idade adulta tem condições de ser uma criatura mais equilibrada moralmente.

A respeito da importância de se educar crianças e jovens, Durkheim (1977) argumentou que as gera-

ções mais jovens educadas diariamente edificam certos valores que se eternizam em todos os momentos de sua educação. Kardec (1987a, p. 211) também fez referência à necessidade da educação no período infantil, tendo em vista que “o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento”. Pensando nisso, ponderamos sobre o trabalho da evangelização infantojuvenil desenvolvido pela Casa da Vovozinha, conforme CGOS (entrevista concedida em setembro de 2005) assinalou:

É a partir da infância que se molda, se modela efetivamente as condições espirituais do cidadão. E a Casa tem um trabalho muito grande nesse campo, você mesmo sabe, tanto com crianças carentes, como com as crianças também dos irmãos que chegam, que vêm à frequência da Casa Espírita e traz os seus filhos. Isso aí é educativo.



Figura 13: Aula da Evangelização Infantil (ciclo do Jardim) – Crianças socialmente carentes (sábado).

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

CGOS chamou nossa atenção sobre o acesso mais fácil à educação do ser humano no período infantil, lembrando que a Casa da Vovozinha desenvolvia essa tarefa de evangelização dois dias por semana, aos sábados e aos domingos. Aos sábados, o trabalho era feito juntamente com o departamento de assistência social, com as crianças socialmente carentes das comunidades circunvizinhas à instituição. E aos domingos era para os(as) filhos(as) dos(as) trabalhadores(as) da Casa. Apesar de serem em dias diferentes, o programa seguido nas aulas era semelhante, diferenciando-se quanto à metodologia, a qual partia das experiências trazidas pelas crianças, incluindo temas mais

relacionados à vivência evangélica e à sua realidade social, tais como sexualidade, drogas e violência.

Esse tipo de método me fez lembrar da maiêutica socrática, também ressaltada por Freire, no sentido do “parteamento”, ou seja, tirar do educando o conhecimento já existente nele. Para tanto, esse tipo de educação “exigirá nova postura do educador, que deverá, através de métodos ativos, propiciar condições do educando construir sua própria inteligência e ampliar sua capacidade de sentir e amar” (ALVES, 1997, p. 45).

Sobre o programa de ensino, a evangelização infantojuvenil da Casa da Vovozinha seguia o currículo proposto pela Federação Espírita Brasileira (FEB), dividido em quatro módulos: “Espiritismo”, abordando os princípios básicos da doutrina espírita (existência de Deus e do espírito, reencarnação, mediunidade, lei de evolução, entre outros); “Cristianismo”, que tratava da vida, missão e ensinamentos de Jesus, além da relação entre o cristianismo e o espiritismo; “Conduta Espírita – Vivência Evangélica”, trabalhando temas relacionados ao autoconhecimento, relações familiares e amor ao próximo; e “Movimento Espírita”, o qual abrangia a diferença entre movimento e doutrina espíritas, vultos espíritas e a organização do centro espírita. Cada um desses módulos estava dividido em unidades, que configuravam os temas das aulas.

Essa tarefa de evangelizar crianças teve início em 1956, quando, na reunião de diretoria da União Espírita, o então 1º secretário, JTA, pediu a palavra:

Esclarecendo a necessidade da fundação da Escola da União Espírita, tendo interessado a todos o assunto. A diretoria organizou o programa de fundação, que será no dia 03 de junho próximo, ficando a dita escola denominada Francisca Moura, tendo sido escalado para ficar a frente do trabalho de organização, os confrades JP e JTA. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHHA, 1956, p. 29)

De acordo com o senhor JTA (entrevista concedida em agosto de 2005), a escola servia para ensinar às crianças pobres. Como a instituição não tinha condições de custear as despesas, por falta de condições financeiras da sociedade para manter o funcionamento da escola, o próprio JTA assumiu sua responsabilidade. Em face desse desafio, criou-se uma campanha em prol da fundação da escola, contratando-se uma professora e matriculando sessenta crianças. Até o primeiro semestre de 1958 a escola funcionava sem alterações, quando se recebeu uma intervenção da prefeitura por causa de uma mudança radical no ensino primário, não permitindo o funcionamento das escolas particulares; por isso a escola foi desativada em março de 1958. Contudo, o funcionamento dessa escola também permitiu o desenvolvimento da “aula de moral cristã que será realizada uma vez por semana na Escola Francisca Moura da União Espírita”

(UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 1956, p. 31).

Com o fim da Escola Francisca Moura, a ideia de evangelizar as crianças reapareceu apenas em 1969, quando, na ata da reunião de diretoria, “como assunto do dia, registrou-se o seguinte: foi sugerida a ideia de se apresentar um fiscal para atender as crianças que ficam fora da reunião fazendo algazarra no pátio; foi aceita a sugestão” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 1969, p. 11). Até essa data, não havia um trabalho sistematizado para a evangelização das crianças. Isso só veio a ocorrer anos mais tarde, quando se tornou departamento de evangelização infantil. Apenas em 1987 as aulas de evangelização infantil passaram a ser organizadas de acordo com a idade das crianças, conforme constava no livro de atas: “a evangelização infantil está com quatro ciclos⁶⁶, devido ao número elevado de crianças” (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA, 1987, p. 10).

Sobre a evangelização de crianças e jovens, MLSF (entrevista concedida em setembro de 2005) observou o seguinte:

A evangelização, principalmente infanto-juvenil aqui na casa, que temos a ME-

⁶⁶ Essa divisão por ciclos foi proposta pela FEB, sendo o ciclo do jardim destinado às crianças de cinco e seis anos; o primeiro ciclo para crianças de sete e oito anos; o segundo ciclo compreendia as idades de nove e dez anos; e o terceiro ciclo, crianças de onze e doze anos.

BEM, isso aí tá formando o homem de amanhã, formando de uma maneira, educar, mostrar pra ele como o desenvolvimento da doutrina espírita que ele está querendo, mostrar um homem educado, um homem civilizado, um homem de reforma moral, espiritual, que ele veja o quanto é importante no ponto de vista, servir o próximo.



Figura 14: Mocidade Espírita Bezerra de Menezes (Mebem).

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Ao fazer referência à Mocidade Espírita Bezerra de Menezes (Mebem), MLSF me fez destacar a função educativa desse grupo de jovens, que existia na Casa desde

1964, de acordo com as lembranças de CF (entrevista concedida em setembro de 2005), que chegou a essa instituição “ mais ou menos em 1963, 1964, quando a gente fundou a Mocidade Espírita Bezerra de Menezes, já na administração de JTA”. CF foi por muito tempo diretor da Mebem.

A atuação da Mocidade nos trabalhos da Casa foi marcante desde a sua criação, a ponto de, em 1977, em reunião de diretoria, ser feita a seguinte observação pelo então diretor desse departamento:

Com a palavra a seguir o irmão NS, diretor da Mocidade Espírita, que fez relato do setor a si confiado, cientificando para ciência dos presentes que os “moços” através de sua Diretoria, tencionava fazer conscientizar a juventude para a realidade atual [...]. O irmão NS traduziu ainda os sentimentos da juventude espírita no tocante as coisas que dizem respeito a evangelização da criança... Dialogar com os “jovens”, fazendo despertá-los às tarefas assistenciais em prol daqueles menos favorecidos, visitando hospitais, levando a presença amiga aos desertores do convívio social e incentivando à mocidade na campanha redentora do quilo. (UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/ CASA DA VOVOZINHA, 1977, p. 81)

Todas as atividades da Casa sempre puderam ser realizadas por todos(as) os(as) participantes. Com o trabalho da campanha do quilo não foi diferente: o grupo de jovens da Mebem escolhia um domingo por mês para realização dessa tarefa, saindo junto com os(as) outros(as) trabalhadores(as) pelos bairros da cidade, pedindo donativos para a Casa da Vovozinha.



Figura 15: Grupo de jovens da MEBEM saindo para a Campanha do Quilo.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Outra atividade realizada com frequência pela Mebem era a visita ao leprosário, sempre com a intenção de levar a palavra de Jesus àqueles abandonados pela sociedade, afastados do convívio social em virtude da hanseníase. Lembrei-me de momentos de muito aprendizado, especialmente quando ouvíamos as pala-

vas entusiasmadas de ISS (que está sentada na cadeira de rodas na Figura 16). Em vez de levarmos o nosso conhecimento àquele grupo tão sofrido, aprendíamos dele as mais diversas lições de vida, baseadas na alegria de viver, apesar das dores e limitações impostas pela doença.



Figura 16: Grupo Mebem da Uedac em visita ao leprosário.

Fonte: Acervo da Uedac, 2005.

Sobre esse aspecto, recordei-me de Freire (1983), quando este enfatizou que ninguém se educa sozinho e todos se educam entre si, mediatizados pelo mundo. O autor ainda argumentou que, ao ensinarmos, estamos aprendendo, e aquele que aprende ensina ao aprender. Também nessa perspectiva, CGOS (entrevista concedida em setembro de 2005) afirmou: “ninguém imagina

nenhum espírito em sã consciência pense em evoluir sozinho, porque sabe que isso aí é quase impossível. Ele evolui dentro de um conceito de comunidade, de sociedade e assim por diante”.

Nesse processo de aprendizado com o outro, o trabalho desenvolvido com as vovós também foi considerado uma referência educativa da União Espírita:

Nós mantemos uma instituição de velhinhas, e essas velhinhas nos deram muitas oportunidades para que nós revíssemos as nossas posturas, o nosso modo de ser, a maneira como essas criaturas foram abandonadas pela família e foram atendidas. Isso é educação, educação do ser humano para a vida, não educação de livros, nem educação de grau, porque nos dá um diploma que muitas vezes não serve para a sua vida, mas uma educação como ser humano. Então a nossa instituição quando abraçou a guarda e a manutenção dessas velhinhas abandonadas sem ter ninguém por si, ela se propôs a esse trabalho educativo, educar a sua alma. (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Dentre as outras tarefas consideradas educativas, CF (entrevista concedida em setembro de 2005) destacou o trabalho da Campanha do Quilo, afirmando que:

No trabalho da Campanha do Quilo, a relação corpo e espírito está relacionada a que o espírito vai buscar a ética, o aprendizado, evoluir, aquela oportunidade de servir, de se redimir, certo. E a matéria também vai buscar o seu movimento, porque tudo que não se movimenta, atrofia, não é isso. Então, ao invés de você tá na praia, tá brincando, tá jogando, tá bebendo, tá farrando, tá fazendo qualquer coisa, então, você tá fazendo um trabalho nobre. Você tá exercitando seu físico, não é. O seu corpo, tudinho, entendeu? E tá exercitando o amor, a fraternidade, isso é que é importante.

Ao fazer referência à Campanha do Quilo, o entrevistado fez referência a um dos aspectos que estamos investigando neste estudo, ou seja, a educação do corpo e do espírito, observando que sua atividade trabalhava ambos. Percebemos, nas informações oferecidas pelo grupo de entrevistados(as), que a educação desses elementos assumia características específicas, pois:

O espiritismo, ele é educativo e a orientação do nosso corpo, ele se melhora com a orientação do espírito primeiramente. O espírito dirige o corpo, é a mesma coisa você ter um carro, não trate dele, a ferrugem come, bate aqui, deixa acolá, e ter-

mina acabando no meio da rua. Se você não tratar de seu corpo, como espírito, você terá um corpo deficiente, cansado, enfadado... (JTA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Pude perceber nessa colocação, que o espírito era responsável pela direção do corpo. Contudo, JTA deixou clara a necessidade de educar o espírito, para que o corpo melhorasse, evitando deficiência e cansaço. De acordo com ZAP (entrevista concedida em setembro de 2005), a União Espírita educava o corpo e o espírito, pois:

O trabalho do espírito é toda a instituição, todo o trabalho da instituição é ligado para o espírito. Mas nós temos o trabalho de assistência social que é para o corpo. Por exemplo, nós temos no trabalho do sábado pela manhã, a evangelização infantil de crianças, e ao mesmo tempo nós temos a alimentação das crianças. Nós temos o trabalho de instruções para mães pobres, mas ao mesmo tempo nós temos a alimentação que elas levam, a feirinha, tomam a alimentação na Casa, nesse trabalho. Nós temos o trabalho da mãe gestante, em que trabalha a mãe e ao mesmo tempo recebe o enxoval da criança. Então nós

trabalhamos o corpo quando damos alimento, nós pedimos através da Campanha do Quilo na sociedade, a todas as pessoas, os recursos para serem transformados em alimentos e dar àquelas pessoas que vêm com fome, com sede, desesperada. Então nós alimentamos o corpo e o espírito ao mesmo tempo.

ZAP distinguiu claramente que a educação do corpo se restringia ao alimento oferecido pela União Espírita, através das feirinhas doadas às mães carentes que participavam do trabalho assistencial aos sábados. E o espírito recebia a educação por intermédio da evangelização infantil e das orientações às mães. A partir dessas afirmações, percebemos uma diferenciação entre a educação do corpo e do espírito, como também um aspecto bastante reduzido no conceito de educação. GND (entrevista concedida em setembro de 2005) também fez tal diferenciação, informando-nos que:

Educar o espírito é a coisa mais sublime, é mais difícil, mas é a coisa mais sublime [...]. Agora, corpo é diferente, é o aspecto humano, na higienização, no modo, na compostura. O lado do corpo, eu entendo o seguinte: é a gente ensinar como a pessoa se colocar entre os outros, a postura, não é. A roupa, o modo, chegar no ambiente e tudo mais, para ser recebido.

De acordo com RMSJ, a educação do corpo não estava relacionada apenas ao aspecto físico, mas também moral. Para ele:

A educação do corpo é como você vai ver o teu corpo e como você vai se educar pra que você não se agrida, tanto moralmente, como até fisicamente. Porque, muitas vezes, as pessoas por não terem a visão espírita, elas tentam se matar, isso é agressão a ela mesma. E na doutrina espírita ela diz que o que você tá fazendo de bom ou de ruim, você vai ter as consequências disso. Então, a questão da alimentação, a questão do exagero, a questão do sedentarismo, tudo é uma lei de causa e efeito. Então o que você fizer com teu corpo, você tá se prejudicando, então você tá se educando. A doutrina espírita busca essa educação pra que você esteja de bem com você mesmo. (RMSJ. Entrevista concedida em setembro de 2005)

MRAM apresentou outro enfoque para o entendimento da educação do corpo, afirmando que:

Nós visualizamos como a grande prova do amor de Deus que nos faz com que a gente possa realmente conseguir esta educação plena, aqui na Terra, que ain-

da é um planeta considerado, pelos próprios espíritos, de expiação e provas, a gente precisa da parte material, nós precisamos do nosso corpo para nos alimentar, nós precisamos dar a ele alimentos saudáveis, pensamentos edificantes pra que então nós, em espírito, possamos atuar aqui como provas, testes, como se a gente estivesse num processo de recuperação aqui na Terra [...].

Nós ainda estamos nesta condição de espíritos imperfeitos, mas quando chegarmos a espíritos puros, não iremos mais precisar de um corpo físico. Mas aqui na Terra, sim, ainda ele é importante e por isso a gente precisa dar pensamentos, palavras e atitudes nobres, edificantes para cuidar dele. E esta relação é muito importante no aprendizado, do crescimento, da evolução, da gente manter, como também instrumento que Deus nos concedeu pra que a gente pudesse evoluir e aproveitar a Terra como esse planeta-escola, pra que a gente possa ajudar sempre, fazer o bem, auxiliar e estarmos em determinados lugares num processo de transformação moral. (MRAM. Entrevista concedida em setembro de 2005)

RMSJ, da mesma forma que MRAM, compreendia o corpo como instrumento de evolução do espírito, argumentando que:

Então, eu tenho que saber, o meu corpo ele tá me servindo, até o momento que ele não der mais, como se diz, ficar pra terra. Então, o dualismo, a questão justamente é essa, meu corpo tá me servindo pra que eu possa me aperfeiçoar, porque quando eu sair dele, espiritualmente, eu possa dar um passo a mais, ter resgatado, ter melhorado, ou pelo menos estagnado alguma coisa que eu ainda não consegui superar. O espírito representa justamente esse anseio, o anseio de tirar o melhor proveito do corpo dentro dele pra que eu possa, ao sair dele, eu tenha consciência de que eu fiz alguma coisa, de que eu tirei o máximo proveito. Hoje, a doutrina espírita me dá esse embasamento e que eu tenho que tirar proveito do meu corpo, [...], onde o processo das minhas melhoras é bem mais rápido, do que eu como espírito. (RMSJ. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Esse entendimento do corpo como instrumento de aperfeiçoamento do espírito aqui na Terra, em vista de

um processo educativo, também foi compartilhado por MJA e AMHS, quando disseram que:

No mundo espiritual, ele [o espírito] não tem a condição de vivenciar todos os detalhes e todas as aulas, porque a vida é uma escola, que precisa receber para desenvolver e aprimorar suas virtudes. Então, ele precisa de um carro físico, que é o corpo feito de matéria. Ele neste carro físico, ele tem oportunidade de vivenciar ou não, depende do estágio em que ele esteja, o desenvolvimento de suas habilidades morais... (MJA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

O corpo é um instrumento para o nosso espírito, entendeu? E o espírito ele só vai evoluir, em contato com a matéria, e essa matéria é o corpo, entendeu? O espírito é essência, ele é uma centelha divina, mas como nós estamos em caminhada evolutiva, é preciso que nosso espírito tenha esse contato com corpo, que ele fique nesse casulo que é o nosso corpo pra que ele possa evoluir, pra que ele possa se melhorar [...]. E o corpo, Deus é tão bom com a gente, que Ele nos dá essa possibilidade de que nós nos melhoremos exatamente com esse contato

com essa carcaça, com esse casulo [...]. Então, o corpo ele é uma coisa muito importante na vida da gente, infelizmente a gente não tem o cuidado que deve ter com ele. Não é na questão do narcisismo, não é isso, de muita gente querer ficar assim, assado, não é isso, é o cuidado de você saber que seu corpo, ele é um instrumento do seu espírito e que se você cuidar bem dele, ele vai lhe dar possibilidade de você viver muito tempo, de você aprender muita coisa, de você progredir mais em termos espirituais mesmo. E o que é que o espírito precisa? Qual é o alimento do espírito? O nosso corpo, a gente precisa de feijão, arroz, macarrão, carne, tudo isso né. E o nosso espírito precisa de que? De conhecimento, de estudo, de você ter contato com as coisas boas, com a boa música, uma boa leitura, você está sempre harmonizada com a natureza, viver bem com o outro, isso é que é alimento para o nosso espírito, você dar o que você tem de melhor. (AMHS. Entrevista concedida em setembro de 2005)

A partir dessas colocações, percebemos a necessidade do convívio com o mundo e com as outras pessoas, na experiência corporal, a fim de alcançarmos a

nossa educação. Nesse sentido, ao se referir à visão de homem freireana, já que Freire não apresentou uma concepção de corpo, Calado (2001, p. 38) afirmou que o homem era um ser de relação, pois não podemos entender o homem desligado do mundo e da sociedade. Segundo Freire (1995, p. 20), “estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros”. Nesse sentido, “ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (Id., 1993, p. 79). Por isso a necessidade da relação do homem com o mundo e com os outros, para se fazer, tornar-se continuamente, como afirmava Freire (Ibid.).

Uma vez colocadas essas definições, e compreendendo a necessidade de utilização do corpo como instrumento de aprendizado do espírito na existência física, GCF (entrevista concedida em setembro de 2005) foi um pouco além, afirmando que:

O corpo, é como diz, é esse instrumento, é um instrumento de trabalho, para que o espírito possa se burilar, burilar todo aquele potencial que existe dentro de si, que Deus colocou quando criou esse espírito. Então, o espírito, em si, dado a sua condição de filho de Deus, então, ele tem que ser um Ser que pensa, que raciocina e à medida que ele vai crescendo, ele vai evoluindo e evoluindo vai se educando, através dessa educação, ele vai evoluindo. E o corpo é esse instrumento

justamente, porque se não existisse essa volta do espírito, essa reencarnação, se ele não utilizasse o corpo pra se educar, era difícil numa única existência, ele adquirir tanto conhecimento e condição de realmente se tornar um Ser cada vez mais evoluído e com capacidade de ajudar a Deus e implantar na Terra a sua obra de educação.

GCF afirmou que a educação do espírito só poderia ocorrer utilizando-se do corpo físico. Da mesma forma posicionou-se CF:

O espírito é aquela centelha divina, eterna, que vem através das vidas sucessivas, juntando, acumulando conhecimentos científicos e éticos, certo. Agora, o corpo, que muita gente diz por aí, o corpo é a cadeia do espírito, não é. O corpo é uma ferramenta, assim como um construtor precisa de uma pá, de uma enxada, de um martelo, de uma colher de pedreiro pra construir um edifício, o espírito precisa do corpo físico pra lidar com as coisas materiais, certo. O espírito pode prescindir do corpo físico? Pode, mas pra ele evoluir tem que ter o corpo físico, porque é com o corpo físico que ele procura a tecnologia, se proteger do frio, dos animais,

da peste, pode fazer remédios, curar enfermos, feridas, doenças, aí ele tá movimentando o seu intelecto, isso aí é que faz o espírito evoluir... (CF. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Diante desses posicionamentos, quando perguntada sobre o trabalho educativo da União Espírita quanto à relação entre corpo e espírito, MLBO (entrevista concedida em setembro de 2005) ponderou que esse trabalho existe,

Porque através dos ensinamentos da doutrina, a gente dá as informações, as orientações que o corpo tem que ser bem cuidado, ele tem que ser zelado. Por exemplo, na orientação dos vícios, a gente não proíbe, mas a gente orienta, que o vício leva o corpo, muitas vezes, ao suicídio lento, no caso do alcoolismo, da droga, de tudo. Então, aqui, na nossa Casa, nós orientamos isso: cuidar do corpo pra que esse processo reencarnatório se cumpra direitinho, pra que ele seja utilizado de uma maneira correta, em benefício do bem.

Além disso, MJA chamou atenção para o fato de que a educação do corpo estava igualmente relacionada ao desenvolvimento moral do espírito, pois

Embora o espírito seja a fonte das emoções, não é. Essas emoções têm o respaldo e tem as consequências no corpo, no corpo físico que é matéria. Da boa vivência do espírito, depende uma matéria mais ou menos também de acordo com o grau também do espírito. Eles se entrelaçam. Vamos dizer que quem tem ódio é o espírito, o corpo não tem ódio nenhum, mas o corpo se ressentido da energia movimentada pelo espírito na atuação do ódio. Essa energia é tão pesada que vai diretamente ao corpo físico, através do perispírito, e vai causar deterioração de algumas células no corpo físico, quer dizer, há uma relação muito íntima entre o espírito e o corpo, porque como eu falava do carro físico, ele realmente é um carro, então, se o motorista do carro é educado, é preocupado, tem caráter, tá preocupado também com o mundo em volta de si, o carro vai durar muito tempo sem quebrar nenhuma peça. Mas se o motorista é descuidado, irresponsável, não dá o menor valor ao carro, o mais rapidamente possível, o carro vai se estragar, vai quebrar peça, vai desgastar o motor, uma série de acontecimentos que vai causar. Assim é o espírito, quem se educa é o espírito. Agora como é que o

espírito vai manifestar? [...] como é que o espírito vai manifestar a educação que já acumulou? Através dos atos oferecidos ou efetivados pelo corpo, é esse movimento que passa do espírito para o corpo. O corpo só retrata o que o espírito leva e é. Então a relação é íntima, é demais. (MJA. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Nesse sentido da exteriorização do aprendizado do espírito através da vivência corporal, valemo-nos das palavras de Freire (1996, p. 38) quando este aludiu à “corporeificação das palavras pelo exemplo”. Para o autor, “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo, pouco ou nada valem. Pensar certo é fazer certo” (Ibid., p. 38).

Apesar de tantos terem feito referência à educação do corpo, MJAP (entrevista concedida em setembro de 2005) ressaltou que:

O espiritismo ele veio justamente para isto, para educar o espírito. Ele veio clarear, ele veio esclarecer toda uma verdade libertadora no que diz respeito ao ser eterno que é o espírito. [...] no momento que nós voltamos a nossa atenção para o espírito, sabendo que ele é eterno, que ele acumula todas as lições realizadas pelo homem, sejam boas ou sejam dano-

sas, então, estamos nos vinculando a esse aspecto principal da educação. Se nós estamos educando o espírito que é eterno, como uma consequência, nós estamos também educando o homem. E o homem não só numa situação atual que ele se encontra, mas aquele homem que se apresentará existências após existências.

[...] esta questão da educação, nós podemos vincular que é até óbvio, mesmo, é o viável, vincular ao espírito. E o corpo ele passa apenas por um processo de condicionamento, é porque nós vamos adaptando o nosso corpo às nossas necessidades espirituais.

Embora tenha enfatizado a educação do espírito, MJAP também considerou a necessidade de educar o corpo, quando afirmou que:

Nós primamos pela educação, uma educação alimentar equilibrada, por um repouso equilibrado, tudo isto em benefício de um corpo que mesmo ele sendo mutável, passageiro, nós sabemos que ele, sim, é que terá um fim e passará por um processo de transformação muito rápido, porque é matéria, mesmo assim nós temos esse compromisso de primar, por-

que ele representa o ponto de sustentação, de moradia temporária para o nosso espírito. (MJAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Nesse ponto, MJAP (entrevista concedida em setembro de 2005) retomou a ideia do corpo como instrumento do espírito, reafirmando a relação de dependência entre um e outro:

Porque tudo que diz respeito à sustentação do nosso corpo, afeta diretamente o nosso espírito, são todas essas situações [...] de alimentação, de prazeres, de posicionamentos na vida, de deslocamentos, de bem-estar, de conforto físico.

MJAP ainda lembrou que desde a evangelização infantil já existia uma preocupação com esse processo educativo do corpo e do espírito, uma vez que:

No momento que a criança aprende que existe uma diferença entre o corpo material e o espírito, de como ela precisa cuidar, imprimindo a diferença significativa pra estas crianças, porque muitos adultos desconhecem essa realidade. Então, a tarefa realizada aqui na Casa, começando pela evangelização infantil, faz com que estas crianças cresçam

com a condição de levarem para todos os pontos de convivência o que eles estão aprendendo aqui. (MJAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Quando perguntado sobre a educação desenvolvida na Casa da Vovozinha, tendo em vista a relação entre corpo e espírito, CGOS afirmou que ela existe, sendo, portanto, inseparável. No entanto, o entrevistado se contradisse ao enfatizar a educação do espírito:

Ela não pode se dissociar, porque na medida em que você recebe a criatura, a criança, o adulto em nossa Casa, ele vem aqui, apresenta-se com o seu corpo e o seu espírito, essa dualidade ela não pode deixar de existir. Não tem como você atuar unicamente no espírito, porque o corpo também necessita e o espírito necessita do corpo para as suas atitudes, para as suas ações. Então, é necessário que nós eduquemos o espírito, porque a educação é do espírito, a educação não é do corpo, o corpo não aprende nada, o corpo não fala nada.

O corpo ele é apenas um instrumento, a educação ela atua especificamente a nível espiritual. Agora, a educação pode trazer para o corpo material as suas ri-

quezas, os seus cuidados, porque como instrumento para você desenvolver as suas ações aqui na Terra, você precisa cuidar dele. Então a educação em si é dirigida ao espírito, é o espírito quem aprende, é o espírito quem sabe, é o espírito quem age e o corpo é apenas um instrumento que precisa ser preservado, aí vem a educação higiênica, a educação dos cuidados da saúde, de tudo isso aí que o espírito precisa ter esse cuidado pra desenvolver totalmente a sua função aqui na Terra. (CGOS. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Em face dessas colocações, pude perceber uma ênfase atribuída à educação do espírito. Contudo, TAS destacou a necessidade de um equilíbrio entre corpo e espírito: “você não consegue estar bem com o corpo com problemas e também não consegue tá tranquilo, se não cuida bem do corpo, dá problema no espírito, tem que tá tudo em equilíbrio, pra pessoa viver bem” (TAS. Entrevista concedida em setembro de 2005). Algo semelhante foi afirmado por AMHS (entrevista concedida em setembro de 2005) em relação a esse aspecto: “é um equilíbrio, você cuida do corpo, mas cuida do espírito”.

Porém TAS observou que a educação na Casa da Vovozinha ainda precisava trabalhar melhor esse aspecto relacionado ao corpo e ao espírito. Para a entrevistada:

Lá o trabalho que se fala do corpo é mais as partes dos vícios, mas é uma coisa muito pouco ainda, o trabalho que tem lá é muito pequeno em relação a isso, poderia ser maior. Falta mais orientação às pessoas, porque o principal é assim sobre os vícios, né. Sempre se fala muito sobre os vícios, orienta assim, não fume, não beba, não faça aborto, e pras crianças a gente explica, às crianças carentes, a gente explica tome banho, tenha a sua higiene, mas a gente sabe que cuidar do corpo como um todo é muito mais do que isso, não é. Existe mais vício do que você fumar e beber. Tem outros vícios, por exemplo, a gula, a preguiça, a ociosidade, tudo isso devia ser mais estimulado. Você cuidar do corpo como principal elemento do espírito, devia ser mais estimulado isso. Acho que nenhum centro, na doutrina espírita em geral, agora é que tá despertando pra isso, porque antes todo mundo falava: ah tem que ler, tem que estudar, tem que fazer o bem, tem que ser uma pessoa boa, tem que isso, tem que aquilo, mas ninguém falava do corpo como um instrumento, não é. Acho que agora que começou a despertar sobre isso. Os espíritas agora é que tão começando a despertar, mas os centros

ainda têm que melhorar bastante nesse sentido de orientar as pessoas pra isso. (TAS. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Percebi, nessa afirmação, que TAS destacava a necessidade de um trabalho educativo mais intenso na Casa da Vovozinha, de forma a não se reduzir a educação do corpo apenas à ausência de vícios. Para ela, o corpo tinha um papel fundamental como instrumento do espírito, portanto era necessário cuidar também do aspecto moral, não somente do físico – especialmente com as crianças.

Diante das afirmações de que as tarefas da Casa da Vovozinha tinham um papel educativo, como última questão, quis saber o que cada um(a) dos(as) entrevistados(as) tinha aprendido, lembrando que todos(as) frequentavam a instituição há mais de dez anos. Essa pergunta serviu para verificarmos, especialmente, o significado atribuído à educação, bem como para buscar subsídios para compreendermos a relação entre corpo e espírito nas ações educativas da União Espírita.

Nesse sentido, quando perguntei a ZAP sobre o seu aprendizado na Uedac, ela afirmou que:

O que eu mais entendi durante todo esse tempo é que eu tinha muitos erros a corrigir. Eu percebi muitos erros, eu acho que me achava completa, totalmente bem orientada e vi quanto eu tinha de

procedimentos que estavam fora dos ditames e que aprendi também a me corrigir durante todo esse tempo que é que nós chamamos reforma íntima, é quando você percebe o que você está diferente das pessoas, quando você percebe que você não está sentindo a realidade da vida, aquilo que lhe compete, quando você percebe a causa de tudo que acontece que é você próprio, é o seu procedimento, é o seu erro. O que eu mais aprendi aqui foi a me conhecer, a me ver, e aprendi também que eu posso ser boa, que eu posso doar, que eu posso fazer alguma coisa, coisa que eu não acreditava que eu pudesse, me transformar. Eu acho que eu já tenho dentro de mim um conceito de mim própria diferente, eu já me acho com alguma possibilidade de ajudar, eu já me amo mais nesse sentido, eu já me vejo mais útil para as pessoas, eu já me vejo mais necessária até para a sociedade como um todo. Então, eu aprendi a me conhecer principalmente. (ZAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

O aspecto do autoconhecimento já havia sido colocado por Sócrates quando nos recomendou: “homem, conhece-te a ti mesmo”, fazendo-nos refletir que a nos-

sa educação tem início com o conhecimento de nós mesmos. Outro entrevistado igualmente referenciou o autoconhecimento nesse processo educativo na Casa da Vovozinha, como também destacou a continuidade do nosso aprendizado:

Nós estamos sempre aprendendo, [...] porque o aprendizado é infinito [...]. E estamos sempre aprendendo, cada vez mais eu me conscientizo, nesse aprendizado, o pobre espírito que sou, quanto defeito. Eu vou até agradecendo porque é um processo de autoconhecimento. Às vezes a gente pede a Deus uma coisa importante, que nós temos vergonha e, muitas vezes, eu fui pego no flagra de determinados hábitos, determinados pensamentos, determinadas posturas que não é cristã. E aí, eu verifico, assim, o quanto ainda preciso, nesse aprendizado, ser perseverante, ser paciente, porque uma das coisas importantes, ninguém se transforma do dia pra noite. Isso é uma beleza que a doutrina, e que a Casa nesse sentido, na sua forma pedagógica de ensinar propõe às criaturas, que cada um se esforce nesse autodescobrimento. Eu vejo que muito tenho ainda a aprender, todos nós temos, mesmo que partindo dessa vida pra outra, o aprendi-

zado continua, ele segue, o aprendizado é eterno. Nós vamos em direção ao infinito sempre aprendendo. (MAGP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Nesse aspecto do aprendizado infinito, lembramo-nos de Freire (1996, p. 55) quando fez referência ao inacabamento do ser humano, afirmando que, “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente”. Daí a necessidade de todos passarmos pelo processo de educação.

RGL destacou que o seu aprendizado estava relacionado ao esclarecimento consolador da doutrina espírita, pois:

Quando eu vim entender muitas coisas na minha vida, me questionava muito, por que eu passei por tantas decepções, por que eu sofria tanto, se eu nunca causei transtornos às outras pessoas? Por que essas pessoas faziam isso comigo? E aí foi quando na doutrina espírita eu entendi tudo isso. A doutrina vem nos esclarecer com muita segurança, com muita clareza o porquê dessas decepções que a gente passa na encarnação atual. Isso pra mim foi de suma importância, daí por diante acabou-se. Eu tenho a

mesma vida, os sofrimentos são os mesmos, as decepções continuaram, mas a minha maneira de ver, de enfrentar tudo isso foi totalmente diferente, tá sendo assim muito mais leve, o fardo tá sendo muito mais leve. (RGL. Entrevista concedida em setembro de 2005)

AFS (entrevista concedida em setembro de 2005) lembrou-se dos princípios básicos do espiritismo, destacando que:

Apreendi muito na minha maneira de viver, de agir e de pensar, que eu antes de ser espírita, eu praticamente não tinha religião. Eu frequentava a igreja católica, mas sem nenhum interesse, sem nenhuma boa vontade e sem aprender nada, porque realmente a igreja católica no sentido espiritual nada ensina, porque nega todos esses ensinamentos que Jesus ensinou. Ela distorce tudo que Jesus nos ensinou, disse que não existe espírito, que não existe alma, que não existe reencarnação, que só temos uma vida, só temos uma existência, e nós sabemos que temos milhões de existências, que o espírito precisa se purificar de seus débitos, de suas culpas que ele pratica nesse mundo e só pode pagar esses débitos

não é no inferno e nem no céu, ele paga aqui na Terra.

MRAM (entrevista concedida em setembro de 2005) observou que a mudança não depende unicamente do conhecimento adquirido nos postulados espíritas, porém enfatizou: “nós aprendemos que o processo de transformação, ele vai de acordo com o grau de esforço que cada um empreende na vida”. Nessa perspectiva, Descartes (1991b, p. 17) argumentou que o soberano bem, representado pela virtude e pela beatitude, “não mais residirão na posse do verdadeiro, donde resulta irresistivelmente a ação boa, mas do esforço para chegar a tanto”.

O aprendizado das virtudes, a exemplo da humildade e do amor, foi ressaltado por MLSF e MLBO, ao afirmarem:

Aprendi a ser mais humilde, compreender mais meu próximo [...]. Sempre eu procuro trabalhar em equipe, então hoje eu divido, quer dizer, o egoísmo pra mim já não existe tanto quanto nas outras vezes nos anos atrás. Hoje eu sou mais humilde, hoje eu sei o que é que eu quero, hoje eu sinto a dor do meu semelhante, que antes sentia, mas não tinha essa sensibilidade tão grande. Foi isso que a doutrina espírita me ensinou e tá me ensinando cada vez mais. (MLSF. Entrevi-

ta concedida em setembro de 2005)

Tenho aprendido a amar o meu próximo muito, que o meu amor era bem restrito. Tenho aprendido muita coisa com respeito à humildade, eu era uma pessoa muito crítica. Hoje, eu procuro me policiar muito, ver sempre as qualidades, são as coisas que eu mais procuro me policiar, é na parte da crítica, é na parte da humildade. E, assim, o amor da gente a cada dia parece que aumenta, né. A gente vai, assim, querendo bem, eu pensava que o meu amor era minha família, era limitado, só na minha parte consanguínea. E aqui eu aprendi a amar muita gente incondicionalmente, sem procurar retorno, amar como Jesus nos ensina amar, indistintamente. (MLBO. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Paulo Freire também teve a preocupação de nos alertar sobre a necessidade das virtudes nas práticas educativas progressistas. Para ele:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade

à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 136)

Reforçando o aspecto da humildade, Freire (Ibid., p. 137) defendeu que:

É preciso afirmar que ninguém pode ser humilde por puro formalismo como se cumprisse mera obrigação burocrática. A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.

Descartes (1991b, p. 17) igualmente abordou o caráter das virtudes, pois o conhecimento das regras morais ficou substituído pela atividade de seguir a virtude, sendo esta ação definida como “ter uma vontade firme e constante de executar tudo o que julgarmos ser o melhor e de empregar toda a força de nosso entendimento em bem julgar”. A esse propósito, percebi que a aquisição da virtude estava condicionada ao esforço pessoal do ser humano.

Conforme as afirmações de MAGP (entrevista concedida em setembro de 2005), a tarefa da doutrina espírita era fomentar essas virtudes, porque

A doutrina, num processo educativo, leva o homem a raciocinar do que ele vai fazendo com o seu esforço de substituir os seus defeitos por virtudes. Essas virtudes, conforme a própria doutrina, é orientado aqui na nossa Casa, elas estão adormecidas em cada criatura.

A respeito dessa troca dos defeitos por virtudes, ao ressaltar a práxis freireana de educador popular, Calado (2000, p. 61) lembrou

Sua força transformadora, sempre a buscar converter limites em virtudes, recolhendo pedras de tropeço e delas se servindo como tijolos do grande edifício de uma Utopia libertária, que faça justiça às aspirações mais generosas do Gênero Humano.

O aspecto da educação da alma e da mudança de comportamento foi lembrado por GND (entrevista concedida em setembro de 2005), quando disse:

Então aqui eu aprendi o melhor, a viver, foi aqui na Casa da Vovozinha aonde eu encontrei, eu posso dizer que isto aqui foi para mim um oásis, onde eu aprendi educar a alma, aprendi educar esta alma. Educar esta alma é mudar de com-

portamento, porque eu era uma alma, se eu sou imperfeita, eu ainda fui mais imperfeito ainda, porque eu não tinha paciência, eu não tinha resignação, eu não era tolerante, eu era agressivo. Hoje eu não tenho mais esses maus costumes, tudo são maus costumes que chamam de pecado. Pecados são maus costumes. Não sou perfeito, mas, hoje, eu sou um outro homem. Eu me considero, para o tempo que eu passei aqui, a vida que eu passava no meio militar, eu como graduado não respeitava meus semelhantes. Depois, quando eu aqui passei para o espiritismo aprendi respeitar meus insubordinados. Eles se admiravam de mim, do meu comportamento, como eu tinha mudado muito.

A importância de olhar para dentro de si mesma e a aprendizagem da prática do bem foram destacadas no aprendizado de TAS (entrevista concedida em setembro de 2005):

Aprendi muita coisa. Acho que uma das coisas que me marcou muito que eu aprendi foi que a gente deve se importar mais com a nossa vida, do que com a vida dos outros, foi uma das coisas que eu mais aprendi, uma das coisas mais

importantes, né. Quando a gente começa a olhar pra si mesmo, a gente termina esquecendo um pouco a vida dos outros e vendo mais os nossos defeitos, tentando cuidar mais deles, tentando tirá-los um pouco de dentro da gente. Outra coisa também, eu aprendi a fazer o bem, a ser mais caridosa, a me colocar mais no lugar da outra pessoa, antes de tentar fazer alguma coisa. E aí eu vou poder discernir se vai ser bom ou ruim, quando a gente se coloca no lugar do outro. As principais coisas foram essas.

Em face desses aspectos relacionados ao aprendizado adquirido na casa espírita, apenas uma das entrevistadas fez referência à educação do corpo e do espírito, posicionando-se nesses termos:

Aprendi que a educação é a base fundamental para o nosso crescimento, tanto no que diz respeito à matéria como, e principalmente, no que diz respeito ao espírito, porque se nós somos criaturas educadas, nós temos mais oportunidades de atuações, nós temos mais oportunidades de fazer o bem. Então, tudo em que fui participando nesta Casa, foi ficando, assim, um registro marcante de que, como colaboradora direta de Deus,

eu tenho a obrigação, em todas as esferas desta sociedade, de deixar uma colaboração direta, seja através da elaboração de pensamentos, dar o esclarecimento através da fala e, principalmente, através do exemplo. (MJAP. Entrevista concedida em setembro de 2005)

Pelo que foi acima esboçado, percebemos que algumas práticas educativas desenvolvidas pela Casa da Vovozinha foram consideradas libertadoras. Dessa forma, estavam contribuindo para promover uma formação ética, de modo a libertar o ser humano da sua condição de inferioridade moral através da aquisição das virtudes. Por virtude estamos considerando a demonstração apresentada por Espinosa (1979, p. 240) de que é a “própria potência humana que é definida só pela essência do homem, isto é, que se define só pelo esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar no seu ser. Logo, quanto mais cada um se esforçar por conservar o seu ser, tanto mais é dotado de virtude”.

Para Espinosa (Ibid.), a virtude estava relacionada à capacidade de resistir às paixões, sendo que estas não eram consideradas boas nem más, pois são inerentes aos homens, e por este motivo tornam-se inevitáveis, agindo como molas propulsoras do aperfeiçoamento moral. A virtude era a força para ser e agir autonomamente, saindo da passividade para o campo da atividade. Portanto, agir por virtude é atuar sob a direção da razão, de acordo com a sua própria natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após trilhar os caminhos desta pesquisa, chegou o momento de tecer algumas considerações sobre as questões que serviram de eixo para o percurso realizado, fazendo uma avaliação do trabalho e levantando alguns possíveis questionamentos que o campo empírico apontou com relação ao meu objeto de estudo. No começo da pesquisa, tinha muitas certezas sobre as práticas educativas da Casa da Vovozinha. No entanto, uma vez tomada a decisão de adentrar com mais profundidade nas esferas dessa instituição, aprendi que, apesar do esforço, não há como externalizar as mudanças processadas ao longo dessa jornada nas minhas convicções. Tentei condensar os saberes teóricos e os populares, em um trabalho que pudesse ser referencial para a academia e/ou para interessados(as) no assunto.

A União Espírita Deus, Amor e Caridade, mais conhecida como Casa da Vovozinha, apresentou uma riqueza material muito grande. Após defini-la como objeto de estudo, relacionado à análise das suas práticas educativas, percebi com mais clareza que a dimensão do ensino movia essa instituição. Apesar disso, considere impossível tratar essa questão da educação sem relacioná-la com os aspectos doutrinários do espiritismo, especialmente naquilo que se referia aos princípios filosóficos e religiosos do conhecimento espírita. A aproximação com o campo de

pesquisa me levou a dialogar com pesquisadores que discutiam os aspectos relacionados a ela.

Em face do exposto, elegi quatro conceitos essenciais que serviram como sustentáculos deste trabalho. Primeiro, um aprofundamento sobre o conceito de educação, seguido imediatamente de um estudo sobre as práticas educativas não formais, ambos analisados conjuntamente, por estarem implicados um com o outro. Esses dois conceitos nada mais eram do que o cerne da minha pesquisa, visto que não podemos conceber práticas educativas em uma instituição de caráter religioso sem envolver o conceito de educação. Outro conceito que elegi foi o de práxis, relacionado ao sentido da ação movida por um processo de reflexão, a partir da prática das virtudes. A relação entre corpo e espírito foi o quarto conceito, escolhido em razão de serem os principais recursos utilizados pelo ser humano em seu processo educativo.

Sendo assim, para alcançar o primeiro objetivo específico, iniciei fazendo uma retrospectiva histórica da Uedac, buscando contextualizar a sociedade paraibana da época em que foi fundada essa instituição, como também identificando as razões que desencadearam sua fundação. Para tanto, fiz uso das técnicas da história oral, a partir das memórias de um de seus fundadores, o senhor DSS. Nesse sentido, pude perceber alguns aspectos que mereceram uma recapitulação neste momento conclusivo. A União Espírita surgiu em 1931, da mesma forma que outros centros espíritas, ou seja, a partir de reuniões em casa de uma família,

com o culto do evangelho no lar e práticas mediúnicas. Não existia preocupação de se fazer proselitismo, apenas se estudavam os postulados espíritas e se realizavam serviços assistenciais.

Diante de tantas lutas políticas, de difícil situação social e econômica, de debates intelectuais, características da década de 1930, o senhor DSS afirmou o caráter apolítico dos espíritas, apesar de serem pessoas simples, pequenos empresários, operários. Portanto, pude questionar se havia ou não participação desses frequentadores nas mobilizações por melhores condições de vida, de salário, pela liberdade de expressão, haja vista que alguns historiadores paraibanos, a exemplo de Mello (1996) e Silveira (1999), fizeram referência à participação de espíritas na Liga Pró-Estado Leigo. No entanto, o senhor DSS não se lembrou do nome de nenhum participante dessa liga. Embora o movimento espírita tenha começado de modo incipiente, questioneei até que ponto as lutas sociais, políticas e econômica não influenciaram o surgimento da Casa da Vovozinha.

Portanto, se eu estava buscando relacionar a fundação da Uedac com a crise social, política e econômica vivida pela sociedade paraibana em 1931, pude perceber os inúmeros silêncios que compuseram esse período histórico. Constatei também que a população se encontrava carente de auxílio material, mas sobretudo de conforto e de consolo para suas angústias, sendo o trabalho assistencial desenvolvido pela instituição um ponto de socorro para essas criaturas aflitas.

Uma vez colocadas essas considerações e diante das questões que não obtiveram respostas, fiquei com a certeza de que é necessário prosseguir nas investigações, analisando outros acontecimentos da historiografia paraibana, como também buscando diferentes fontes de pesquisa: jornais da época, historiadores, entre outras. Levantei, de início, alguns fatos considerados dos mais impactantes na história da Paraíba, a fim de situar os principais dilemas com que se defrontaram os fundadores da Casa da Vovozinha, por exemplo: a conjuntura de governo dos interventores estaduais, o papel da Constituição de 1934, garantindo a liberdade de expressão, o movimento operário e a influência da Igreja Católica sobre a mentalidade das pessoas.

Após a retomada da história, ou seja, dos fatos sociais, políticos e econômicos que caracterizaram a sociedade paraibana, investiguei a administração e o funcionamento da Casa da Vovozinha, analisando atas, estatutos, entrevistas e fotos. Verifiquei um dado importante dentre as informações referentes aos objetivos, sócios, assembleias gerais, departamentos, conselho fiscal, administração e suas atribuições: todos os cargos assumidos eram exercidos de modo voluntário – não havia remuneração para nenhuma pessoa que estivesse assumindo uma função na instituição espírita. Isso me chamou atenção em virtude da dedicação e da renúncia demonstrada nessa atitude por aqueles que desempenhavam tarefas administrativas na Uedac.

Depois dessa retrospectiva histórica, objetivei identificar uma relação entre a doutrina espírita e a

educação. Verifiquei que o espiritismo trouxe uma proposta educativa, se compreendermos que esse processo representava um desabrochar das potencialidades humanas, no que dizia respeito ao aprendizado moral e intelectual. Percebi também que a educação podia ocorrer em todas as instâncias da vida humana e não apenas nos ambientes formais de ensino. Com isso, acreditei que a educação espírita, baseando-se nos postulados da educação popular, como o diálogo, a liberdade e o amor, poderia ajudar o ser humano nesse processo de aprendizagem e aperfeiçoamento. Como dizia Paulo Freire (1996), somos seres inacabados e temos consciência dessa inconclusão; por isso a educação assumiu um papel importante. Também tive a certeza de que, em estudos subsequentes, outros princípios poderão ser analisados e discutidos, a partir da hipótese de que no processo da educação espírita há relação com a educação popular.

Dessa forma, tive a consciência de que algumas questões ainda continuavam sem respostas, indicando a necessidade de investigar, em estudos posteriores, outras fontes de informação, como depoimentos de partícipes do processo educativo desenvolvido pelo movimento espírita da Casa da Vovozinha. Com isso, haverá a possibilidade de verificar a abordagem metodológica e os conhecimentos compartilhados entre educandos e educadores, no que diz respeito à pedagogia do diálogo e ao princípio da liberdade.

No processo de educação, a relação entre corpo e espírito mostrou-se fundamental, pois o ser humano

precisava da existência corporal para essa aquisição. Nesse sentido, objetivei levantar concepções de corpo e espírito, discutindo sobre a relação entre esses elementos. Contudo, constatei uma ênfase no espírito em detrimento do corpo, reafirmando o dualismo cartesiano, o qual separava-os claramente. Sabemos que esses dois elementos apresentavam características diferenciadas, sendo que o corpo servia como instrumento do espírito, tendo em vista o seu aperfeiçoamento na Terra. Essa constatação permitiu-me identificar uma concepção cartesiana no entendimento da relação entre corpo e espírito apresentada pela doutrina espírita. Não estou, aqui, defendendo um culto exacerbado ao corpo, mas ressaltando a necessidade de equilíbrio na educação do ser humano, a qual, segundo Rousseau (1995), começava com o cuidar – daí a importância de cuidar do corpo e do espírito, conforme alertou Kardec (1977).

Diante dessas constatações, o objetivo central da minha pesquisa era analisar as práticas educativas da Casa da Vovozinha. Sendo assim, conclui que, dentre as inúmeras atividades realizadas pela instituição, todas foram consideradas de caráter educativo. Desde os encontros, as palestras, os cursos, os simpósios, a livraria, a biblioteca, até a Jornada da Mulher Espírita da Paraíba, todas as atividades tinham a preocupação com o estudo e a divulgação da doutrina espírita. Além do serviço assistencial em suas variadas ações, como as visitas assistenciais a hospitais e a distribuição de cestas básicas, como também o ESDE, a evangelização

de crianças e jovens e o estudo e a educação da mediunidade constituíam-se em práticas educativas.

Mereceu o nosso destaque o auxílio prestado às idosas através do Internato Casa da Vovozinha, que desde 1959 emprestou seu nome à instituição espírita, tornando-a conhecida em todo o estado da Paraíba. O trabalho realizado com as vovós representou um processo educativo para aqueles que prestavam auxílio às albergadas – numa convivência de amor com essas pessoas abandonadas por seus familiares –, como também para as idosas, uma vez que elas participavam de atividades educativas, como culto do Evangelho, tratamento espiritual e palestras. Para manutenção dessas atividades, igualmente destaquei a tarefa educativa da Campanha do Quilo, através da qual seus participantes saíam pelos bairros da cidade de João Pessoa pedindo em nome do serviço assistencial da Casa da Vovozinha, exercitando a humildade e a paciência, num aprendizado contínuo das virtudes morais.

Tal como essas atividades, algumas outras foram ressaltadas por sua característica eminentemente educativa, utilizando-se de procedimentos pedagógicos e sistematizados, a exemplo da evangelização infantojuvenil. Evangelizar as novas gerações é ação educativa por excelência, representando um investimento máximo para a criação de uma nova ordem social baseada na fraternidade e na solidariedade humanas, conforme destacou Durkheim (1977).

Contudo comprovei a necessidade de investigar com maior profundidade o trabalho de evangelização

desenvolvido pela Casa da Vovozinha, com as crianças socialmente carentes das comunidades circunvizinhas à instituição, como também com as mães, por acreditar que o objetivo da transformação só seria possível com a participação da família. Essa atividade pareceu não representar apenas um trabalho assistencial, mas sobretudo educativo.

Da mesma forma, identifiquei na realização do ESDE um dos maiores responsáveis pela formação de trabalhadores(as) com uma sólida base doutrinária. Seus objetivos estavam voltados para a apropriação, por parte do(a) integrante, do conhecimento doutrinário no seu tríptico aspecto, científico, filosófico e religioso, como referência ou base para sua reforma íntima, ou seja, sua mudança de comportamento. Nesse ponto, encontrei o seu caráter educativo e regenerador.

A realização do estudo e da educação da mediunidade também foi apresentada como uma ação educativa. Considerei essa atividade a mais específica, tendo em vista suas características peculiares, voltadas para um aprofundamento em torno dos pressupostos da faculdade mediúnica, bem como seu exercício, à luz dos esclarecimentos evangélico-doutrinários. Possuía caráter educativo à medida que buscava a formação do(a) médium em bases que favorecessem a autodisciplina, o processo de autoconhecimento e de transformação moral no exercício da mediunidade.

Também verifiquei que as palestras públicas, práticas baseadas na oralidade, igualmente objetivavam esclarecer, consolar, sensibilizar e estimular os ouvintes.

tes a estudar, a se engajar em programas de assistência fraternal ao próximo e a refletir sobre a vida e a respeito das leis divinas que regiam a existência humana na sua trajetória em busca do aperfeiçoamento. Para tanto, precisava compreender que essa perfectibilidade era fruto da nossa herança divina, conforme asseveraram Descartes (1991b) e Rousseau (1995). Essa tarefa foi considerada educativa pelos objetivos de suscitar no ouvinte o desejo de mudança consoante os paradigmas evangélicos e doutrinários.

Como pude observar, a tarefa da Casa da Vovozinha era envolver seus integrantes numa atmosfera de autoeducação permanente, através da conquista de um novo olhar sobre a vida, buscando um sentido que deveria auxiliar a cada um de nós na construção de uma sociedade melhor, a partir da aquisição de uma moral baseada em um sentido ético de amor ao próximo e da prática do bem. Nesse sentido, Gregório (2015), citando Kant, entendia a ética de modo autônomo, quer dizer, ditada pela própria consciência moral, e não por qualquer instância alheia ao eu. Portanto esse sentido da moral não representava algo que viria de fora, mas aquilo que o homem traria dentro de si mesmo. Esse foi o sentido da educação vislumbrado neste estudo.

O comportamento ético não consistia exclusivamente em fazer o bem a outrem, mas em exemplificar em si mesmo o aprendizado recebido. Era o exercício da paciência em todos os momentos da vida, da tolerância para com as faltas alheias, do silêncio ante uma ofensa recebida. Esse é o verdadeiro sentido da práxis

freireana: vivenciar cotidianamente o aprendizado recebido, através de ações baseadas em um processo de reflexão, a fim de não representar simples verbalismos ou processos ativistas.

Além desses aspectos, percebi uma questão de fundo nesse trabalho, a qual estava referenciada em “para que educar”, ou seja, qual o sentido da educação. Para respondê-la, precisei extrapolar as características institucionais, os sistemas educacionais, a metodologia e os sistemas de avaliação. Nesse sentido, os processos educativos presentes na Casa da Vovozinha buscavam desenvolver dois elementos fundamentais: a caridade e a educação mediúnica. Era necessário aprender a ser caridoso e a auxiliar os que sofriam, porque ninguém nascia caridoso; era preciso um processo educativo que desenvolvesse a atitude de fazer a caridade e de ter compaixão pelo outro. Sendo assim, a Escola do Quilo, responsável pela orientação dada aos “legionários” da sua Campanha, ensinava esse saber, ou seja, como ser caridoso, e também todos os demais processos educativos desenvolvidos na instituição.

Outro elemento fundamental era a educação da mediunidade, a qual representava o ponto de distinção entre o espiritismo e as outras doutrinas cristãs, a ponte de ligação entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Apesar de ser uma faculdade inata do ser humano, educá-la era uma necessidade com vistas à aquisição de um aperfeiçoamento moral, sobretudo no momento em que vivemos uma crise dos valores dessa ordem. Embora a existência corporal fosse apenas

uma passagem, através desse acesso – da possibilidade de voltar a novas existências no processo contínuo de aprendizado das virtudes – é que se poderia exercer a evolução moral, essa prática da caridade com vistas à evolução do espírito.

Mediante a presença dessa variedade educacional, a nosso ver, identifiquei duas importantes dimensões de práticas educativas libertadoras entre as atividades desenvolvidas pela Casa da Vovozinha: a ética e a solidariedade – entendendo a libertação no sentido do melhoramento moral, da troca das nossas limitações por virtudes, conforme alertou Calado (2000) ao se referir à práxis de educador popular de Paulo Freire. No entanto, essa constatação não me impediu de levantar alguns questionamentos: até que ponto essas práticas educativas realmente contribuíam para a aquisição das virtudes? Como poderia verificar essa aquisição? De que forma essas atividades consideradas educativas utilizavam, de fato, uma metodologia baseada no diálogo, na liberdade e no amor? Esses questionamentos poderão representar outros temas e aspectos a serem explorados em relação ao objeto de estudo em pesquisas posteriores.

Muitas informações não foram aqui analisadas nem citadas devido à falta de tempo para investigá-las e aprofundá-las, embora a vontade e a motivação não faltassem. Apesar da necessidade de colocar um ponto final na apresentação desta pesquisa, o encantamento e a paixão pela temática continuam e, quiçá, novos mergulhos nesse mundo poderão ser ousados brevemente.

Por ora, resta dizer que a educação se fez presente nas atividades observadas durante a realização desta pesquisa na Casa da Vovozinha – uma educação voltada à formação holística do Ser, que não se limitava apenas a educar o corpo, mas sobretudo o espírito –, o que foi possível depreender mediante a análise da conjuntura histórica, política e social desde seu surgimento até os dias atuais, deslindando os meandros que marcaram a existência dessa instituição.

REFERÊNCIAS

A Imprensa. João Pessoa, 8 nov. 1935.

AGUIAR, Wellington. **A velha Paraíba nas páginas de jornais.** João Pessoa: A União, 1999.

ALMEIDA, Alberto. In: MOVIMENTO DE INTEGRAÇÃO DO ESPÍRITA PARAIBANO – MIEP, 32., 2005, Campina Grande. **Espíritas, amai-vos e instruí-vos.** Campina Grande: MIEP, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Unesp, 1998.

ALVES, Walter Oliveira. **Educação do espírito:** introdução à pedagogia espírita. Araras, São Paulo: IDE, 1997.

ANDALÓ, Carmen Sílvia de Arruda. **Fala professora:** repensando o aperfeiçoamento docente. Petrópolis: Vozes, 1995.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo à brasileira. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ARISTÓTELES. **A política.** Tradução Nestor Silveira

Chaves. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--].

_____. *Ética a Nicômaco*. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ASCESE. In: MINIAURÉLIO século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: Unimep, 1995.

AZEVEDO, Israel Belo. **O prazer da produção científica**: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. Piracicaba: Unimep, 1995.

BARBOSA, Pedro Franco. **Espiritismo básico**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

BÍBLIA. N. T. Romanos 7: 23-25. Trad. do Novo Mundo. Wallkill, NY: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. DICIONÁRIO de política. Tradução Carmen C. Varrialle et al. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1995.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: **ética do humano. dh-net**. [S.l.], 1 fev. 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/>

UEGbxg>. Acesso em: 25 out. 2005.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

BRASIL. Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 19 fev. 1998. Seção 1, p. 2.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Tecelão da utopia: uma leitura transdisciplinar de Paulo Freire**. Caruaru: FAFICA, 2000.

_____. **Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade**. Caruaru: FAFICA, 2001.

CAMARGO, Pedro. **O mestre na educação**. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

CAMARGO, Jason. **Educação dos sentimentos**. Porto Alegre: Letras de Luz, 2003.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Educar o homem ou o cidadão? In: CAMINHA, Iraquitã de Oliveira; AQUINO, Mirian de Albuquerque (Orgs.). **Cantoria de parais: educação, cultura e informação**. João Pessoa: UFPB, 2003, p. 11-23.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papirus, 1999.

DECCA, Edgar Salvadori. **1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Questões teórico-metodológicas da história da educação. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e história da educação**. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 65-78.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1997.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da**

dor. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991a. (Os Pensadores).

_____. **Discurso do método**. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991b. (Os Pensadores).

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1959.

DURKHEIM, Émile. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, p. 25-56.

_____. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Traduções Marilena de Sousa Chaui et al. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

FÁVERO, Osmar (Org.). Movimento de educação de base. In: _____. **Cultura popular e educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FERNANDES, Magali Oliveira. **Um herói brasileiro no universo da edição popular**: Chico Xavier. São Paulo, Annablume, 2008.

FONTANELLA, Francisco Cock. **O corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba: Unimep, 1995.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Lampadário espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

FREIRE, João Batista. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

_____. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 1998.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GARCIA, Regina Leite. Movimentos sociais: escola – valores. In: _____ (Org.). **Aprendendo com os movimentos sociais.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-16.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Carlos Luiz; PIMENTA, Selma Garrido. **Revendo o ensino de 2º grau**: propondo a formação de professores. São Paulo: Cortez, 1990.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Ética e responsabilidade. Portal do Espírito**, São Paulo, 21 jul. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/mVvNNA>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e vida das oligarquias**: Paraíba (1889-1945). João Pessoa: UFPB, 1994.

HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: a educação no Brasil (1930 – 1945). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

INCONTRI, Dora. **A educação segundo o espiritismo**. Bragança Paulista: Comenius, 2003.

_____. **Pedagogia espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Comenius, 2004.

JOÃO PESSOA. Lei nº 1.946 de 30 de maio de 1974. Reconhece de utilidade pública o Internato “Casa da Vovozinha” e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de João Pessoa**, João Pessoa, 30 maio 1974.

JUVENAL. **Satires**. Tradução Pierre de Labriolle e François Villeneuve. Paris: As Belas Letras, 1950.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

_____. **O livro dos médiuns**. Tradução Eliseu Rignatti. São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora, 1979.

_____. **O livro dos espíritos**. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1987a.

_____. **O céu e o inferno**. Tradução Manuel Justiniano Quintão. Rio de Janeiro: FEB, 1987b.

_____. **A gênese**. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KULESZA, Wojciech A. **Comenius**: a persistência da utopia em educação. Campinas: Unicamp, 1992.

LE BOULCH, Jean. **Rumo a uma ciência do movimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1995. v. 3.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Pedagogia e pedagogos**: para que? São Paulo: Cortez, 2001.

LOBO, Ney. **Espiritismo e educação**. Vitória: Fespe, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe; escritos políticos**.

Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo... e mente.** Campinas: Papirus, 1989.

MELLO, José Octávio de Arruda; AGUIAR, Wellington. **Uma cidade de quatro séculos:** evolução e roteiro. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

MELLO, José Octávio de Arruda. **João Pessoa perante a história:** textos básicos e estudos críticos. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1978.

_____. **História da Paraíba:** lutas e resistência. João Pessoa: UFPB, 1996.

MELO NETO, José Francisco. Educação popular: uma ontologia. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MELO NETO, José Francisco (Orgs.). **Educação popular:** outros caminhos. João Pessoa: UFPB, 1999, p. 31-75.

_____. **Educação popular:** enunciados teóricos. João Pessoa: UFPB, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Gamma, 1971.

JUVENAL. **Satires.** Tradução Pierre de Labriolle e

Françis Villeneuve. Paris: As Belas Letras, 1950.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

_____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação física e esportes**: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1992.

MORIN, Edgar. **O método III**: o conhecimento do conhecimento. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

NAGLE, Jorge. Questões relativas à trajetória da pesquisa em história da educação no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e história da educação**. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 115-130.

NOBRE, Marlene Rossi Severino. **A obsessão e suas**

máscaras: um estudo da obra de André Luiz. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Corporeidade e educação física:** do corpo-objeto ao corpo-sujeito. Natal: EDUFRN, 2000.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária:** mestra ou tia. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1984.

PARAÍBA (Estado). Lei nº 3.751 de 04 de junho de 1974. Reconhece de utilidade pública, o Internato “Casa da Vovozinha”. **Diário Oficial do Estado da Paraíba**, Paraíba, 11 jun. 1974.

PARAÍBA (Estado). Estatutos da União Espírita Deus, Amor e Caridade, de 2 de novembro de 1982. **Diário Oficial do Estado da Paraíba**, Paraíba, 5 mar. 1983.

PEREIRA, Yvonne A. **Memórias de um suicida.** Rio de Janeiro: FEB, 1991. ano retificado.

PEREIRA, Antonio Alberto. **Além das cercas:** um olhar educativo sobre a reforma agrária. João Pessoa: Ideia, 2005.

PINTO, Luís. **Fundamentos da história e do desenvolvimento da Paraíba.** Rio de Janeiro: Leitura, 1973.

PIRES, J. Herculano. **Pedagogia espírita**. Juiz de Fora: Editora J. Herculano Pires, 1990.

PORTELA, Miriam. Como encontrar os pequenos Cristos? Amando-os a todos! Folha Espírita, São Paulo, p. 3, jun. 2002.

PLATÃO. Fédon. In: _____. **Diálogos II**: Fédon. Sofista. Político. Rio de Janeiro: Ediouro, [198-].

_____. **A república**: diálogos. Tradução Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1964.

_____. **A república**: diálogos. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

PORTASIO, Manuel. **Fora da educação não há salvação**. São Paulo: DPL Editora, 2002.

QUENTAL, Anthero. Alma e corpo. In: XAVIER, Francisco Cândido. **Relicário de luz**. Rio de Janeiro: FEB, 1979, p. 14.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1992.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Luiz Dias. Como se conceitua a educação popular? In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MELO NETO, José Francisco. **Educação popular**: outros caminhos. João Pessoa: UFPB, 1999, p. 11-31.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução Lourdes Santos Machado. Porto Alegre: Globo, 1973. (Os Pensadores).

_____. **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. **Com a palavra, a professora**: suas crenças, suas ações. Campinas: Alínea, 1998.

SANTIN, Silvino. **Educação física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições; Esef – UFRGS, 1996.

SCOCUGLIA, Afonso Celso; MELO NETO, José Francisco. **Educação popular**: outros caminhos. João Pessoa: UFPB, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Estrutura de poder na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.

UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE/CASA DA VOVOZINHA. **Atas de Assembleias 1950-2005**. João Pessoa, 2005.

UNIÃO ESPÍRITA DEUS, AMOR E CARIDADE. **Estatutos**, João Pessoa, 19 jun. 1946.

_____. **Estatutos**, João Pessoa, 2 nov. 1982.

_____. **Estatutos**, João Pessoa, 2 jan. 2004.

_____. **Regimento Interno**, João Pessoa, 16 maio 2005.

VIEIRA, Waldo. **Conduta espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1985.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar**. Educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984.

XAVIER, Francisco Cândido. **Caminho, verdade e**

vida. Rio de Janeiro: FEB, 1948.

_____. **Livro da esperança.** Uberaba: Edição CEC, 1979a.

_____. **Relicário de luz.** Rio de Janeiro: FEB, 1979b.

_____. **Missionários da luz.** Rio de Janeiro: FEB, 1984.

_____. **Emmanuel:** dissertações mediúnicas. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

_____. **O consolador.** Rio de Janeiro: FEB, 1991.

_____. **Vinha de luz.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.



Tipografias utilizadas:

Bookman Old Style

Calibri

Baloo Paaji

Papel da capa:

Cartão Supremo 250g

Papel do miolo:

Polen Soft 90g

Impresso na Copiart em 2018.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais.

Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.



CREUSA RIBEIRO DA SILVA LELIS é mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2006). Especialista em Pesquisa em Educação Física pela UFPB (1997). Licenciada em Educação Física pela UFPB (1996). Atualmente é Professora de Educação Física do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Campus Canguaretama. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, desenvolvendo pesquisa sobre as políticas públicas para educação indígena em uma escola indígena no Rio Grande do Norte, buscando analisar os efeitos que essas políticas provocam no processo de organização da referida escola.

Em mais de 12 anos de história, a Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.

Essa investigação analisou as atividades desenvolvidas pela União Espírita Deus, Amor e Caridade, conhecida como Casa da Vovozinha, que tivessem um caráter educativo, focalizando a relação entre corpo e espírito. A análise desenvolvida partiu de vasto material, levantado por meio de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que frequentavam e/ou ocupavam cargos na referida instituição. Esses dados foram confrontados com as informações contidas nas atas e nos estatutos e, também, com registros fotográficos. A partir do cruzamento dessas informações, foi possível constatar que a Casa da Vovozinha, fundada em um momento de grave crise social, política e econômica da sociedade paraibana, serviu não apenas de refúgio àqueles que se achavam sedentos de uma orientação espiritual, mas como espaço de aprendizagem, uma vez que as práticas desenvolvidas pela instituição estavam imbuídas, em maior ou menor grau, de um

ISBN 978-85-94137-18-0



9 788594 137180 >

